

PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS DA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE M. GERAIS

VOL. 3

ENSAIOS DE LITERATURA E FILOLOGIA

RUBENS DOS SANTOS

OSCARINO DA SILVA IVO

JOHNNY JOSÉ MAFRA

BELO HORIZONTE

1981

... ..

...

...

...

...

...

PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS DA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE M. GERAIS

VOL. 3

ENSAIOS DE LITERATURA E FILOGIA

RUBENS DOS SANTOS

OSCARINO DA SILVA IVO

JOHNNY JOSÉ MAFRA

BELO HORIZONTE

1981

**COLABORAM NESTE VOLUME OS SEGUINTEs
PROFESSORES INTEGRANTES DO
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS DA
FACULDADE DE LETRAS DA U.F.M.G.**

JOHNNY JOSÉ MAFRA, Professor de Língua e Literatura Latina no Curso de Graduação, e de Tradição Clássica, no Curso de Pós-Graduação.

OSCARINO DA SILVA IVO, Professor de Língua Latina nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação.

RUBENS DOS SANTOS, Professor de Língua e Literatura Grega no Curso de Graduação.

APRESENTAÇÃO

Um significado especial reveste a publicação deste terceiro volume dos Ensaios de Literatura e Filologia: a cristalização de um velho ideal do Departamento de Letras Clássicas de traduzir e publicar textos latinos e gregos inéditos em português ou com edições muito antigas.

A tradução da Autobiografia de Flavius Josephus representa uma excelente contribuição do Prof. Rubens dos Santos para a divulgação das letras gregas, para divulgação dos textos originais da nossa história, e particularmente para projeção das atividades do Departamento de Letras Clássicas. Em dois anos de trabalho intenso, conseguiu o professor expressar em bom português as manhas que o velhaco judeu-romano de língua grega expressara num emaranhado de anacolutos e frases incompletas.

O sentido atual das tiradas políticas de Ben Mathias explica por que o Prof. Rubens escolheu esse texto. Com a sua publicação, pensa o Departamento estar prestando excelente serviço à comunidade universitária, aos estudiosos da nossa história e da história antiga e particularmente aos que desejam conhecer a história nas suas fontes.

O significado deste volume de Ensaios de Literatura e Filologia amplia-se com a publicação de três pesquisas que representam o contato do Departamento de Letras Clássicas com o Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras. Do Prof. Oscarino da

Silva Ivo podemos ler Estrutura Métrica em Horácio e em Ricardo Reis, e o Prof. Johnny José Mafra publica Os Motivos da Lírica horaciana e a poesia de Ricardo Reis, e Porque, segundo Eliot, Camões não é um clássico. Tais trabalhos fazem parte do esforço que a Faculdade de Letras e especialmente o Centro de Estudos Portugueses e o Departamento de Letras Clássicas vêm fazendo para promover estudos de literatura comparada e mostram sobretudo a importância dos estudos clássicos no quadro comparativo das literaturas.

Com imenso prazer entrego aos senhores professores e a toda a comunidade universitária este terceiro volume de nossos Ensaios e aproveito o ensejo para publicamente registrar e agradecer o interesse com que a Diretora da Faculdade de Letras, Profª Eunice Dutra Galéry, se dispôs a ajudar o Departamento na sua publicação.

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Chefe do Departamento de Letras Clássicas

AUTOBIOGRAFIA
DE
FLAVIUS JOSEPHUS

**AUTOBIOGRAFIA
DE FLAVIUS JOSEPHUS**

COMENTÁRIO, TRADUÇÃO E NOTAS DE

RUBENS DOS SANTOS

COMENTÁRIO

I — UM AUTOR ENTRE MUITOS

O império de Alexandre, após sua morte (323 a.C), foi partilhado. Macedônia e Grécia, Síria e Trácia e Egito passaram a novas mãos sem a habilidade administrativa das antigas.

Em ronda faminta, o imperialismo voraz dos romanos vigiava presas em perspectiva.

Já, assim, em 148, após o mando da dinastia dos Antigônidas, a Macedônia e, conseqüentemente, a Grécia, curva a cabeça diante dos gládios. E sua cultura põe-se a serviço de novos amos.

Roma absorve os ensinamentos da fulgurante Acaia enquanto se prepara, pragmaticamente, para amoldá-los à sua forma.

Sob os Lágidas, o Egito, centro caracteristicamente irradiador da civilização grega, resiste ainda. Âncoras enterradas no chão de Alexandria, mantêm, aceso como o velho Farol, o espírito da Graça, da Arte, da Beleza. Mas, só até o ano 30. Porque, então, os romanos fariam chegar até lá também o poder de suas lanças e a sombra flutuante de seu vexilos.

Adeus, Grécia! Deuses em revogada deixam o Olimpo e a elegância dos templos de finas co-

lunas caneladas, em busca do mundo do nunca-mais.

Reduzida à condição de serva, a Hélade heróica curva a fronte diante dos *barbaroi*. Tenta, num último espasmo, ensinar a seus vencedores, domina pela inteligência, pela arte, pelo culto da harmonia. Mas, sob o guante dos *domini* eminentemente práticos, acaba adequando-se ao espírito dos Enéadas. E a literatura míngua. Ainda há obras de história, de filosofia, de geografia, de arqueologia. Mas a fonte da poesia morre. Castália secara.

Da conquista até o fim do 1º século, intelectuais “protegidos” escrevem em louvor dos vencedores e o espírito grego, revivificado, por um pouco sob Marco Aurélio, estiola, fenece, como herva fora da estação.

A poesia didática de Dionísio Periegeta, descrevendo geograficamente o mundo conhecido; o remanejamento das fábulas esópicas por um Bábrios de pouca inspiração, os livros de caça e pesca de Opiano tão do agrado de Caracala, além dos autores recolhidos na Antologia Palatina, do historiador Políbio, e alguns autores semeados aqui e ali em terreno sáfaro, caracterizam uma época de decadência.

De todos os autores desse tempo, um talvez possa impressionar ao leitor mais que os outros. Não por um estilo brilhante, profundo conhecimento da língua grega, que tartamudeava,¹ ou interesse universal do conteúdo. Seu valor como modelo literário é, assim, pouco importante. O interesse que desperta provém do aspecto histórico contextual, desde, é claro, que sejam todas as afirmações submetidas a crivo

1. *Contra Apion*, I-50.

rigoroso, uma vez que nem sempre sua “verdade” coincide com a realidade histórica.²

Com a tradução que, a seguir, empreendo de sua autobiografia, pretendi retrazê-lo à baila e fazê-lo, outra vez, assunto de discussão, pondo em julgamento um homem profundamente estranho e simultaneamente retrato uno de uma humanidade múltipla com sua sede de existir, de sobreviver. É uma narrativa defensiva, auto-apologética, que deixa, queira ou não, visão de um caráter (!) heterodoxo e pragmático cujas sementeiras e colheitas são lições de vida. No plano político, principalmente.

Embora grande entre os judeus, suas obras chegaram até nós somente porque a cristandade as preservou. Principalmente por haver escrito: “Anano reuniu o Sinédrio dos Judeus e, citando o irmão de Jesus, chamado O Cristo, que tinha o nome de Tiago, e a alguns outros, sob a acusação de haverem transgredido a Lei, condenou-os a serem apedrejados”.³

É o famoso *testimonium Christi* trasladado literalmente por Eusébio de Cesaréia e sobre o qual Zubiri afirma: “Las dudas que se han objetado a ese pasaje, como si se tratara de una interpolación cristiana, van perdiendo valor; el pasaje se encontra en todos los codices, y Flavio Josefo podia muy bien llamar Jesus El Cristo, recogiendo la voz popular”.⁴

2. BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique et Critique*, Desoer Librairie, Paris, 1820, Verbete *Abimelech*.

3. JOSEPHUS Flavius. *Antigüidades Judaicas*, XVIII, 63, 64; XX, 7. EUSEBIO DE CESARÉIA. *Historia Ecclesiastica*, II: 21, 23, 24. CAQUOT, André. *Histoire des Religions*, II, pág. 189, «in fine». *Ev. de S. Marcos*, 14, 40; *Ep. de S. Paulo aos Gálatas*, 1, 19.

4. ZUBIRI, Xavier. *História de Israel*, 1947, p. 399.

É ele também das poucas fontes que podemos compulsar sobre os últimos dois séculos de existência nacional do povo judeu anteriormente a 1949.

Alguns dirão que sua obra é a de um vendido, de um traidor, de um poço de vaidade. Outros pretenderão que se trata de um grande homem leal ao judaísmo. Não pretendo renovar a discussão de S.G.F. Brandon: *JOSEPHUS — RENEGADE OR PATRIOT?*, nem contradizer Thackeray no seu *JOSEPHUS — THE HISTORIAN AND THE MAN*, publicado em 1929 e nem mesmo questionar F. J. FOAKES JACKSON quanto a seu excelente *JOSEPHUS AND THE JEWS*, de 1930.

Tenho-o em conta, isto sim, de um vasto repositório de informações.

Na Idade-Média era autor de cabeceira dos grandes doutores.⁵ De Pedro Abelardo a Santo Tomás de Aquino. Na Renascença, Scaliger, Richard Montaigu e Samuel Bochart renovar-lhe-iam a importância.

Além da *AUTOBIOGRAFIA*,⁶ escreveu outros três livros: *GUERRA DOS JUDEUS*,⁷ redigido primeiramente em aramaico “para uso dos bárbaros” (judeus) “da alta Ásia, dos Partos, Babilônios, Árabes e Adiabênios”, em nove volumes publicados entre 75 e 79 e, em seguida, traduzido para o grego com ajuda dos amigos; *ANTIGÜIDADES JUDAICAS*,⁸ que pa-

5. CURTIUS, Ernest Robert. *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*.

6. *Bios* (apêndice à segunda edição de *Antigüidades*, XX, 266).

7. *Peri tou Ioudaïkou Polémou ou Peri Alóseos*.

8. *Ioudaïke Arkhatologia*.

rece um contracanto do ANTIGÜIDADES ROMANAS de Dioniso de Halicarnaso, foi escrito em 20 volumes e contém um apêndice bibliográfico dirigido aos gregos, em 93/94; *CONTRA APION*,⁹ obra contra o anti-semitismo manifestado por Apion, detrator dos judeus, já falecido na ocasião.

O que nos vai interessar aqui, com exclusão das outras obras, é apenas a *AUTOBIOGRAFIA*. Os outros três livros, quando citados, o serão apenas a título de corroboração de assertivas.

O texto grego utilizado é o de Thackeray¹⁰ que, por sua vez, se baseia no *Codex Palatinus* do séc. XIV e no *Codex Ambrosianus* (*Mediolanensis*) do século XI.

II — UMA FIGURA NUM QUADRO HISTÓRICO

Talvez José Ben Mathias pudesse ter existido em outro contexto sócio-histórico. Em qualquer idade. Não diferiria, nisso, dos outros angustiados nadadores que, sobrepondo a valores morais — como o da fidelidade à pátria — o pragmatismo predador da sobrevivência, empreendem a travessia do mar da vida em plena tempestade.

O que difere dos outros é, no entanto, seu berço, o opulento berço judaico com sua intrincada problemática de diásporas e reconvergências.

9. *Peri Tes Ton Ioudaion Arkhaiotetos*. (Título colocado por S. Jerônimo em *Adversus Iustinianum*, Ed. Vallarsi, II, p. 79).

10. JOSEPHUS. *The Life, Against Apion*, Londres; Heine-mann, 1926.

Revivendo, mesmo sumariamente, os fatos de sua época, talvez possamos situá-lo no tempo — espaço e, com isso, dar maior nitidez aos claro-escuros intencionais e preterintencionais da fotografia que faz de si mesmo, sem confundirlos com as omissões involuntárias devidas a erros de abertura do diafragma ou de velocidade no fechamento da objetiva.

Antes dos Macabeus

Para tanto, não precisamos recuar no tempo até os dias de Noé ou de Abraão em busca dos rastros do povo judeu. Perder-nos-íamos em divagações sobre problemas religiosos. Grande parte dos dados proviria da *Torah*, dos *Nebhi'im* e dos *Kethubhim* e envolve, por si só, toda uma escala de considerações hermenêuticas e dogmatismos que não se casam com as modestas intenções deste trabalho.

Voltemos até o fatídico 587 a. C., quando Jerusalém foi sitiada e incendiada pelos babilônios e os judeus deportados,¹¹ e teremos o suficiente (preâmbulo, cena e desfecho) para o prodigioso desfile de fatos e pessoas. É a visão de uma nação fabulosa que, como pó ao vento, se dispersa e, ciclicamente, em seguida — implacável Fênix — reúne-se, de novo, como a limalha nos pólos de um ímã. Se destino, se índole, como o saberíamos, já que “se fosse possível uma determinação completa do vivido, seria impossível e insípido escrever a História”?¹²

11. *La Religion d' Israel*. Ringgren, 311, Cf. André Bareu et alii. *Histoire des Religions*.

12. VEYNE, Paul. *Como se Escreve La História. Ensaio de Epistemologia*, p. 216.

Um ano antes, em 588, os caldeus haviam destruído o Reino de Judá. Era o fim da monarquia hereditária que valera a Judá momentos de grandeza inesquecível e lhe havia, bem ou mal, assegurado quatro séculos de independência política.¹³

Milhares de judeus, expulsos de seus lares, vagueiam pelos oásis, pelos raros campos de pastoreio. Muitos deles dirigem-se para a Babilônia, onde, sob os Aquemênidas, Selêucidas e Sassânidas, reconstroem sua vida e, algumas gerações depois, esquecidos dos preceitos bíblicos, perdido o fervor religioso, levam vida tranqüila, porque obscura. Ricos, acomodados, ciosos de sua segurança alguns. Outros, mais pobres, fiéis à velha Lei, sonham, nostálgicos, com as águas do Jordão.

Põem-se a caminho, sob as vistas complacentes dos babilônios, regressam à Palestina onde passam a viver, sem independência, mas sossegados em suas casas e em seus templos.

E começam, de novo, a progredir. A fortalecer-se como povo. Até que, durante o governo de Artaxerxes Ochus, acabam outra vez deportados após sanguinolenta tentativa de sublevação. E sucedem-se os Ptolomeus, no terceiro século, os Selêucidas, no segundo.

Os Ptolomeus, hábeis, tolerantes, permitem o progresso. Os judeus crescem de novo. Organizam-se. Fixam-se. Mas, na seqüência, os Selêucidas lançam uma teoria de governo que envolvia rápidas mudanças sociais por projetos não propostos, mas impostos sem a necessária habilidade.

13. CAQUOT, André. *Hist. des Religions*, II vol. p. 115 e segs.

Depois dos Macabeus

Os irmãos Macabeus levantam-se,¹⁴ a revolta alastra-se (167a.C) e os olhos dos romanos voltam-se com atenção e interesse para a poeira dos campos de batalha.

É assim que, calculadamente, ajudam os esforços judeus pela independência sob o mando dos reis asmoneus. O estado judaico progride, anexa terras, cresce de novo. Mas, quando realmente amadurecido como nação próspera, problemas internos de ordem religiosa provocam levantes catalogáveis como discórdias-por-causa-do-fervor-religioso.

Roma encontra aí a desculpa de que necessitava para a invasão sem disfarces. Pompeu entra à força em Jerusalém (63a.C.) e o Estado Judeu torna-se tributário.¹⁵

Hircano, filho de Simão Macabeu, feito etnarca e sumo sacerdote por Pompeu, governa a Judéia, a Galiléia, a Peréia e alguns distritos da Iduméia, sob a vigilância do pró-petor da Síria, enquanto as prisões regorgitam de prisioneiros judeus.

Terminava assim, tristemente, a luta entre dois asmoneus, Aristóbulo e Hircano. O primeiro, preso, atrelado ao carro do vencedor romano e o segundo servindo de testa-de-ferro para o verdadeiro mandatário, o idumeu Antípatros.¹⁶

Roma receberia seu tributo de dez mil talentos¹⁷ e cessariam as agitações internas que só durante o governo de Alexandro Janeu, pai

14. *1 Macc*, 6-48, 54.

15. *Contra Apion*, I, 34; II, 82; II, 133.

16. JOSEPH. *Antigüidades*, XIII, 273.

17. JOSEPH. *Antigüidades*, XIV, 4, 5.

do sumo sacerdote Hircano II, haviam matado mais de cinquenta mil judeus.

Em 59 a.C., no entanto, o procônsul Gabínio, sucedendo aos pró-pretores da Síria, seria obrigado a enviar tropas contra Alexandre, filho de Aristóbulo, que se sublevara.

A Samaria, reconstruída por Gabínio, é dividida em cinco sinédrios autônomos com relação ao etnarca,¹⁸ cujas capitais seriam respectivamente Jerusalém, Gazarra, Anthus, Jericó e Séforis.¹⁹

Na prática, era a separação da Igreja e do Estado.

De novo, levanta-se Alexandre com trinta mil homens em 55 a.C., mas acaba derrotado outra vez.

As antigas rixas internas perdiam terreno agora em proveito do crescente sentimento anti-romano.

Com a ascensão do triunvirato César-Crasso-Pompeu, Crasso, assumindo o proconsulado da Síria, vai a Jerusalém e toma do templo 2.000 talentos em dinheiro, 8.000 em objetos de valor e uma grande barra de ouro resultante das oferendas dos judeus da diáspora.

Pitolau, partidário de Aristóbulo, arma uma tropa e investe contra os romanos. Vencido por Cássio Longino, viu, antes de ser executado, 30.000 de seus patriotas serem vendidos como escravos.

César, em Roma, hábil, libertou Aristóbulo para que este fosse à Síria conquistá-la para seu partido. Em consequência, tanto Aristóbulo

18. CAQUOT, André. *Hist. des Rel.*, II, 169.

19. Quanto à Galiléia, cf. Joseph. *Antigüidades*, XIV, 5, 4 e *Guerra Judaica* I, 8, 5.

como Alexandre foram assassinados pelos pompeanos.

Depois de Farsália, Antípatros inclinou-se para César e, através de favores importantes, tornou-o seu amigo e fê-lo benevolente para com os judeus. Em consequência, reconheceu César a Hircano como Sumo Sacerdote e declarou Antípatro cidadão romano isento de impostos e confirmado no cargo de Procurador da Judéia.

Logo a seguir, Hircano era, de novo, o etnarca e, com isso, devolvia-se a unidade orgânica ao judaísmo palestino. Mas na verdade, quem decidia era Antípatros.²⁰

Reconstruíram-se as muralhas de Jerusalém e a nação cresceu com a restituição do porto de Jopa e de algumas cidades que se haviam agregado à Síria e à Fenícia. A nação judaica recebeu inúmeros privilégios por parte do poder romano. Tudo corria bem. Mas, não satisfeito com seu papel de eminência parda, Hircano fez de seu jovem filho Herodes o governador da Galiléia e do outro, Fasaél, estrategista da região de Jerusalém.²¹

Como, no entanto, Antípatros e seus filhos eram idumeus, continuava a opressão romana sobre Israel. Seus adversários (47-4a.C) levaram Herodes a julgamento perante o Sinédrio por haver condenado à morte e feito executar ao nacionalista Ezequias, sem que o sinédrio fosse sequer ouvido.²²

Protegido por Sexto César, que posteriormente acabaria por nomeá-lo governador da Celesíria, Herodes fugiu evitando o castigo,

20. JOSEPH. *Antigüidades*, XIV, 8, 5.

21. CAQUOT, André. *Op. cit.*, II, 170.

22. *Idem*.

mas deixando arranhada a arrogância do pai Antípatros.

Para se recuperar, após o assassinato de César, deu inteiro apoio ao procônsul Cássio, um dos matadores, escorchando com impostos a seus compatriotas, dos quais os que não puderam pagar foram vendidos como escravos.

Um dos coletores, Malichos, era, no entanto, nacionalista e acabou por aliciar escravos que envenenaram o poderoso Antípatros (43 a.C.). Herodes continuou a obra do pai com o mesmo tom personalista e entreguista, tecendo alianças de família com o frouxo Hircano, visando-lhe a sucessão prometida por Cássio Longino.²³

Depois da batalha de Philippi, Marco Antônio, cedendo ao suborno, nomeou Herodes e Fasaél tetrarcas da Judéia, enquanto a Hircano caberia apenas o sumo-sacerdócio sem poder temporal.

Os soberanos de Israel eram, pois, em 41 a.C., idumeus.

Marco Antônio, ocupado com Cleópatra, não teve como impedir a invasão das hordas partas, às quais aliou-se o sempre esperançoso Antígono. Vencedor, prendeu a Hircano, a quem mutilou para que não exercesse o sacerdócio,²⁴ e a Fasaél, que se suicidou.

Afinal, os judeus erigiram ao asmoneu Mathatias em rei e sumo sacerdote, desta vez não imposto por estrangeiros.

Mas, por pouco tempo. Por influência de Otávio e Marco Antônio, o Senado Romano nomeou rei a Herodes. Este, no outono de 40a.C.,

23. JOSEPH. *Antigüidades*, XIV, 11, 4.

24. *Guerra*. I, 13, 9.

no consulado de Domício Calvino e Asínio Polião, partiu para conquistar o reino cuja coroa inesperadamente recebera. Com ajuda das legiões romanas, atacou Jerusalém. Vencedor, conseguiu de Marco Antônio a cabeça de Matatias, o último descendente dos Macabeus a governar Jerusalém.

Herodes, o Grande, indisfarçado oportunista, assim assumia as rédeas do governo.

Casado com Mariamme (e mais outras nove mulheres) era apaixonado por ela e chegou prudentemente a desprezar as investidas amorosas da própria Cleópatra e continuou ambicioso, sem consideração para com o povo.²⁵ Era um cético. Tanto reconstruía o templo de IHHW, como erigia templos aos deuses romanos. Assassinou os adversários e confiscou-lhes as fortunas, culminando com escolher como sumo sacerdote ao babilônio e obscuro Ananel, preterindo o verdadeiro herdeiro da função, o jovem Aristóbulo, asmoneu, e seu cunhado, a quem acabaria por mandar assassinar durante o banho.²⁶ Chamado às falas por Marco Antônio, contornou a situação cedendo a Cleópatra grande parte do litoral Palestino e o distrito de Jericó.

Em 32 a.C., Otávio e Marco Antônio desentenderam-se. Herodes, ao perceber quem seria o vencedor, bandeou-se para Otávio, após executar o mole Hircano.

Mortos Antônio e Cleópatra, foram reintegradas ao território de Israel as terras anexadas por Cleópatra e mais as cidades de Gádara, Hippos e Samaria.

25. *Antigüidades*, XVII, 277.

26. *Antigüidades*, XV, 3, 3.

Em razão de seríssimos problemas político-conjugais, Mariamme seria executada.²⁷ Após a execução, em prantos, vagando pelas aléias do palácio, Herodes uivava-lhe o nome, externando com suficiente clareza seus transtornos psíquicos. Daí para a frente levou sempre uma vida de deboches. Mandou matar sua sogra Alexandra e fortaleceu-se como amigo e aliado de Roma, livre de tributos, livre das guarnições romanas e com exército próprio. E reinou à moda helenística, chegando a construir templos de adoração a ídolos.

Agravou-se o descontentamento popular com a saída de dinheiro para o estrangeiro e com a construção de templos de idólatras.²⁸

Disso resultou contra ele uma tentativa de assassinato. Por esse tempo construiu a fortaleza Antonia tão bem descrita por Joseph.²⁹

Reconstruiu o templo de Jerusalém estragado pelas guerras sírias e romanas (20-19 a.C.).

De repente, tomou ares de democrata. Passou a respeitar os cânones exigidos para a reconstrução do templo e nele não colocou estátuas de homens e animais como fizera em outras edificações.

Mas era tarde. A paranóia atingira-o.³⁰ De tal modo era realista em relação à manutenção do poder que o imperador Augusto teria dito: "É melhor ser porco de Herodes que seu filho". Porque nem a seus filhos sua espada poupa, na faina de destruir os obstáculos em

27. *Antigüidades*, XV, 7, 6.

28. *Antigüidades*, XV, 9, 5.

29. *Guerra Judaica*, V, 5, 8.

30. *Antigüidades*, XVI, 8, 5.

volta de seu trono. Até morrer vítima de câncer intestinal. Antes, para que houvesse lágrimas no seu funeral, dera, agonizante, ordens para que inúmeros judeus de famílias importantes fossem mortos logo após a morte dele mesmo, aos 70 anos, depois de 37 anos de sua nomeação em Roma, no ano 4 a.C., em fins de março ou início de abril. Fazia dois anos que havia nascido Cristo.³¹

Morto Herodes, sucedeu-o o filho Arquelau que, logo de início, sufocou um movimento de protesto dos fariseus e disso resultou a morte de mais 30.000 judeus.

Quintus Varo, governador da Síria, interveio para garantir a ordem e Sabino instalou-se no palácio de Herodes para controlar as finanças. Nova rebelião, saque no templo pelos romanos e novo massacre dos judeus.

A desordem explodiria como colheita da sementeira de ódio plantada por Herodes. Inúmeros focos de insurreição eclodiram.

Quintus Varo correu em socorro de Sabino, incendiou Séforis e Emaús e fez crucificar 2.000 judeus.

Ante a insistência de inúmeros judeus pedindo a eliminação da monarquia e a anexação da Judéia à província da Síria, Augusto dividiu o reino em três partes entre Arquelau, Antipas e Filipo, e designou Gaza, Hippo e Gádara como cidades livres, colocando todo o território sob a vigilância do governador romano da Síria.

Arquelau tiranizou tanto o povo que o próprio imperador romano o destituiu e desterrou

31. Ricciotti, 357.

para Viena, nas Gálias. O território que lhe coubera passou a ser uma província romana.

Filippo governou de acordo com os romanos e, ao morrer, em 34/33 a.C., seu território foi incorporado à Síria e depois dado a Agripa.

Herodes Antipas, aquele a que se referem os evangelhos, tornou-se adúltero ao se relacionar com Herodíades, filha do asmoneu Aristóbulo. Em consequência, matou a João Batista que tinha grande autoridade sobre as massas e lhe denunciara o adultério.³²

O rei nabateu Aretas, pai da abandonada esposa legítima de Herodes, venceu-o em uma guerra de fronteira em 36 d.C. Quando as pregações de Cristo se tornaram famosas, pensou que ele fosse o Batista ressuscitado.

Morto o imperador Tibério, sucedeu-o Calígula, que desterrou Herodes para as Gálias. Assim, a Judéia passou a ser governada pelos procuradores romanos, que foram normalmente muito respeitadores da religião, hábitos e costumes judeus. No entanto, o recenseamento de 6 e 7 d.C.³³ como prova de submissão ao estrangeiro e agravamento dos tributos haviam repleto o povo de amargura e humilhação.

Judas, o Galileu, veio à Judéia, provocou outra sublevação que foi violentamente esmagada pelos romanos.

Um ramo dos fariseus desesperou-se de esperar pelo Messias Libertador. Estavam resolvidos a tomar o poder pela força das armas.³⁴ Sicários ou zelotes começaram a tarefa de eli-

32. *Antigüidades*, XVIII, 5, 2.

33. Cf. *La Bible de Jérusalem*. Les Éditions du Cerf, Paris, 1973, página 1484. Também: *Atos dos Apóstolos*, 5, 37.

34. *Guerra*, VII, 8, 1.

minar os representantes da opressão porque não reconheciam como Senhor a homem algum.

Houve abusos e muitas vezes os punhais foram usados em proveito próprio.

III — UMA FIGURA NUM QUADRO IDEOLÓGICO

Sem querer contestar Paul Veyne,³⁵ apresentando como causas das convulsões sociais toda a intrincada problemática da religião judaica, não podemos, no entanto, deixar de considerar, em traços muito gerais, o contexto religioso da época, pela mais que provável influência na metamorfose de Joseph ben Mathias em Flávio José.

Considerando-se que, como ele mesmo o afirma no início da *Bios*, estudou as diversas seitas religiosas em voga e passou de uma para outra em busca de perfeição, importa saibamos, a menos por alto, em que consistia cada uma delas.

A) Os *Fariseus*

Era uma seita da segunda comunidade, de tradição rabínica.³⁶ A si mesmos chamavam-se *haberim* — companheiros, ou *gedosim* — santos. Sucessores dos *hasidim* a que se refere o I dos Macabeus,³⁷ Joseph os mostra de um modo e os evangelhos os apresentam de outro.³⁸ Aquele se

35. *Op. cit.*, 203, 203.

36. JOSEPH (*Antigüidades*, XIII, 171 e segs.), apresenta fariseus e saduceus como escolas filosóficas comparáveis às dos gregos, e não como seitas religiosas.

37. II, 42; VII, 13.

38. RINGGREN, 355.

refere a eles como os que, ao tempo de Jonas, adversários de João Hircano, reagiram contra sua política modernizante. Continuadores dos *hasidim* — os Piedosos — constituíram-se em oposição religiosa.

Na maior parte, eram escribas leigos. Vinha-lhes a influência de seu conhecimento da Bíblia³⁹ que copiavam e ensinavam. Respeitavam o *sabbat* e insistiam sobre as purificações legais. Criam na sobrevivência das almas. Zelaram ao máximo pela tradição oral e consideravam a exegese dos doutores — *soferim* — tão importante como a própria Lei. Eram preponderantes em número e influência ao tempo da Rainha Alexandra (76-67). Depois da queda de Jerusalém, continuaram influentes, mas somente na esfera do judaísmo.

Os evangelhos os julgam severamente. Gos-tariam de submeter-se ao batismo de João, mas julgaram não precisar dele, já que eram da raça de Abraão.⁴⁰

Honestos inicialmente, deformaram-se pelo jurismo. Acabaram formalistas divorciados da religião interior.

Muito cômicos de si mesmos em vista do conhecimento da Lei, desprezam os humildes e apegam-se demais à própria opinião. Não aceitam Jesus como o Messias por orgulho, já que ele anuncia uma Justiça que não é a “sua”. Dentre eles, sairia, no entanto, mais tarde, o grande Paulo de Tarso.⁴¹

39. Jn. 7, 49.

40. Mateus, III, 7, 10.

41. Atos dos Apóstolos, 22; 1, 21.

B) *Os Saduceus*

Considerados os únicos sacerdotes legítimos,⁴² os saduceus entraram tardiamente na história. Seu nome prende-se ao daquele Zadock, sacerdote nos tempos do Rei Salomão.⁴³ Enquanto os sacerdotes fariseus eram pobres,⁴⁴ os saduceus eram ricos. Aceitaram os costumes gregos desde a dominação grego-macedônia, à exceção dos macabeus. Mas mesmo estes, sob João Hircano, aceitaram tais costumes, num tempo em que os fariseus eram perseguidos. Com Herodes, acomodam-se à dominação estrangeira e assumem o poder. São politiqueiros e consideram Jesus um subversivo perigoso.⁴⁵

Com o desaparecimento da nação judia, desaparecem eles também. Doutrinariamente apegam-se à letra do Pentateuco e rejeitam toda tradição oral. São contra as regras de purificação multiplicadas pelos doutores fariseus. Não admitem a ressurreição dos mortos,⁴⁶ nem a existência dos anjos,⁴⁷ nem crêem na ação da Divina Providência. Nos evangelhos eles aparecem menos que os Fariseus porque pouco se misturam com o povo.⁴⁸

Tanto eles como os fariseus têm sua parcela de culpa na condenação de Jesus pelo Sinédrio. Vemo-los, em seguida, instigar a flagelação dos apóstolos.⁴⁹

42. *Ezequiel*. 40; 46-43; 19.

43. *I Reis*, 1; 14 e 35.

44. CAQUOT, André. *Hist. des Religions*, vol. II, p. 160.

45. *João*, 11, (47, 50).

46. *Mateus*, 22, (23-33); *Atos dos Apóstolos*, 4 (1, 2; 23, (6-8).

47. *Atos*, 23, 8.

48. *Mat.* 3-7; 16-1, 12; 22, 23-33.

49. *Atos*, 5-17, 40.

C) *Os Essênios*

Os essênios eram judeus pré-cristãos de vida monástica. Remontam ao tempo dos asmoneus. As principais fontes de informação sobre eles são, além do próprio Joseph,⁵⁰ Plínio, o Antigo e Fílon, os manuscritos *qumranianos* descobertos em 1947.⁵¹ O novo testamento não fala a seu respeito. Praticavam a pobreza, a obediência e a castidade. Seita judia avançada, observava rigorosamente o *sabbat*, mas não aceitava o culto do templo de Jerusalém.

Estudavam assiduamente as escrituras e praticavam, por normas, o trabalho manual, e submetiam-se às abluções rituais. Talvez, influências estrangeiras, como o parsismo e o neo-pitagorismo, tenham marcado seu modo de ser, afastando-os pouco da tradição judaica. Em todo caso, suas idéias de esperança escatológica atizaram ainda mais as brasas da fogueira messiânica. *O RELATO DE DAMASCO*, escrito provavelmente pelos essênios refugiados na Síria em seguida à perseguição ao “Mestre da Justiça”, chega a marcar prazo para o surgimento do Libertador davídico-levítico.⁵²

IV — UM HOMEM NO TRIBUNAL

Era o tempo em que Céstio Galo incendiava Zabulon. E acabava inexplicavelmente batendo em retirada com sua XII Legião arrasada em Beth-Horon.

50. *Guerra*. II, 817.

51. CAQUOT, André. *Hist. des Religions*, Vol. II, p. 162-163.

52. CAQUOT, André. *Hist. des Religions*, Vol. III, p. 171 a 175.

Os judeus, entusiasmados com a vitória, julgaram-se independentes e não viram no horizonte as negras nuvens de tempestade.

É aqui que, aos vinte e nove anos, entra em cena José Ben Mathias, descendente da realeza e da fina flor do sumo-sacerdócio, segundo ele mesmo nos conta.⁵³ Fora em 64 enviado a Roma pelo Sinédrio para advogar a causa de alguns sacerdotes presos na Judéia por ordem do Procurador Félix. Tão bem se houve, que, tendo obtido as boas graças de um judeu chamado Alituros, mimo favorito de Nero, conquistou a própria Popéia e, por meio desta, conseguiu não só a libertação dos sacerdotes como também inúmeros favores.

Voltou para a Judéia carregado de presentes e de entusiasmada admiração pelo estilo de vida e pelo poder do povo romano. Trazia na memória a vida privilegiada dos judeus do Transtevere, na Urbe. Conhecera antes o bairro judeu em Alexandria, situado no Delta, onde sua gente tinha cemitérios especiais, celebrava o *sabbat*, praticava livremente o ritual da circuncisão e tinha a alimentação prescrita pelo rito garantida por Lei. Além disso, ela podia cobrar de seus irmãos de raça impostos para o templo de Jerusalém. Podia julgar seu povo e era *isenta de serviço militar*.⁵⁴

Ele, aquele mesmo que, ainda adolescente, discutiria com os doutores da Lei e peregrinaria de seita em seita em sedenta busca da verdade. Ele, que estivera com os saduceus e transitara com armas e bagagens para o partido-seita dos fariseus. E daí para os essênios, insatisfeito

53. *Bios*, III, 13 a 16.

54. *Guerra*, VIII, 5-2 e *Contra Apion*, II, 72 e II, 134.

ainda. Chegou a ser um dos discípulos do eremita Bânios que vivia no deserto comendo ervas silvestres e bebendo água de fontes. E acabaria, voltando, por acomodar-se entre os fariseus.

Pois bem, por ocasião da derrota de Céstio Gallo, confiaram a esse notório romanófilo a organização da defesa da Galiléia, exatamente contra os romanos. Na *Guerra Judaica*,⁵⁵ ele se apresenta como o organizador da resistência armada mas, na *Bios*,⁵⁶ diz que ali fora com Joazar e Judas, com a missão de convencer os bandidos a deporem as armas.

Num caso, pois, ele é o general anti-romano. No outro, é um pacificador. O que é certo é que fortificou Jotapata e, para estar bem com todos, permitiu que a população destruísse o palácio de Herodes cheio de imagens proibidas pela tradição.

Era, no fundo, um hábil político, adversário do duro João de Giscala, filho de Levi, que com seus bandos armados tentava substituir pela sua a opressão romana. O mesmo João de Giscala que tentaria destituí-lo e matá-lo. Tentativa feita não apenas por ele, mas também mais tarde por Jesus, filho de Safia.⁵⁷

Enquanto isso, Anano, o sumo-sacerdote, fortificava Jerusalém e aguardava o ataque romano,⁵⁸ e Simão Bar Ghiora iniciava suas correrias a partir da fortaleza de Massada.

Acontece que, em Roma, havia um general sabino que não entendia de poesias, nem de mú-

55. II. 20-3, 4.

56. VII. 29-30.

57. *Bios*. XXVII, 134 e 135.

58. *Guerra Judaica*. II, 22, 1 — Também Tácito, *Anais*, Livro XVI, final do item 5.

sica e tivera a infelicidade de bocejar durante um recitativo de Nero.⁵⁹

No entanto, era bom combatente. Assim, o imperador, crendo livrar-se dele, mandou-o à Judéia em expedição vindicativa e repressiva. 60.000 homens e mais a XV Legio Apollinaris⁶⁰ comandada por Tito, após a deserção das tropas judias que estavam em Séforis, marcharam contra a fortaleza de Jotapata comandada por Joseph. Coisas incríveis aí aconteceram.⁶¹

Tito e Vespasiano, no dia vinte e cinco do mês *Daisios* (princípio de junho), haviam tomado Jaffa e matado 15.000 judeus, além de aprisionarem 2.000 que foram transformados em escravos. Dois dias depois, o general Cereal, comandante da V Legião, mataria mais 11.600 samaritanos que se haviam reunido em atitude hostil sobre o Garizim. O cerco de Jotapata, retardado pela genial estratégia posta em prática

59. Suetônio. *Vespasianus*. Cap. IV: «Peregrinatione Achai-ca, inter comites Neronis, quum, cantante eo, aut, discederet saepius aut praesens obdormisceret, gravissimam contraxit offensam: prohibitusque non contubernio modo, sed etiam publica salutatione/2».

60. Confronte-se *Guerra* III, 4, 2.

61. «A fome, agravando-se, devorava o povo por casas e famílias. Os terraços estavam cheios de meninos e mulheres desmaiados; os becos, de velhos mortos; os meninos e os jovens, inchados, rondavam como fantasmas pelas praças e caíam onde o mal os colhia. Os extenuados não tinham forças para enterrar os parentes, e o que se sentia com ânimo fraquejava ante a multidão de mortos e a incerteza. Muitos caíam mortos sobre aqueles a quem acabavam de dar sepultura. Muitos chegavam à sepultura por antecipação, antes que assim o decidissem os fados. E entre essas misérias não havia compaixão nem lamentos, a fome envilecia os afetos e, com as bocas secas e contraídas, os que morriam mais devagar olhavam os que os haviam precedido no repouso. Sobre a cidade pousava um profundo silêncio e uma noite chela de morte. Porém, mais terríveis que estas coisas eram os bandidos.» *Guerra*. V-12-3.

por José Ben Mathias, detalhada do ponto de vista do sitiado em A GUERRA JUDAICA, V, 12, 3, teve toda a sorte de horrores. Cabeças arrancadas a golpes de balista, mulheres grávidas desventradas, mães devorando os próprios filhos⁶² no auge da fome e do desespero. E sede. Sede terrível por dias e noites sem conta. Atos heróicos, sortidas. E um indefectível traidor.

No dia primeiro do mês panemos (princípio de julho) a fortaleza cairia. Enfurecidos pela longa espera, os romanos mataram 40.000 pessoas e só conseguiram 1.200 escravos vivos, tal a matança. A cidade foi arrasada sistematicamente.

No capítulo XIV da *Bios*, José conta que subornara desordeiros armados — já que não pudera desarmá-los — para evitar suas provocações e acalmar a Galiléia. Em seguida faz uma declaração de integridade moral, acusando João de Giscala. Seu primeiro contato com as forças romanas tinha sido quando enfrentara o centurião Aebutius e o pusera em fuga (*Bios*, XXIV).

A judéia era um vespeiro. Insurretos de todas as facções. Cada grupo pretendendo derubar o poderio romano a seu modo e por seus motivos. Com João de Giscala ou com Justo de Tiberíades. Bandos armados erravam pelas rotas. Zelotes inflamados. Todos em tropelia.

Nessa efervescência, José estava longe de gozar das simpatias gerais. Em Tariquéia, escapa de ser morto por um grupo chefiado por Jesus, filho de Safia, sob a acusação de tentar

62. O caso de Maria Beth — Ezob é citado expressamente em *Guerra*, VI, 3, 3, 4.

passar com armas e bagagens para o lado dos romanos (*Bios*, XXVII e XXVIII).

— 600 soldados tentam incendiar-lhe a casa (*Bios* XXX). Em Tiberíades, os habitantes, depois de receberem favores de José, aclamam as tropas romanas e viram as costas ao benfeitor. João de Giscala tentaria, mais de uma vez, afastá-lo do comando, sob a séria acusação de romanofilia (*Bios*, XXXVIII).

Mas o homem era carismático. Dentro do contexto desse carisma, teve uma noite um sonho em que uma voz lhe dizia:

“Meu amigo, não te aflijas, deixa as apreensões de lado, porque as aflições deste dia far-te-ão o mais feliz dos homens em todas as empresas” (*Bios*, XLII).

Parece que fecha bem o quadro das coincidências carismáticas o que nos conta Suetônio em TITUS FLAVIUS VESPASIANUS, V: “— Na Acaia, Vespasiano sonhara que uma era de prosperidade começaria para ele e para os seus no dia em que arrancassem um dente a Nero. Pois, na manhã seguinte, quando entrou na antecâmara desse príncipe, o médico lhe mostrou um dente que extraíra dele. Como ele consultasse, na Judéia, o oráculo do Deus do Carmelo, as sortes lhe responderam que, qualquer que fosse o desígnio em que pensasse, poderia estar seguro de triunfar. José, um dos prisioneiros mais distintos, não parava de afirmar, enquanto o carregavam de cadeias, que seria libertado pelo próprio Vespasiano, mas, por Vespasiano imperador”.⁶³

63. «At in Achaia somniavit, initium sibi suisque felicitatis futurum simul ac dens Neronis exemptus esset: evenitque ut sequenti die progressus in atrium medicus dentem ei ostenderet,

O que é certo é que, carismático ou não, era José um sinal de contradição. Suas manobras políticas faziam dele ora odiado amigo dos romanos, ora querido defensor da Galiléia. Reconfirmado em suas funções, ataca e submete Tiberíades, depois de prender Simon numa armadilha bem urdida. No entanto é difícil entender-se o fato de que José considera que Tiberíades era anti-romana (*Bios*, LXV) e Séforis francamente pró-romana (LXV): “No cerco de nossa capital, Jerusalém, no momento em que nosso santuário comum estava a pique de cair em mãos do inimigo, eles, os Seforitas, abstiveram-se de enviar reforços, com medo de parecer estarem em armas contra Roma”.

E, mais estranho: mais tarde, “o imperador Tito ordenou que a divulgação dos acontecimentos só fosse feita pela versão de José” (LXV), que evidentemente omite os crimes romanos e a crueldade mais torpe.

O Rei Agripa, preposto dos romanos, saudaria José como “amigo caríssimo” (LXV 365 e 366).

E mais: Séforis, cidade pró-romanos, foi tomada de assalto por José para, segundo ele, libertá-la dos assaltos dos galileus ou para evitar que Séforis fosse entregue de mão beijada a Cestius Gallus, governador da Síria (LXVII, 374).

Na primavera de 67, Vespasiano chega à cidade de Tiro. Além de suas tropas, havia ali o problema da guerra civil em que fariseus e

*tantum quod exemtum. Apud Judaeam Carmeli Del oraculum consulentem ita confirmavere sortes ut, quicquid cogitare volve-
retque animo quamlibet magnum, id esse proventurum, pollice-
rentur. Et unus ex nobilibus captivis, Josephus, quum conjice-
retur in vincula, constantissime asseveravit, fore, ut ab eodem
brevi solveretur, verum jam, imperatore».*

zelotes acabaram por empenhar-se. Os idumeus, trazidos pelos zelotes, massacraram 8.500 pessoas em Jerusalém.⁶⁴ Quando os idumeus se cansaram, os zelotes continuaram a carnificina.

No capítulo LXXV, embora o livro pretenda ser uma “*bios*”, José se “esquece” de nos relatar, por que, terminado o cerco de Jotapata, foi, embora mantido sob forte guarda, “tratado com as maiores considerações” e por que “Vespasiano lhe testemunhara sua estima de mil modos” (LXXV, 414).

Um grupo de causas subjetivas a José e outro de causas vespasiânicas levaria a esse desfecho.

Da parte de José, a imensa flexibilidade de caráter que faria dele um sobrevivente de qualquer catástrofe social e o conhecimento da profecia segundo a qual: “Havia antiga e firme crença disseminada em todo o oriente de que o império do mundo pertenceria por essa ocasião a um homem saído da Judéia. Esse oráculo referia-se a um general romano. Já os judeus, rebelaram-se porque pensavam que a eles ele se referiria.”⁶⁵

Nada mais provável que Vespasiano, após o sonho que tivera, sendo um tosco,⁶⁶ repleto de

64. *Guerra dos Judeus*, IV, 5. 1.

65. «Percrebuerat oriente toto vetus et constans opinio, esse in fatiis, ut eo tempore Judaea profecti rerum potirentur. Id de imperatore romano quantum postea eventu paruit, praedictum, Judaei ad se trahentes rebellant. (SUETÔNIO — *Vespasianus*, cap. IV, final). «Pluribus persuasio inerat antiquis sacerdotum litteris contineri eo ipso tempore fore ut valesceret Oriens profectique Judaea rerum potirentur» (TÁCITO — *Historiae* V, XIII, 4).

66. «obscure quidem natus» (SUETÔNIO, Livro VII cap. XIX).

crendices de sua velha Sabínia, conhecendo também a profecia que era antiga e constante, depois do sonho que tivera sobre a mudança de sua sorte após a extração do dente de Nero, ao ver diante dele um general judeu — talvez um profeta! — inteligente, famoso, hábil estrategista, que preso, de pés e mãos acorrentados bradava: “ut ab eodem solveretur, verum jam imperatore”, não teve dúvidas; ali estava o profeta que lhe anunciava os caminhos e — quem sabe? — lhe preparava veredas. Por isso, acabou por soltá-lo.

Portanto, se de um lado havia o interesse de Joseph em sobreviver, demonstrado quando, escondido no fundo do poço, escapou à morte por um estratagema,⁶⁷ por outro lado, para Vespasiano era boa a perspectiva de ter sempre à mão um profeta que, além do mais, serviu como guia no resto da campanha, ajudando até na inquirição dos prisioneiros de uma guerra que deixou 1.100.000 mortos, ou, segundo Tácito, 600.000,⁶⁸ e 97.000 prisioneiros.

Joseph ben Mathias não se pejou de assistir de uma tribuna ao triunfo de Vespasiano, Tito e Domiciano, no qual setecentos prisioneiros, entre os mais ilustres dos judeus, amarrados como cães, trotavam atrás do carro dos triunfadores.

E, o que é pior, carregados, entre os despojos de guerra, o candelabro de sete braços e a mesa de ouro dos pães da proposição. E Simon Bar Ghiora, o grande Simon, arrastado pelo pescoço, levado para a prisão mamertina onde seria decapitado.

67. *Guerra dos Judeus*, III, 8, 1.

68. *Historiae*, V-13.

Era o ano 71. O da metamorfose de Joseph ben Mathias em Flavius Josephus. De sacerdote judeu da fina flor do trono dos asmoneus a comensal de imperadores idólatras. Quando, relegando o nome que o ligava aos antepassados de quem tanto se orgulhava, troca-o pelo sobrenome da família Flávia, de seus novos senhores.

O livro que se segue, em tradução, conta uma face dessa transformação. Qualquer homem, cremos, está sujeito a ela. Desde que tenha como objetivo único de sua vida a conquista do poder. Ou a só sobrevivência.

V I D A

1. Não provenho de gente sem importância. Pelo contrário: descendo de ilustre progênie sacerdotal.

Cada povo tem seu meio de fundamentar a nobreza. Entre nós, o parentesco com sacerdotes é que prova a importância da família.

2. Quanto a mim, não somente minha família é de origem sacerdotal, mas, sacerdotal da primeira entre as vinte e quatro classes¹ — por isso mesmo muito importante — e, nessa primeira classe, da melhor origem.

Além disso, por parte de mãe, descendo de família real. Eis que os filhos de Asmon,² de quem ela descende, por muito tempo foram reis e sacerdotes de nosso povo.

1. Dezesseis da família de Eleazar e oito da família de Itamar. CR. I, de 1 a 19.

2. Bisavô de Matatias, que, com seus cinco filhos, tomou a frente do movimento de resistência à opressão dos reis da Síria, sob Antíoco Epifânio, em 168 a.C.

3. Eis a genealogia: nosso bisavô era Simão, chamado o Gago. Ele nasceu na ocasião em que era sumo-sacerdote o filho do sumo-sacerdote Simão, o primeiro sumo-sacerdote a ser chamado de Hircano.

4. A esse Simão, o Gago, nasceram nove filhos, dentre os quais Matias, chamado Filho de Efeu. Este recebeu em casamento uma filha do sumo-sacerdote Jônatas — o primeiro dos filhos de Asmon a ser sumo-sacerdote — irmão do sumo-sacerdote Simão. E nasceu-lhe um filho que foi chamado de Matias, o Corcunda, no primeiro ano do arconte Hircano.

5. E é dele que nasce José, no nono ano do reinado de Alexandra e, de José, Matias, no décimo ano em que reinou Arquelau. De Matias, eu, no primeiro ano do governo do César Caio. Quanto a mim, tive três filhos. O mais velho, Hircano, no quarto ano do governo do César Vespasiano. No sétimo ano, Justo, e Agripa no nono.

6. Esta é a genealogia de nossa família. Tal qual a encontrei transcrita nos registros públicos, assim eu a refiro e confesso que acho graça naqueles que pretendem caluniar-me.

7. Meu pai Matias não era mais que famoso apenas pela ascendência, mas muito mais porque difundia a justiça e era famosíssimo naquela que, para nós hierosolimitanos, era a maior das cidades.

8. Educado com meu irmão de nome Matias, — irmão por parte de pai e mãe — eu intensificava o progresso nos estudos, parecendo que me distinguia pela memória e pela inteligência.

9. Recém-saído da infância, aí pelos catorze anos, já era aclamado por todos por causa de meu amor às letras. Reuniam-se sempre os sumo-sacerdotes e os maiores da cidade para aprenderem comigo algo de mais seguro sobre as leis.

10. Chegando aos 16 anos, procurei obter mais experiência com relação às nossas seitas. São três e a primeira é a dos fariseus. A segunda é a dos saduceus. A terceira é a dos essênios, como já disse muitas vezes. Pensava poder escolher a melhor se experimentasse todas.

11. Assim, tratando-me com dureza e padecendo muito, perambulei pelas três. Tendo julgado não haver aí nenhuma experiência razoável para mim, fiquei sabendo que um homem chamado Banos vivia no deserto vestido de material tirado das árvores, obtendo como alimento o que a natureza produzia espontaneamente, e, visando à pureza, tomava banho muitas vezes de dia e de noite em água gelada. Aí, tornei-me seu discípulo.

12. Permaneci com ele por três anos e, acabada a vontade de lá estar, voltei para a cidade. Aos 19 anos comecei a praticar na seita dos seguidores fariseus que é semelhante à que entre os gregos é chamada "estóica".

13. Aos vinte e seis anos, aconteceu-me de ir a Roma pela causa a ser explicada. No tempo em que Félix era governador da Judéia, tendo ele por pequeno e casual motivo prendido três sacerdotes que eram ótimas pessoas e ligados a mim, mandou-os para Roma onde prestariam contas a César.³

3. Nero.

14. Querendo eu conseguir-lhes a libertação, principalmente porque compreendi que, mesmo estando na desgraça não se afastaram da piedade para com Deus e se alimentavam de figos e nozes,⁴ dirigi-me para Roma depois de correr inúmeros perigos no mar.

15. Tendo nosso navio afundado no meio do Adriático, sendo nós em número de seiscentos, nadamos durante toda a noite. Ao romper da madrugada, tendo, por graça de Deus, surgido um navio da Cirenaica, adiantando-nos aos outros eu e mais uns poucos, já que restamos só oitenta, fomos içados a bordo.

16. Salvo em Dicearquia, que os italianos chamam Putéoli, liguei-me por amizade a Ali-turo, um mimólogo judeu, que era exatamente o predileto de Nero.

E tendo, por intermédio dele, conhecido Popéia, mulher do César, pedi-lhe, logo que pude, para soltar os sacerdotes. Além desse favor, consegui inúmeros presentes de Popéia e voltei para casa.

17. Ao chegar aí, já encontrei começos de insurreição, e muitas pessoas pensando seriamente num afastamento dos romanos.

Tentei demover os sediciosos e mudar-lhes o modo de pensar, pondo-lhe diante dos olhos aqueles contra os quais guerrearíamos. Porque eram inferiores aos romanos não só na experiência como também na sorte.

18. Propus-lhes, assim, que não levassem, atabalhoadamente e sem pensar, o perigo dos piores

4. Para não comerem alimentos considerados impuros.

males para sua terra natal, para suas famílias e para si mesmos.

19. Ao mesmo tempo que dizia essas coisas e tentava com esperança demovê-los, eu previa que, para nós, o fim da guerra seria infeliz. Não consegui, no entanto. De tal modo a loucura tomara conta dos desmiolados.

20. Receando, por dizer essas coisas com firmeza, ser envolvido em ódios e suspeitas de estar em acordo com os inimigos, e correr o perigo de, preso, ser morto por eles, tendo Antônio, que era uma fortaleza, já sido tomada, recolhi-me ao recôndito do templo.

21. Depois da morte de Menahem e dos chefes do bando sedicioso, saí de novo do templo e fui viver com os sumo-sacerdotes e com os principais dentre os fariseus.

22. Estávamos possuídos de um medo sem limite, porque víamos o povo em armas, estando nós mesmos em dúvida sobre o que faríamos e impotentes para acalmar os revoltosos.

Posto o perigo diante de nossos olhos, dizíamos concordar com as opiniões deles e os aconselhávamos a ficar quietos para o caso em que os inimigos viessem, a fim de que fôssemos vistos com justiça como só tendo tomado armas em legítima defesa.

23. Assim agíamos na esperança de que Céstio, chegando com uma grande força, viesse a pôr termo às sublevações.

24. Logo, logo, ele chegou e entrou em combate. E foi vencido na luta, tendo caído muitos dos que estavam com ele. E foi desse erro de Céstio que proveio a desgraça total de nossa raça.

Porque, com isso, mais se exaltavam os que desejavam a guerra e esperavam derrotar completamente os romanos. Além disso, sobreveio outro motivo.

25. Os habitantes das cidades limítrofes com a Síria pegaram os judeus que moravam entre eles e, com mulheres e filhos, os mataram sem ao menos alegar qualquer acusação contra eles. Até porque estes não haviam pensado em revolução para o afastamento dos romanos nem conspirado de maneira inamistosa contra aqueles habitantes.

26. De todos, os Citas foram os que fizeram as coisas mais cruéis e desregradas. Porque, acorrendo de fora contra eles judeus adversários, obrigaram esses habitantes, os judeus que estavam entre eles, a pegar em armas contra os da mesma raça, o que nos é proibido. E lutando junto com esses judeus, venceram os atacantes.

Depois que venceram, esquecidos da fidelidade aos vizinhos e companheiros de luta, mataram-nos a todos, que eram dezenas de milhares.

27. Coisas semelhantes sofreram os judeus que moravam em Damasco. Mas, a respeito dessas coisas, já expliquei mais minuciosamente nos livros que escrevi sobre a guerra judaica.

Lembrei-me disso agora só para mostrar aos leitores que o começo da guerra contra os romanos não nasceu tanto dos judeus, mas, muito mais, do azar.

28. Céstio vencido, como dissemos, e vendo os líderes de Jerusalém que bandidos e revolucionários estavam bem providos de armas, e, por outro lado, temendo que eles mesmos, desarmados, viessem a ser subjugados pelo inimigo — o que acabaria acontecendo depois — e imagi-

nando que toda a Galiléia viesse a separar-se dos romanos, embora estando ainda tranqüila uma parte dela,

29. enviaram-me a mim e a mais dois dos sacerdotes, excelentes pessoas, Joazer e Judas, para tentarmos conseguir que os malvados deixassem as armas e persuadí-los de que seria melhor confiá-las aos chefes do povo.

E também para convencê-los de que teriam as armas preparadas para a ocasião certa, mas que deveriam aguardar para saber o que fariam os romanos.

30. Levando essas instruções, afastei-me para a Galiléia e encontrei os Seforitas em não pequena angústia a respeito de sua terra. Os galileus tinham decidido saqueá-la por causa de sua fidelidade aos romanos e porque tinham jurado fidelidade a Céstio Galo, governador da Síria.

31. Mas a todos eles eu afastei do medo, convencendo a população em favor deles. E ordenei as coisas de modo que, quantas vezes quisessem poderiam avistar-se com os que estavam em Dora como reféns de Céstio. A cidade de Dora fica na Fenícia. Encontrei os habitantes de Tiberíades já de armas na mão pela razão seguinte:

32. Havia três partidos na cidade. Um, o dos homens mais notáveis, era dirigido por Júlio Capelo.

33. Este e todos os seus seguidores, Herodes, filho de Miaro; Herodes, filho de Camalo; Kompso, filho de Kompso e Crispo que era irmão dele e fora, durante certo tempo, prefeito do grande rei, permaneciam em suas propriedades do outro lado do Jordão.

34. Todos esses naquela ocasião achavam aconselhável permanecer na fidelidade aos romanos e ao Rei. Com essa idéia, no entanto, não concordava Pisto, assistido pelo filho de Justo,

35. que era, por natureza, mais ou menos louco. O segundo partido, constituído de gente sem importância, queria lutar.

36. Justo, filho de Pisto, chefe do terceiro partido, fingia não acreditar na guerra mas desejava os feitos revolucionários julgando que da mudança lhe adviesse poder.

37. Dirigindo-se, pois, à plebe, começou a doutriná-la, dizendo que a cidade sempre fora a principal da Galiléia desde o tempo do tetrarca Herodes, seu fundador, que desejava que a cidade dos seforitas obedecesse à de Tiberíades. E que eles não tinham perdido a primazia nem sob o rei Agripa, o Pai, e tinham assim permanecido até Félix ser feito procurador da Judéia.

38. Agora — dizia-lhes — acontecera de terem sido dados como feudo a Agripa, o mais novo, por Nero. Logo, Séforis, enquanto obedecesse aos romanos, seria a capital da Galiléia, sendo-lhe destinados o banco real e os arquivos.

39. Dizendo estas e outras coisas a respeito do rei Agripa, incitava o povo à rebeldia e afirmava ser agora a ocasião de pegar em armas, tomando os galileus como companheiros de luta — naturalmente seriam eles os chefes porque o ódio dos seforitas os dominava já que guardavam a velha fidelidade aos romanos — e com mão forte vingar-se deles.

40. Dizendo isto, ia conseguindo que a turba passasse para seu lado, pois era hábil demagogo

e capaz de vencer as contraditas pela charlatanice e pela perfídia, através das palavras. E como não era falto de cultura grega, ousou até escrever a história desses acontecimentos, como se pudesse vencer a verdade com um discurso qualquer.

41. Mas, a respeito de tal homem, de como levou uma vida maléfica, e de como seu irmão deu causa à catástrofe, falarei a seguir.

42. Aí, Justo, que convencera os cidadãos a pegarem em armas, tendo forçado os muitos que não concordavam, saiu com todos eles e incendiou as aldeias de Gadarenos e Hipos, que, por acaso, eram os limites de Tiberíades e de Citópolis.

43. Assim estavam as coisas em Tiberíades. Quanto a Giscala, a situação era a seguinte: João, filho de Levi, vendo os cidadãos pensando muito sobre o afastamento dos romanos, tentou conquistá-los e convencê-los a permanecerem fiéis.

44. Não conseguiu, no entanto, embora agisse ardorosamente. As nações circunvizinhas, Gabarenos e Gadarenos, Saganeus e Tírios, fazendo grande concentração de forças, caíram sobre os giscalenses e se apoderaram à força de Giscala. Tendo-a incendiado e arrasado, voltaram para casa.

45. João, encolerizado com isso, armou todos os seus companheiros e venceu pela força, depois de atacar, as sobreditas populações. Reconstruiu Giscala mais forte dessa vez, com muralhas que foram fortificadas seguramente, tendo em vista o futuro.

46. Esta foi a razão de Gamala ter permanecido fiel aos romanos: Filipe, filho de Jakim,

comandante das tropas do Rei Agripa, tendo-se salvado por acaso do pátio real na Jerusalém sitiada e fugindo, acabou caindo em outro perigo: o de ser morto por Menahem e seus sequazes.

47. Alguns babilônicos, parentes dele, que moravam em Jerusalém, conseguiram impedir que os bandidos terminassem o serviço.

Filipe, depois de uma permanência de quatro dias, fugiu no quinto, usando peruca para não ser identificado. E, dirigindo-se para uma de suas aldeias através das montanhas, chegou à fortaleza de Gamala donde mandou dizer a alguns de seus subordinados que se juntassem a ele.

48. Um milagre o impediu de realizar seu desejo. Ainda bem, porque, se isso tivesse sucedido, ele estaria fatalmente perdido. Repentinamente uma febre abateu-o e ele, depois de escrever cartas a seus filhos Agripa e Berenice, deu-as a um dos libertos para que as levasse a Varus.

49. Este, na ocasião, estava inspeccionando o reino por nomeação dos Reis. Quanto a estes, dirigiram-se para Beirute, a fim de se encontrarem com Céstio.

50. Logo que Varus recebeu as cartas, compreendendo que Filipe se havia salvado, viu-se em dificuldades ao perceber que, perante os Reis, passaria por inútil logo que Filipe chegasse. Assim, colocou perante a multidão aquele que trouxera as cartas e, acusando-o de falsificação, informava que ele mentira quando anunciava que Filipe lutava em Jerusalém contra os romanos. Em seguida, mandou que o matassem.

51. Não tendo voltado o liberto, Filipe, por não saber o motivo, enviou um segundo, outra vez

com cartas e com a incumbência de lhe contar, na volta, o que acontecera ao primeiro enviado e porque ele tardava.

52. Mas, também a este, logo que chegou, Varus acusou falsamente e o matou. É que os sírios de Cesaréia, que lhe diziam falsamente que Agripa, pelo testemunho dos judeus, seria executado e que ele, Varus, que era de ascendência real, seria guindado ao poder, o haviam levado a fazer grandes planos. E, na verdade, Varus era mesmo de ascendência real, nascido de Soemo, tetrarca do Líbano.

53. Por isso, Varus, inflamado, guardou consigo as cartas. E maquinando meios de o Rei não tomar conhecimento dos escritos, mandou vigiar todas as saídas para que ninguém, saindo, contasse ao Rei os acontecidos. E, para agradar os Sírios que moravam em Cesaréia, mandou matar uma porção de judeus.

54. Para isso, planejou com os traconítidas na Batanéia, atacar com armas os judeus chamados babilônios em Ecbátana.

55. Assim, tendo mandado chamar os doze mais importantes dos judeus existentes na Cesaréia, mandou que fossem a Ecbátana dizer aos parentes deles residentes lá que — “tinha ouvido que vós quereis atacar o Rei e que, embora não tivesse crido, mandou-nos persuadir-vos a depor as armas. E isso até seria uma corroboração para o fato de ele acertadamente não acreditar nas coisas que dizem sobre nós”.

56. E, aí, ele pedia que de Ecbátana enviassem setenta de seus principais homens para os defenderem das razões da acusação.

Indo, pois, os doze aos parentes em Ecbátana e não nos encontrando com o pensamento em subversões, convenceram-nos a enviar os setenta.

57. E se os enviaram é que nem imaginavam o que estava para acontecer. Pois, Varus, indo ao encontro deles com a força real, mandou matar a todos os que estavam com os emissários e pôs-se em marcha contra os judeus em Ecbátana.

58. Acontece, porém, que um dos setenta escapou, passou-lhe à frente e avisou-os. Estes, pegando as armas, mulheres e filhos, partiram para a cidadela de Gamala abandonando as aldeias cheias de inúmeros bens e com milhares de cabeças de gado.

59. Filipe, depois de tomar conhecimento de tudo, também foi para a fortaleza de Gamala. Isto feito, a multidão conclama-o para que ele a chefiasse numa guerra contra Varus e os sírios da Cesaréia, pois corria um boato de que o rei fora morto por estes.

60. Filipe procurou contornar os desejos deles, lembrando-os dos benefícios do rei para com eles e, explicando, ao mesmo tempo, quão grande era a força dos romanos, dizia que não era vantajoso preparar uma guerra contra eles. Conseguiu convencê-los.

61. O rei, pensando que Varus ia massacrar num só dia os judeus da Cesaréia com mulheres e filhos, aos milhares, convoca-o e envia, como seu substituto, Equus Modicus.

62. Pois bem. Quando eu me dirigia à Galiléia, fiquei sabendo dessas coisas a respeito dos setenta enviados. Aí, escrevi ao Sinédrio de Jerusalém sobre eles e perguntei que desejavam que eu fizesse.

Mandaram-me que permanecesse onde estava, bem como os sacerdotes, se o desejassem, e fizesse por manter a situação na Galiléia.

63. Meus companheiros, tendo muitas riquezas das dízimas recebidas por eles legitimamente, como sacerdotes que eram, preferiam voltar para sua terra natal. Tendo, no entanto, eu lhes pedido para ficarem até que eu acertasse as coisas, concordaram.

64. Aí, junto com eles, dirijo-me da Cidade dos Seforitas para uma certa cidade a que chamamos Betmaús, afastada de Tiberíades uns quatro estádios. E, enviando recado à assembléia de Tiberíades e aos líderes do povo, pedi-lhes que se juntassem a mim.

65. E vieram. Com eles veio Justo. Nessa ocasião eu lhes disse que, em nome da comunidade de Jerusalém, eu fora enviado a eles com os companheiros para convencê-los a demolir a casa construída pelo tetrarca Herodes, que tinha imagens de animais postas ali contra as prescrições legais. E ainda os concitei a que fizéssemos isso logo.

66. Os que estavam com Capela e os chefes deles hesitaram muito em fazê-lo, mas forçados por nós, concordaram.

Primeiro chegou Jesus, filho de Safia, de quem antes dissemos que era o dirigente do partido dos marinheiros e miseráveis e, associando-se a alguns galileus, incendiou todo o palácio e pensava em apropriar-se das riquezas dele, logo que viu nos quartos algumas alfaias feitas de ouro.

67. E roubaram muitas coisas, contra a nossa vontade. Por isso, nós, depois de uma confe-

rência com Capela e os principais de Tiberíades, subimos para a Galiléia e saímos de Betmaús.

Os que estavam com Jesus mataram todos os residentes gregos que antes da guerra tinham-se tornado seus inimigos.

68. Soube disso e fiquei muito aborrecido. Então, descendo para Tiberíades, tomei todo o cuidado dos bens reais que era possível afastar dos rapinantes. Eram candelabros coríntios, tabuletas reais e grande quantidade de prata não marcada. Juntei todas essas coisas e pensei guardá-las para o rei.

69. Tendo feito virem os dez principais do conselho, entreguei-lhes tudo, advertindo-os de não entregarem a outro que não a mim mesmo.

70. Daí, com os companheiros, parti para Giscala, para junto de João, a fim de saber o que ele estava pensando. Vi logo que ele se apresentava para a revolução por ambição do poder.

71. Nessa ocasião, ele exige de mim que lhe dê autorização de levar o trigo de César estocado nas cidades da Galiléia Superior. Alegava desejar gastar seu valor na reforma das muralhas do país.

72. Tendo eu, no entanto, percebido sua esper-teza e o que tramava, não o autorizei a transportá-lo. Na verdade, pensava guardá-lo eu mesmo para os romanos ou para mim porque a disposição das coisas ali me fora confiada pela comunidade de Jerusalém.

73. Assim, não conseguindo convencer-me, tentou conseguir o beneplácito de meus companheiros, já que eles, embora ignorassem o que estava para acontecer, estavam preparadíssimos para ficarem ricos.

Ele corrompeu-os com dinheiro para que lhe entregassem todo o trigo existente na eparquia. Aí, então, eu, vencido por dois lados, fiquei quieto.

74. E João acrescentou segunda maldade. Afirmou que os judeus residentes na Cesaréia de Filipe e fechados aí por Modius, que respondia pela dinastia, tinham-lhe mandado pedir, e ele considerando que já não possuíam óleo puro com que se ungissem para a purificação, desejava envidar esforços no sentido de aprovisioná-los, para que, levados pela necessidade, não transgredissem as leis usando óleo dos gregos.

75. João não estava dizendo aquilo por piedade, mas por evidentíssima ganância. Como sabia que em Cesaréia duas sextárias valiam uma só dracma, enquanto em Giscala oitenta sextárias valiam quatro dracmas, remeteu todo o azeite que havia para lá, deixando transparecer que o fazia por minha ordem.

76. Se o entreguei, não foi de boa vontade. Mas por medo de que a multidão me apedrejasse. Foi só por isso que autorizei o João. E ele, por essa trapça, viu-se dono de imensa riqueza.

77. Deixando que meus companheiros partissem de Giscala para Jerusalém, passei a providenciar a preparação das armas e a fortificação das cidades. Mandeí buscar os mais corajosos dentre os bandidos — já que não era possível tirar as armas deles — e aconselhei o povo a pagar-lhes uma taxa dizendo ser melhor dar um pouco dos haveres que ver suas riquezas serem roubadas por eles.

78. E consegui deles palavra de honra de que não invadiriam o país a não ser no caso de serem

chamados ou quando não recebessem o imposto de proteção. Despedi-me deles avisando-os de que não hostilizassem os romanos nem os vizinhos. Porque eu pensava, antes de tudo, em pacificar a Galiléia.

79. Querendo, sob pretexto de amizade, ter como reféns da fidelidade os principais chefes galileus, que eram setenta ao todo, fiz com que viajassem como amigos meus. Eu os convocava para as reuniões e não proferia decisões sem ouvir a opinião deles. E cuidava de não me afastar do senso de justiça com julgamentos numerosos e de, neles, evitar toda a corrupção.

80. Encontrava-me nos trinta anos de idade, tempo em que, mesmo que uma pessoa se afaste das paixões ilícitas, é difícil para ela evitar as calúnias da inveja. E pior ainda será se tiver um cargo importante.

Não ultrajei mulher nenhuma e até nem cheguei a pensar em usar de todas as doações. Mesmo os dízimos a que eu tinha direito, como sacerdote, eu me recusava a receber dos que os traziam.

81. Agora, é claro que, depois de vencer os sírios moradores nas vizinhanças, peguei parte dos despojos e mandei para meus parentes em Jerusalém.

82. E, tendo, por duas vezes, expulsado os seforitas, quatro os tiberiadenses, uma vez os gabarenses e tendo dominado tantas vezes a João que fizera subversão contra mim, não me vinguei dele nem das sobreditas populações, como a seguir se explicará.

83. Por isso penso que Deus — os que agem corretamente não são esquecidos por ele — me

tirou da mão deles e de muitos perigos me guardou através de tantos incidentes.

84. Tal era para comigo a boa vontade e a confiança da multidão dos galileus, que, quando foram assaltadas suas cidades pela força, escravizados seus filhos e mulheres, não tanto lamentavam suas próprias desgraças como se preocupavam com minha segurança.

85. Vendo isso, João ficou com inveja e me escreveu pedindo licença para descer até os banhos termais em Tiberíades, ótimos para a saúde.

86. Eu, que, nem de leve, suspeitava que ele fosse praticar algum mal, não me opus. Pelo contrário. Até mesmo escrevi a meus prepostos na diocese de Tiberíades para que preparassem alojamentos e tudo o mais que fosse necessário para João e para os que chegavam com ele. Nessa ocasião, eu morava numa aldeia da Galiléia chamada Caná.

87. João, tendo chegado à cidade de Tiberíades, cuidou de desviar meus homens da lealdade para comigo e submetê-los a ele. E muitos atenderam de bom grado, desejosos de subversões, sempre desejosos de mudanças na natureza das coisas saudando, por isso, alegres, as agitações.

88. Principalmente Justo e o pai dele, Pisto, apressaram-se em afastar-se de mim para servir a João. Mas eu os impedi de agitar.

89. Chegou-me um mensageiro de Silas, a quem eu colocara como comandante de Tiberíades, como eu já disse antes,⁵ revelando os pensa-

5. *Guerra dos Judeus*, II, 616.

mentos dos tiberiadenses e recomendando-me que apressasse, pois, em caso de atraso, a cidade cairia sob a autoridade de outros.

90. Depois de ler as cartas de Silas, peguei duzentos homens e pus-me em marcha durante toda a noite. Mas, antes, mandei um mensageiro que avisasse o pessoal de Tiberíades de minha chegada.

91. De manhã, logo que cheguei à cidade, a multidão acorreu e João, com ela. Ele abraçou-me atabalhoadamente, pois temia por sua vida logo que eu examinasse os acontecimentos. E correu depressa de volta, para suas acomodações.

92. Aí, eu, dirigindo-me para o estádio, liberei meus guarda-costas, exceto um. Ficando com este e com dez hoplitas, comecei a discursar para a multidão dos tiberiadenses. De pé sobre uma elevação, eu lhes pedi que não se sublevassem tão afoitamente,

93. porque a mudança faria com que se julgasse mal deles e daria razão de justa suspeita até ao novo chefe sobre a fidelidade deles para com ele.

94. Não havia eu terminado e logo ouvi de alguns dos meus um pedido de que descesse. Não era ocasião de me preocupar com a fidelidade dos tiberiadenses, mas com minha própria segurança e com o modo de fugir de meus inimigos.

95. Porque João escolhera dos seus mil hoplitas os mais fiéis. E mandou que me matassem porque sabia que eu ficara sozinho com uns poucos dos meus.

96. Chegaram os esbirros dele e teriam executado a empreitada se eu rapidamente não tivesse saltado do parapeito com o guarda-costas Jacó, ocasião em que fui amparado na queda por um certo Herodes de Tiberíades e levado por ele até o lago. Aí, pegando um bote, embarquei. Conseguindo fugir ao inimigo, contra o que era de esperar-se, cheguei a Táriquéia.

97. Os habitantes dessa cidade, logo que souberam da infidelidade dos de Tiberíades, irritaram-se furiosamente. Pegaram em armas e me pediram para comandá-los contra aqueles. Diziam quererem vingar a ofensa a seu general.

98. Todo o povo, Galiléia abaixo, ficou sabendo disso e se irritou intensamente contra os tiberiadenses.

Os habitantes de Táriquéia convocaram toda essa gente para uma reunião em que deliberariam acatar as ordens de seu general.

99. Chegaram, pois, galileus de toda a parte em armas e me pediram para atacar Tiberíades e, pela força, tomá-la, arrasá-la e escravizar os habitantes com mulheres e filhos. A mesma coisa pediam os meus amigos que haviam escapado de Tiberíades.

100. Quanto a mim, não consenti. Eu sentia horror em comandar uma guerra intestina. É que eu achava que a disputa devia ficar nas palavras. Por isso, eu dizia a eles que não daria certo, já que os romanos estavam aguardando que eles se destruíssem uns aos outros com essas brigas. Dizendo isso, acalmei a raiva dos galileus.

101. Quanto a João, derrotada sua iniciativa, preocupou-se consigo mesmo e, levando os sol-

dados que estavam com ele, afastou-se de Tiberíades para Giscala, donde me escreveu sobre os acontecimentos, explicando-os como se tivessem sido desencadeados contra sua vontade. Pedia que eu não ficasse com o espírito prevenido contra ele. Jurava e imprecava terrivelmente na tentativa de que eu cresse no que escrevia.

102. Já os galileus — muitos companheiros já se haviam levantado em armas pelo país afora — vendo como o homem era mau e falso, pediam-me para comandá-los contra ele, dizendo que o fariam desaparecer e, com ele, Giscala.

103. Agradei as boas disposições deles e prometi recompensá-los pela boa vontade em vencer, mas exortei-os a sossegarem e pedi-lhes que me perdoassem por eu preferir resolver as dificuldades sem mortes. Depois que consegui persuadir a multidão dos galileus, fui para Séforis.

104. Os cidadãos habitantes dessa cidade, resolvidos a permanecer na fidelidade aos romanos, mas temerosos de minha chegada, resolveram com outra coisa desviar minha atenção, evitando que eu prestasse atenção neles.

105. Enviaram uma mensagem ao facínora Jesus na Ptolomaida, e lhe prometeram dar muito dinheiro para ele querer com sua força — perto de oitocentos homens — fazer guerra contra nós.

106. Ele, tendo ouvido as promessas deles, manifestou desejo de cair sobre nós de inopino, sem que de nada desconfiássemos. Em todo o caso, mandou-me um mensageiro para pedir autorização de vir me abraçar.

Concordei sem desconfiar da trama. E ele, juntando seu bando de sicários, veio em minha direção.

107. Mas seu mau desígnio não chegou ao fim. Porque um de seus comparsas que desertara veio até mim e revelou o ataque dele.

Pensando nessas coisas, fui para a praça pública fingindo desconhecer seus desígnios. Levei comigo muitos soldados galileus e alguns dos tiberiadenses.

108. Depois, ordenei que todos os caminhos fossem guardados com a máxima segurança e, em seguida, avisei aos guardas das portas que somente a Jesus, quando chegasse com os principais, permitissem entrar e interceptassem os outros, espancando os que tentassem forçar a entrada.

109. Feitas as coisas como ordenadas foram, entrou Jesus com alguns poucos. Mandeí logo que depusesse as armas, sob pena de morte. Vendo postados em torno dele, de todo lado, os soldados, obedeceu, com medo. Seus comparsas, que haviam sido interceptados, tomaram conhecimento da prisão e puseram-se em fuga.

110. Quanto a mim, tendo chamado Jesus para um particular, disse que não ignorava a trama que maquinara contra mim nem por quem tinha sido empreitado. Que assim mesmo eu o perdoaria das coisas praticadas se, daí em diante, se arrependesse e se tornasse fiel a mim.

111. Ele prometeu tudo fazer e eu o autorizei a retomar a chefia de seus antigos comandados.

Quanto aos seforitas, mandei-lhes dizer que deixassem de ser ingratos, do contrário, eu os castigaria.

112. Por essa ocasião, vieram a mim duas pessoas importantes, súditos do rei do país dos traconítidas, trazendo seus cavalos e armas e dinheiro transportado em segredo.

113. Queriam os judeus circuncidá-los, se pretendessem ficar junto com eles. Mas, não permiti que os forçassem, dizendo que cada homem deve honrar a Deus de acordo com sua convicção e nunca à força. E que cada homem que fugisse para junto de nós não tivesse motivos de se arrepender.

Uma vez convencida a multidão, procurou-se dar a esses homens recém-chegados, de modo cuidadoso, todas as coisas necessárias ao seu modo habitual de viver.

114. O rei Agripa mandou uma tropa comandada por Aequus Modius para destruir a fortaleza Gamala. Como os enviados não conseguiram cercar a fortaleza, puseram acampamento nos lugares livres e deram início ao cerco.

115. Aebutius, decurião-chefe, posto no comando da grande planície, tendo ouvido a notícia de que eu tinha ido para Simonias, que é uma aldeia que fica nos confins da Galiléia, distante sessenta estádios, pegando os cem cavaleiros que tinha consigo, e mais ou menos duzentos infantes, e levando como auxiliares habitantes da cidade de Gaba, viajando de noite, chegou à aldeia na qual eu vivia.

116. Como eu havia preparado contra ele uma grande força, Aebutius tentou atrair-nos para planície onde contava firmemente com a cavalaria. Acontece que não aceitamos o desafio. Porque eu, percebendo a vantagem que haveria para a cavalaria se descêssemos para a planície,

nós que na maioria somos da infantaria, pensei em atacar o inimigo ali mesmo.

117. E até que Aebutius e seus companheiros opuseram grande resistência. Mas, vendo finalmente que ali a força de cavalaria seria inútil, recuou para a cidade de Gaba, deixando três homens mortos na luta.

118. Acosseio-o com a infantaria, comandando dois mil infantes até perto da cidade de Bessara, que fica nos confins da Ptolomaida, distante 20 estádios de Gaba. Ali Aebutius vivia.

Coloquei os hoplitas do lado de fora da cidade, ordenando-lhes que vigiassem firmemente as estradas para que os inimigos não os fustigassem enquanto requisitávamos o trigo.

119. Pois havia muito trigo da rainha Berenice, reunido das cidades vizinhas para Bessara. Mandeí carregar os camelos e burros — e eu tinha muitos — e enviei o trigo para a Galiléia.

120. Feito isso, chamei Aebutius para a luta. Ele não aceitou porque estava desconcertado com nossa coragem e esperteza.

Aí, parti contra Neopolitano, de quem eu ouvira dizer que saqueara a região de Tiberíades.

121. Era esse tal Neopolitano chefe de um esquadrão de cavalaria mandado a Citópolis como proteção contra os inimigos. Tendo coibido a maior parte de suas maldades contra Tiberíades, passei a me ocupar da Galiléia.

122. João, o filho de Levi que eu já disse que vivia em Giscala, sabendo que tudo estava acontecendo de acordo com meu desejo, e que reinava o bem-querer entre mim e os meus, e pavor entre meus inimigos, não ficou bem contente em

seu espírito. Achando que meu bem-estar lhe traria ruína, caiu num estado de inveja sem limites.

123. E, tendo a esperança de mudar a sorte, mesmo que, para isso, tivesse de acender o ódio entre os meus, tentou persuadir os habitantes de Biberíades e os de Séforis, além dos de Gábara — as maiores cidades da Galiléia, a se afastarem de mim e servirem a ele, achando que os comandaria melhor que eu.

124. E os seforitas, que a nenhum de nós davam a mão, preferindo servir aos déspotas romanos, não o atenderam. Já os tiberiadenses, embora não consentissem totalmente na defecção, concordaram em ser amigos dele.

Os habitantes de Gábara passaram a obedecer a João uma vez que Simion era o seu líder, um dos principais da cidade, considerado como amigo e companheiro de João.

125. Na aparência, não concordavam com a defecção porque temiam demais os galileus que sabiam ser nossos amigos. Mas, na verdade, estavam esperando ocasião própria para me armarem uma cilada. E eu aproximava do maior perigo pelas razões que passo a narrar.

126. Alguns jovens aventureiros, de raça dabaritana, tocaiaram a mulher do epítropo⁶ do rei Ptolomeu que, com muita bagagem e alguns cavalarianos como guardas, saía da grande planície por um caminho que vinha das regiões dominadas pelo rei para o domínio romano.

6. Procurador. Conf. *Guerra dos Judeus*, II, 595 e segs. onde Josephus diz que o fato se deu com o próprio Ptolomeu e não com sua mulher.

127. E, precipitando-se sobre eles de surpresa, obrigaram a mulher a fugir enquanto pilhavam tudo que levava.

Daí foram para Tariquéia, onde eu estava, levando quatro jumentos sobrecarregados de alfaias e de bagagens. Havia também uma barra de prata não pequena e quinhentos dinheiros em ouro.

128. Quanto a mim, estava querendo guardar tudo para Ptolomeu, pois, com a agravante de ser ele da mesma raça, é proibido pelas nossas leis,⁷ em casos como esse, despojar mesmo os inimigos. Mas afirmei aos portadores que deveriam guardar aquelas coisas para, com o produto delas, repararmos os muros de Jerusalém.

129. Os jovens, aborrecidos de não ficarem com uma parte das coisas tomadas, como pretendiam, foram para as aldeias da periferia de Tiberíades e disseram que eu queria entregar o território deles aos romanos.

130. Diziam também que eu havia mentido quando dissera que ia guardar o produto do assalto para reparar os muros da cidade de Jerusalém, porque, na verdade o que eu pretendia era devolver ao antigo proprietário as coisas dele tomadas.

131. E, quanto a isso, não estavam errados. Logo que se afastaram, mandei buscar Dassion e Janeu, filho de Levi, que eram dois dos maiores amigos do rei e mandei que eles, pegando o produto do assalto, o levassem para ele. Amea-

7. Livro do Êxodo, 23. 4.

ceio-os de morte para o caso em que contassem o fato a qualquer outra pessoa.

132. Correu a fama por toda a Galiléia de que as regiões deles seriam entregues por mim aos romanos e, todos, indignados, passaram a exigir minha punição.

Os próprios tariquenses, acreditando que os rapazes falavam a verdade, persuadiram meus guarda-costas e soldados a me abandonarem logo que eu fosse dormir e se dirigirem para o hipódromo para ali discutirem com todos o problema de seu general.

133. Persuadidos e indo — uma multidão imensa estava já reunida — todos chegaram à mesma conclusão: castigar o traidor perverso que se achava entre eles.

134. Mais os aticava Jesus, o filho de Safia, arconte então de Tiberíades, sujeito ruim que gostava de preparar grandes confusões, agitador e subversivo como nenhum outro. E, então, pegando nas mãos as leis de Moisés, avançou para o meio do povo dizendo:

135. — “Cidadãos, se não pudestes odiar Joseph por causa de vós mesmos, voltaí as vistas para nossas leis pátrias. Ele, sendo o principal general vosso, queria tornar-se um traidor. Por isso, por causa dessas leis, odiai a maldade dele e puni aquele que ousou tais coisas”.

136. Como depois de ele dizer isso a multidão exultou, ele, acompanhado de alguns soldados, partiu para a casa onde eu me achava para me matar. Eu, nada suspeitando, dormira de canção, apesar do barulho.

137. Simon, a quem era confiado o guardar-me e que fora o único a ficar, vendo a correria dos cidadãos, acordou-me e me avisou de que o perigo era iminente. Chegou a exortar-me para que eu me deixasse matar por suas mãos, como um verdadeiro general, antes de chegarem os inimigos violentando ou matando.

138. Ele disse isso. Mas eu, tendo-me encomendado a Deus, apressei-me a me encaminhar para a multidão. Eu trocara minha roupa por uma roupa preta e, com a espada dependurada do pescoço, por um caminho em que nenhum de meus inimigos pensava encontrar-me, dirigi-me ao hipódromo. Aí, aparecendo subitamente, prostrei-me ao chão e molhei a terra com minhas lágrimas até conseguir a compaixão de todos.

139. Notando a hesitação da turba, esforcei-me por confundir as opiniões antes que os soldados voltassem da casa.

Reconheci que eu era culpado conforme eles julgavam, mas pedi que me deixassem explicar para que usos eu havia guardado os valores resultantes do golpe de mão e só depois disso me matassem, se quisessem.

140. Tendo a multidão me autorizado a falar, chegaram os soldados e, vendo-me, correram para me matar. Mas a multidão ordenou-lhes de ficarem tranqüilos. Obedeceram, certos de que, quando eu lhes confessasse ter guardado os valores para o rei, me dariam a morte reservada para os casos de traição.

141. Todos em silêncio, eu disse: “— Homens de minha raça, se morrer for justo, não peço que me poupem. Quero, no entanto, antes de morrer, dizer-vos a verdade.

142. Sabendo que esta cidade é amiga dos estrangeiros e cheia de tantos homens que, deixando as próprias pátrias, vêm partilhar de nossa sorte, eu quis reparar-lhe as muralhas com aquela fortuna por causa da qual vos veio o ódio. Exatamente quando eu a ia liberar para tais construções,....”

143. Nisso, entre os tariquenses e os estrangeiros, ergue-se uma voz de agradecimento unânime e que garante que eu posso ficar tranqüilo. Mas, os galileus e os tiberiadenses permaneceram com sua opinião. E surge um tumulto entre eles. Dos que me ameaçavam punir contra os que achavam que eu não devia me preocupar.

144. Quando eu anunciei que também em Tiberíades seriam construídas muralhas, como nas outras cidades que necessitassem, confiaram em mim e retiraram-se, cada um para sua casa.

E eu, tendo-me livrado, contra toda a expectativa, do perigo de que acabei de falar, voltei para casa com os amigos e vinte soldados.

145. De novo os sicários e os causadores de tumultos, julgando por conta própria que seriam punidos por mim pelo que haviam praticado, reuniram seiscentos soldados e foram contra a casa em que eu vivia, para incendiá-la.

146. Tendo alguém me avisado da chegada deles, achei que seria indigno fugir. Até pensei em um golpe de audácia. Mandeí, pois, fechar a porta da casa e subi para o andar superior e disse-lhes que podiam ir buscar o dinheiro. Assim, disse eu, deveria acalmar-se sua fúria.

147. Aí, eles mandaram o mais atrevido deles. Mandeí chicoteá-lo e, em seguida, cortar-lhe

uma das mãos e dependurá-la no seu pescoço. Desse jeito o reenviei aos que haviam mandado.

148. Um pavor e medo sem medida os tomou. Julgando que também eles sofreriam a mesma coisa se ficassem por ali, — imaginavam que eu tinha lá dentro mais homens que eles — lançaram-se à fuga. E eu, com esse estratagema, consegui fugir da segunda conjuração.

149. De novo, alguns excitaram a turba dizendo que não mereciam viver alguns importantes personagens da corte que tinham chegado à minha casa,⁸ já que não queriam adotar os costumes daqueles junto dos quais tinham procurado asilo. Espalharam que eles eram feiticeiros e que eram, além disso, um empecilho à saída dos romanos. Logo a multidão acreditou, enganada pela palavra dos faladores, dita com o fim exclusivo de ganhar-lhes a confiança.

150. Em vista disso, resolvi dar nova lição à turba, para que não perseguisse aqueles que se haviam refugiado junto a eles. E esclareci a história da feitiçaria dizendo que os romanos não precisariam matar tanta gente se, por meio da feitiçaria, pudessem vencer os inimigos.

151. Quando eu disse isso, ficaram persuadidos por pouco. Mas, de novo, atizados pelos facinorosos, enfureceram-se contra as tais personalidades importantes. Até que, de uma feita, partiram contra a casa deles em Tariquéia com intenção de matá-los.

152. Percebi que, se o crime fosse levado a cabo, a cidade não seria mais um lugar seguro para os que nela quisessem refugiar-se.

8. Cf. 112 e 113.

153. Por isso, fui à casa das tais personalidades com alguns companheiros. Fechei os ferrolhos e, dela para o lago, abri um túnel. Depois, fazendo vir um barco, embarquei com elas e conduzi-as até a fronteira dos hipenses. Paguei-lhes o valor de seus cavalos, que eu não pudera embarcar, dado o modo como a fuga fora realizada. Despedi-me delas desejando-lhes coragem para enfrentarem seu destino valorosamente.

154. Eu sofria muito por ser obrigado a expor os refugiados a permanecerem outra vez em território inimigo. Mas, pensei também que, se tivesse de acontecer, seria melhor que morressem junto dos romanos que no meu país. Acontece, porém, que eles se salvaram, já que o rei Agripa perdoou-lhes as faltas. E os episódios de que foram personagens chegaram ao fim.

155. Os habitantes de Tiberíades pediram ao rei que mandasse uma tropa para guardar o território deles, já que desejavam ser seus súditos.

156. Mas, se foi isso que escreveram a ele, a mim que chegava até eles exigiam que eu construísse as muralhas conforme o prometido.

Tinham ouvido que Tariquéia já estava emuralhada. Nesse ponto eu anuí e depois de preparar tudo para a construção, mandei os construtores trabalharem.

157. Depois de três dias de minha partida para Tariquéia, distante de Tiberíades trinta estádios, encontrei alguns cavalarianos do rei passando longe da cidade. Eles davam uma idéia de que se aproximava uma tropa do rei.

158. Logo ecoaram grandes aclamações de louvores ao rei e blasfêmias contra mim. Alguém

correu a informar-me da intenção deles. Pensavam em me abandonar.

159. Ao ouvir isso, fiquei muito perturbado. Eis que eu havia permitido que os hoplitas de Tariquéia fossem para suas casas porque o dia seguinte era sábado, e eu não desejava que então o povo de Tariquéia fosse incomodado pela presença da soldadesca.

160. Na verdade, sempre que eu ia a Tariquéia nunca me preocupava em ter uma guarda pessoal porque já tivera muitas vezes provas da lealdade dos habitantes.

161. Assim, tendo em torno de mim apenas sete hoplitas e alguns amigos, fiquei em dúvida sobre o que fazer. Mandar reunir de novo minha tropa não me parecia oportuno, já que estávamos quase no fim do dia. Mesmo que ela fosse reunida, seria impossível pegar em armas já no dia seguinte, porque nossas leis o proibem mesmo em caso de urgente necessidade.

162. Além do mais, se eu permitisse aos tariquenses e aos estrangeiros que estavam com eles saquear Tiberíades, era previsível que aqueles não seriam em número suficiente e via também que isso me atrasaria muito porque, segundo pensava, a tropa real, chegando, me venceria e eu seria empurrado para fora da cidade.

163. Assim, decidi usar de outro stratagema contra eles. Imediatamente, tendo colocado os mais fiéis dos meus amigos às portas de Tariquéia para darem segurança aos que quisessem sair e tendo chamado os chefes das casas, mandei que cada um deles lançasse ao mar um barco com um piloto para me seguir até a cidade de Tiberíades.

164. Então, eu mesmo com os amigos e os hoplitas, de quem eu disse que eram em número de sete, naveguei, depois de embarcar, para Tiberíades.

165. Nesse ponto, os tiberiadenses perceberam que a força do rei não chegaria até eles e, ao mesmo tempo, viram o lago cheio de barcos. Temeram pela cidade e ficaram assustados, pensando que os barcos estavam cheios. E logo mudaram de modo de pensar.

166. Atirando fora as armas, apresentaram-se com mulheres e filhos, tecendo-me mil elogios. Julgavam certamente que eu não sabia de sua intenção e pediam-me que poupasse a cidade.

167. Acercando-me, mandei os pilotos lançar âncoras ainda longe de terra. Para que não ficasse patente aos tiberiadenses que os barcos estavam vazios de passageiros.

Aproximei-me em um barco e os repreendi por sua falta de juízo e porque eram assim volúveis, sem senso de justiça nem de razão, havendo chegado ao ponto de se afastarem da lealdade a minha pessoa.

168. E prometi que seriam eximidos de culpa se me enviassem os dez principais da multidão. Logo obedeceram e enviaram os referidos cidadãos. Embarquei-os e enviei-os para Tariqueia, onde ficariam presos.

169. Com essa tática, fui, aos poucos apanhando toda a assembléia e fi-la transportar para a cidade de que falei e, com ela, os muitos principais homens do povo, que não eram em menor número.

170. A multidão, quando viu a que ponto chegara o mal, pediu-me para punir o causador da

rebelião. O nome dele era Cleito, um jovem audacioso e atrevido.

171. Eu achava que era um crime matar um concidadão e, ao mesmo tempo, tinha necessidade de castigá-lo. Assim, mandei a um certo Levi, um de meus guarda-costas, que cortasse uma das mãos de Cleito.

172. Acontece que o que recebera a ordem ficou com medo de entrar sozinho no meio daquela multidão. Eu, não querendo deixar patente aos tiberiadenses a covardia do soldado, dirigindo-me a Cleito, disse-lhe aos gritos:

— “Considerando que és digno de perder as duas mãos por teres sido ingrato para comigo, sê tu mesmo o carrasco. Se não cortares a mão, pior sofrerás.” Então, ele pediu para ficar com ao menos uma das mãos. Opondo certa dificuldade, consenti.

173. E ele, satisfeito de não perder as duas mãos, pegando da espada, decepou sua mão esquerda. E isto paralizou a revolta.⁹

174. Os tiberiadenses, quando cheguei a Tariquéia, sabedores da estratégia que eu usara contra eles, admiraram-se de como eu fizera cessar a rebelião deles sem mortes.

175. Mande então retirar do cárcere os da multidão dos tiberiadenses. Com eles estavam Justo e seu pai, Pistos. E fi-los meus comensais. Durante a refeição falei que também eu sabia que a força dos romanos era mais forte que todas, mas silenciara a respeito dela por causa dos malfeitores.

9. O fato está citado também em *Guerra dos Judeus*, II, 642, 644.

176. E a eles aconselhei que fizessem o mesmo quando chegasse a ocasião propícia e não se rebelassem contra mim que era general, já que, nunca mais encontrariam um outro tão indulgente.

177. Lembrei a Justo que, antes que eu chegasse de Jerusalém, os galileus haviam cortado as mãos de seu irmão, acusando-o da “fraude das cartas falsas” e que, depois da partida de Filipe, os gamalenses, levantando-se contra os babilônios, mataram Chareta, que era parente de Filipe.

178. Por isso, castigaram ferozmente a Jesus, irmão dele e cunhado de Justo. Tendo, durante o jantar, dito essas coisas a Justo e aos que com ele se achavam, de madrugada mandei libertá-los.

179. Depois dessas coisas, sucedeu que Filipe, filho de Jakim, fugiu da fortaleza de Gamala pelas razões que se seguem.¹⁰

180. Filipe, pensando que Varus fora mandado embora pelo rei Agripa, e que Aequus Modius, que era, havia muito tempo, amigo dele e até parente, chegara para ficar no seu lugar, escreve a Modius contando-lhe as coisas acontecidas consigo e pedindo-lhe para entregar ao rei as cartas que lhe enviava.

181. Modius, tendo recebido as cartas, alegrou-se muito, tendo por elas sabido que Filipe se salvara, e mandou-as para os reis que estavam em Beirute.

10. Cf. *Autobiografia* 46 a 61.

182. O Rei Agripa, logo que soube que o que lhe haviam contado sobre Filipe era mentira, (haviam espalhado a história de que, como capitão dos judeus, emprendera a guerra contra os romanos), mandou cavaleiros buscarem Filipe.

183. E quando chegou, abraçou-o carinhosamente e aos chefes romanos apresentou-o como aquele Filipe de quem diziam que era dissidente dos romanos.

184. Mandou-o logo, com alguns cavalarianos, encaminhar-se para a fortaleza de Gamala, a fim de fazer sair todos os conhecidos e colocar, de novo, os babilônios em Batanéia.¹¹ Ao mesmo tempo, mandou-o tomar todas as precauções para que nenhuma rebelião surgisse entre os súditos. Filipe, pois, tendo recebido todas essas ordens do rei, acorreu a fazer o que lhe fora mandado.

185. José, o filho da Parteira, tendo convencido muitos rapazinhos atrevidos a se unirem a ele, fez insurgirem-se com eles os homens principais de Gamala, para que se separassem do rei e pegassem em armas, para, através delas, conseguirem a liberdade. A alguns tiveram de forçar e aos que não aderiram mesmo a seus pensamentos, mataram.

186. Assim, mataram a Carés e, com ele, mataram também a Jesus, um dos parentes dele e irmão de Justo de Tiberíades, como eu já havia contado antes.

Foi aí que me escreveram pedindo que lhes mandasse uma força de soldados e gente para

11. Cf. 54.

reconstruir os muros da cidade deles. E eu não neguei nenhuma das duas coisas que pediram.

187. Também a região de Gaulanitis, até a aldeia de Solima, afastou-se do rei. Em Selêucia e Sogane, cidades muito fortificadas pela própria natureza, construí muralhas. Também emuralhei as aldeias da Alta Galiléia tidas como pedregosas.

188. Seus nomes eram Jamnia, Ameroth e Acarabé. Fortifiquei também as cidades da Baixa Galiléia, como Tariquéia, Tiberíades, Séforis, as aldeias da Grota dos Arbelos, Bersubea, Selame, Jotapata, Cafarat, Komus, Sogane, Papha e o monte Itabyrio.¹² Para elas enviei muito trigo, além de armas para a segurança, além do mais.

189. Mas, em João de Levi, o ódio contra mim tornou-se tanto mais profundo quanto maior era meu sucesso.

Pensando em desembaraçar-se completamente de mim, fez ele mesmo preparar muralha para sua terra, Giscala.

190. Assim, enviou o irmão Simão e Jônatas de Siseno com perto de cem soldados a Jerusalém para dizerem a Simão de Gamaliel que convencesse a comunidade dos hierosolimitanos a apear-me do comando dos galileus e confiar a direção deles a ele.

191. Acontece, porém, que esse Simon era da Cidade de Jerusalém, de família muito nobre, da seita dos fariseus que são, reconhecidamente, os maiores conhecedores das leis dos antepasados.

12. Thabor.

192. Era, pois, esse homem pleno de inteligência e reflexão capaz de, com seu pensamento, consertar coisas mal feitas. Velho amigo e parente de João, discordava inteiramente de mim.

193. Aceitando logo a sugestão, imediatamente tratou de convencer os sumo-sacerdotes Anano e Jesus, filhos de Gamala e mais alguns dos do seu partido para que me refreassem no nascedouro e não me permitissem crescer até a glória máxima, dizendo-lhes repetidamente que lhes convinha afastar-me da Galiléia. Pedi também que os amigos de Anano não demorassem, para que eu, avisado, não viesse atacar a cidade com um numeroso exército.

194. Bom. Quanto a Simon, foi isso que aconselhou. Mas o sumo-sacerdote Anano replicou que o trabalho não seria fácil, já que muitos dos sumo-sacerdotes e gente importante do povo testemunhavam que eu era um bom estrategista. Assim, fazer a acusação de um homem contra quem, com justiça, nada podiam alegar, seria uma tarefa indigna.

195. Simon, logo que ouviu isso de Anano, pediu-lhe que calasse a boca para que as muitas palavras dele não transpirassem. Porque, repetia, ele mesmo faria com que eu, logo logo, fosse tirado da Galiléia.

Mandou chamar o irmão de João e ordenou-lhe que levasse presentes para os amigos de Anano. Pois — disse — assim depressa os venceria a mudar de idéia.

196. E, até que enfim, Simon conseguiu o que queria. Porque Anano e os amigos, corrompidos, assentaram de me expulsar da Galiléia antes que nenhum outro da cidade o soubesse. E, para

isso, resolveram enviar homens diferentes quanto à condição social, mas iguais quanto à educação.

197. Deles, dois eram homens do povo: Jônatas e Ananias, da seita dos fariseus. Quanto ao terceiro, era Jozar, de família sacerdotal, também ele fariseu e Simon, o mais novo, descendente de sumo-sacerdotes.

198. Mandaram-nos para que, dirigindo-se à multidão dos fariseus, lhes perguntassem por que era que me amavam. Se respondessem que o motivo era o ser eu da cidade de Jerusalém, os quatro diriam pertencerem a ela também. Se fosse pelo conhecimento das leis, diriam que eles também não ignoravam os preceitos dos antepassados. Se dissessem que me amavam por causa de meu sacerdócio, responderiam que dois deles eram sacerdotes.

199. Isso combinado, doaram-lhes, do erário público, quarenta mil moedas de prata.

200. Logo que ouviram que um certo galileu de nome Jesus, com uma força de seiscentos homens, estava acampado em Jerusalém, tendo-o mandado buscar e dando-lhe o salário de três meses, mandaram-no seguir com os que estavam com Jônatas e acatar-lhes as ordens. E mais: entregaram dinheiro a trezentos cidadãos para alimentação de todos, mandando que seguissem os embaixadores.

201. Eles aceitaram e, preparados para a partida, saíram com eles os amigos de Jônatas conduzindo o irmão de João e cem soldados

202. com ordens dos que os mandavam de, se eu, de boa vontade, depusesse as armas, man-

darem-me vivo para a cidade de Jerusalém e, se eu me opusesse, matar-me sem medo, já que essa era a ordem deles.

203. Ao mesmo tempo, haviam escrito a João para que preparasse a luta contra mim e ordenaram que os moradores de Séforis e de Gábara enviassem reforços para João.

204. Mas, meu pai me escreveu informando-me de tudo, como lhe fora comunicado por Jesus de Gamala, um dos que estiveram na própria assembléia da trama e que era meu amigo e parente.

Sofri muito ao saber que os cidadãos estavam com raiva de mim por inveja, a ponto de mandarem me matar, e com o fato de meu pai, por meio de muitas cartas, estar me pedindo para ir para junto dele, já que, segundo dizia, tinha muita vontade de ver o filho antes de morrer.

205. Conteí essas coisas a meus amigos e lhes disse também que dentro de três dias eu estaria abandonando a terra deles e encaminhando-me para minha terra natal. A tristeza atingiu a todos que me ouviram. Suplicaram chorando que eu não nos abandonasse porque estariam perdidos se fossem privados de meu comando.

206. Não atendi aos pedidos deles. Antes, preocupei-me com minha própria segurança. Os galileus, temendo que, com meu afastamento, se tornassem presa dos bandidos, espalharam pela Galiléia toda notícias sobre minha decisão de partir.

207. Muitos, quando ouviram, vieram de toda parte, com mulheres e filhos, não porque me amassem, mas, muito mais, porque estavam com

medo. E pensavam que, se eu ficasse, nenhum mal lhes aconteceria. Assim, afluíram todos para o meio da planície em que eu morava. O nome dessa planície era Assóquis.

208. Durante aquela noite, tive um sonho maravilhoso. Logo que fui para a cama, aborrecido e perturbado pelas cartas, pareceu-me que alguém dizia perto de mim:

209. — “Ô tu, que sofres, acalma teu espírito, afugenta o medo. Pois, essas mesmas coisas aflitivas te elevarão ao máximo e te farão felíssimo sobre todas as coisas. Sair-te-ás bem, não só desta, como de todas as outras situações difíceis. Não te apouquentes. Lembra-te de que é necessário guerrear os romanos”.

210. Depois desse sonho, levantei-me resolvido a descer para a planície. Ali, ante minha vista, estava todo o povo galileu, com mulheres e filhos, prostrados de borco e chorando. E suplicavam que eu os não abandonasse aos inimigos, nem me afastasse vendo a terra deles prestes a ser insultada pelos adversários.

211. Como não conseguiam me persuadir com súplicas, procuravam, com imprecações, constranger-me a ficar junto deles. Insultavam de todo o jeito ao povo de Jerusalém, que não procurava a paz para a terra deles.

212. Ouvindo essas palavras e presenciando a humilhação do povo, julguei ser bastante digno correr riscos previsíveis por uma tamanha multidão. E mandei que cinco mil soldados deles, trazendo sua ração, viessem e que os outros voltassem para casa.

213. Logo que chegaram os cinco mil, com eles e com os três mil soldados que estavam comigo,

mais oitenta cavalarianos, iniciei a marcha para a aldeia de Cabul, situada nos limites da Ptolomaida. Aí, juntei todas as forças, pretextando preparar a guerra contra Plácido.

214. Este chegara com duas coortes de infantaria de exército e um esquadrão de cavalarianos, mandado por Céstios Galo para queimar as aldeias dos galileus que estavam perto da vila de Ptolomaida. Eu também plantei acampamento a uma distância de sessenta estádios da aldeia.

215. Muitas vezes fiz avançarem as tropas como para o combate. Nada houve, além de escaramuças. Esse Plácido, como me sabia disposto ao combate, perdeu a coragem e recusava combater. Mas, mesmo assim, não abandonava a Ptolomaida.

216. Aí, chegaram Jônatas e os tais delegados a que me referi como os que Simon e o sacerdote Anano mandaram de Jerusalém. Jônatas queria me armar uma cilada, pois, às claras, não tinha coragem de me atacar.

217. Escreve-me ele então a seguinte carta: — “Jônatas e os que com ele foram enviados pelos hierosolimitanos saúdam a Joseph. Nós, através dos principais de Jerusalém, tendo ouvido que João de Giscala muitas vezes fez armadilhas contra ti, mandou-nos para que o repreendamos e o obriguemos a te obedecer, de agora em diante.

218. Para isso, precisamos aconselhar-nos contigo a respeito de um plano comum de ação e é por isso que solicitamos que venhas logo para junto de nós. Com poucos acompanhantes, entenda-se, até porque a aldeia não agüenta receber uma multidão de soldados”.

219. Escreveu tais coisas prevendo de duas uma: ou eu chegaria até eles sem armas, e aí poderiam me subjugar, ou, caso contrário, ficariam com o direito de me considerarem um agressor.

220. A carta me foi entregue por soldado da cavalaria, um rapaz atrevido que certa vez expedicionara com o rei.

Já era a segunda hora da noite. Por acaso eu estava então jantando com amigos, e os principais da Galiléia.

221. Tendo-me um empregado avisado de que chegara um cavalariano judeu, eu o mandei entrar. Ele, sem ao menos me cumprimentar, estendeu uma carta e disse:

— “Esta os que chegaram de Jerusalém te enviam. Escreve, pois, depressa tu também. Porque tenho pressa de retornar até eles”.

222. Os presentes ficaram admirados da audácia do soldado. Quanto a mim, convidei-o a sentar-se e comer conosco. Tendo ele recusado, segurei a carta com uma das mãos, como eu a recebera, e continuei a conversa com os amigos sobre outras coisas.

223. Algum tempo depois, levantando-me e liberando os outros para que fossem dormir, pedi que somente quatro de meus amigos íntimos ficassem e mandei o escravo servir mais vinho. Sem ninguém perceber, abri a carta e, logo que percebi por ela a intenção dos que a tinham escrito, guardei-a de novo.

224. E como se não na tivesse lido, mas segurando-a nas mãos, mandei dar ao soldado mil dracmas para a viagem. Ele as apanhou e agradeceu. Aí percebi o grau da sórdida cupidez dele

e que, principalmente por causa dela, ele seria vulnerável.

— “Mas”, — disse eu — “se desejas beber conosco, ganharás uma dracma por copo que beberes”.

225. Ele aceitou alegre e começou a beber cada vez mais vinho para ganhar mais dinheiro até embebedar-se, não mais conseguindo segurar os segredos. Mesmo sem nada lhe ser perguntado, contou sobre a emboscada tramada e sobre como eu tinha sido condenado à morte por eles — Ouvindo isso, escrevi assim minha resposta:

226. “José saúda a Jônatas e aos que estão com ele. Alegro-me em saber que chegastes com saúde à Galiléia. Principalmente porque poderei passar para vós o cuidado dos negócios do interior, pois é isso que tenciono fazer há muito tempo.

227. Deveria ir até vós, não apenas até Shalot, mas mais longe, mesmo sem esperar vossas ordens. Apresento, no entanto, minhas escusas por não fazer isso. É que estou em guarda em Cabul para o caso de Plácido ter idéias de subir para a Galiléia. Vinde, pois, vós a mim, logo que receberdes esta carta. Saúde”.

228. Tendo escrito esta carta, entrego-a ao soldado para levar e, junto com ele, envio trinta dos mais importantes galileus, com ordens de cumprimentarem os destinatários e mais nada. Determinei também que ao lado de cada um deles houvesse um hoplita dos mais fiéis para tomar conta deles e evitar qualquer conversa entre meus enviados e os que estavam com Jônatas.

229. E eles foram. Os amigos de Jônatas, fraccassada a primeira tentativa, me mandaram outra carta.

— “Jônatas e os que estão com ele, saúdam a Joseph. Convidamos-te para, desacompanhado de soldados, dentro de três dias, vir até nós na aldeia de Gabarot a fim de que ouçamos as queixas contra João formuladas por ti”.

230. Depois de escreverem isto e se despedirem dos galileus que eu enviara, afastaram-se para a aldeia de Jafa, a maior de todas as da Galiléia, seguríssima quanto às muralhas e cheia de edificios. A multidão, com mulheres e filhos, foi encontrá-los, pedindo, aos gritos, para irem embora e não invejarem o bom general deles.

231. A comitiva de Jônatas irritou-se com essas vozes, mas não ousou manifestar sua raiva e partiu para outras aldeias sem se dignar de responder. Em todos os lugares foi recebida com os mesmos gritos e vaias dirigidos a ela, informando que ninguém obrigaria o povo a não ter Joseph como general.

232. Inertes diante deles, os acompanhantes de Jônatas afastaram-se para Séforis, a maior cidade da Galiléia. Os de dentro, que, em pensamento, tinham uma certa simpatia pelos romanos, foram ao encontro deles, sem, no entanto, me louvar nem me recriminar.

233. Mas, quando desceram de Séforis para Assóquis, os moradores, do mesmo modo que os de Jafa, vaiaram-nos. Aí, eles, não resistindo mais, ordenaram a seus soldados que espancassem os vaiadores com paus. Perto de Gábara, João vem a seu encontro com três mil soldados.

234. Quanto a mim, já sabendo, pela carta, que eles tinham resolvido fazer guerra contra mim, subi de Cabul com três mil hoplitas, deixando no acampamento o mais fiel dos amigos e segui para Jotapata a uma distância de mais ou menos quarenta estádios para estar mais perto deles. Daí, escrevi para eles a seguinte carta:

235. — “Se, de toda maneira, quereis que eu vá até vós, há duzentas e quatro vilas e aldeias pela Galiléia a fora. Irei a qualquer uma delas que desejardes, exceto Gábara e Giscala. Uma porque é terra de João; a outra, porque é amiga e aliada dele”.

236. Recebendo tais cartas, os que estavam com Jônatas nem se dignaram de responder. Reuniram-se em assembléia de amigos, e acolhendo João, procuraram um jeito de me pegar.

237. E a João pareceu que o mais acertado seria escrever a todas as cidades e vilas da Galiléia, pois que em cada uma haveria pelo menos um ou dois que discordassem de mim, e convocá-los contra o inimigo comum. Mandou enviar esta resolução também para a cidade de Jerusalém a fim de que seus habitantes, “informados” de que os galileus me consideravam inimigo, também eles expedissem um decreto nesse sentido. Uma vez feito isso — disse — até os galileus que estavam do meu lado ficariam com medo e me abandonariam.

238. João, tendo aconselhado isso com veemência, conseguiu entusiasmar os outros com suas palavras.

239. Esses fatos chegaram a meus ouvidos lá pela terceira hora da noite, porque um certo Zaqueu, que desertara deles com mais alguns,

revelou-me a intenção deles. De nenhum modo eu podia perder tempo.

240. Escolhi Jacó, soldado digno e de confiança entre os que estavam comigo e o mandei guarnecer, com duzentos soldados, as saídas de Gabarot até a Galiléia onde deveria prender e mandar para mim os viajantes, principalmente os que fossem pegos com cartas.

241. Mandei também Jeremias — ele também era um dos meus amigos — com seiscentos soldados, para a fronteira da Galiléia com ordens de guardar as estradas desta para Jerusalém. A ele também dei ordens de prender os que estivessem viajando com cartas e mantê-los nas prisões locais, depois de me mandar as cartas.

242. Depois de dar tais ordens a meus enviados, ordenei uma convocação dos galileus, para que, no dia seguinte, portando armas e comida para três dias, se reunissem comigo na aldeia de Gabarot.

Com os soldados que estavam comigo organizei quatro companhias e reservei os mais fiéis deles para guarda-costas. Dei-lhes oficiais para seu comando e mandei que eles cuidassem de que nenhum soldado desconhecido se intromettesse em suas fileiras.

243. No dia seguinte, aí pela quinta hora, ao chegar a Gabarot, encontrei toda a planície junto da aldeia coalhada de soldados, daqueles que vieram para reforço, como eu mandara. Além disso, outra multidão enorme acorrera das aldeias.

244. Logo que me pus junto deles, iniciei meu discurso e todos começaram a gritar chamando-me de benfeitor e de salvador da terra deles. E

eu, depois de agradecer, aconselhei-os a que não hostilizassem ninguém nem se empenhassem em ataques corporais. Deviam ficar nas tendas espalhadas pela planície, bastando-se com suas rações. Queria eu, assim, apaziguar os tumultos sem cometer assassinatos.

245. Aconteceu que nesse dia os guardas de estradas postos por mim prenderam emissários de Jônatas com cartas. E os homens os prenderam nos lugares conforme eu determinara. Encontrando-os com cartas cheias de calúnias e mentiras, não disse nada a ninguém, mas apressei a urdidura de um plano contra eles.

246. A camarilha de Jônatas, tendo ouvido sobre minha chegada, retirou-se com todos os seus e com João para a casa de Jesus. Era uma torre que em nada ficava a dever a uma acrópole. Depois de esconderem uma companhia de soldados nela, fecharam as portas, deixando só uma aberta na esperança de que, para cumprimentá-los, eu chegasse pela estrada.

247. E aí, deram ordens aos soldados de me deixarem entrar sozinho quando eu chegasse, deixando os outros do lado de fora. Pensavam, decerto, que assim seria mais fácil me prenderem. Nessa esperança enganaram-se.

248. Eu percebi a trama logo que cheguei da estrada e plantei acampamento em frente a eles, como se fosse dormir.

249. E os que estavam com Jônatas, julgando que eu estava mesmo descansando e que dormia, apressaram-se a descer para a planície para aí espalharem a opinião de que eu era um mau general.

250. Conseguiram efeitos contrários. Logo que foram vistos, cresceu um clamor entre os galileus em virtude do bom conceito que tinham de mim como general.

E acusaram os acompanhantes de Jônatas de estarem lá, sem provocação da parte deles, para destruir-lhes os bens. E pediam que fossem embora e que nem tentassem persuadi-los a tomarem um novo chefe.

251. Comunicadas essas coisas a mim, não demorei a ir para o meio deles. Desci logo e fiquei como se fosse um deles, ouvindo o que diziam os que estavam com Jônatas. E logo que cheguei, a multidão me aplaudiu com gritos de elogios à minha estratégia.

252. Ouvindo isso, os companheiros de Jônatas ficaram com medo de correr perigo de vida já que os galileus proferiam objurgatórias contra eles e elogios a meu respeito.

Pensaram em fugir. Não conseguiram, porém, porque eu pedi que esperassem. Tiveram de ficar cabisbaixos prestando atenção ao meu discurso.

253. Nisso, pedi à multidão que cessasse as aclamações e mandei para as estradas os mais fiéis dos soldados a fim de guardá-las para o caso em que João nos atacasse de surpresa. E mandei também os galileus pegarem as armas para que, à chegada dos inimigos, ninguém, na confusão, ficasse atarantado.

254. Primeiro, lembrei aos que estavam em torno de Jônatas sobre a carta enviada à comunidade de Jerusalém para que ela resolvesse as diferenças entre mim e João, e de como me haviam convidado a ir até eles.

255. E ao mesmo tempo que eu recordava tais coisas, a fim de que nada pudessem negar, pus-lhes à frente a carta, a própria carta que os desmentia.

256. E disse: — “Tu, Jônatas e teus colegas, se eu for julgado estar contra João, posso trazer duas ou três testemunhas que, além de elucidarem sobre minha vida, depois de investigardes sobre a vida delas, se achardes necessário, farão com que vós me julgueis livre das acusações.

257. A fim de que saibais que eu bem agi na Galiléia, acho até que são poucas as três testemunhas de como eu vivi corretamente. Dou-vos todas essas aqui.

258. Perguntai-lhes de que modo vivi e se, com toda a honradez não exerci ali minhas funções. E vos conjuro, ó galileus, de não esconderdes nada da verdade e dizerdes a estes homens, como se estivésseis diante de juízes, se eu cometi algo de errado”.

259. Eu ainda estava dizendo isso quando gritos generalizados se elevaram, de todo lado, chamando-me de benfeitor e salvador. E testemunhavam a respeito do meu bem-fazer passado e insistiam no bem-fazer futuro. Todos juravam que eu fizera com que as mulheres não fossem violentadas e que ninguém, afinal, fora entristecido por mim.

260. Depois disso, os guardas colocados por mim apreenderam duas das cartas remetidas pelos de Jônatas e mandaram-nas para mim que as li para os galileus, cheias como estavam de calúnias e mentiras sobre o fato de que me estaria conduzindo com relação a eles mais como tirano do que como general.

261. Haviam escrito muitas coisas além dessas sem se esquecerem da mentira mais torpe. Disse eu à multidão que conseguira essas cartas por dádiva espontânea dos portadores; pois eu não queria tornar públicos os acontecimentos sobre os guardas, para que os inimigos não deixassem de escrever.

262. A multidão ouviu isso e irritou-se muito e quase se lançava sobre Jônatas e seus companheiros para matá-los. E estavam para fazer tal serviço quando acalmei a fúria dos galileus. Eu disse aos acompanhantes de Jônatas que eu perdoava os atos passados se quisessem mudar de idéia e se, dirigindo-se para sua terra, dissessem a seus enviados a verdade sobre o meu modo de desempenhar funções públicas.

263. Dizendo isso, despedi-os, embora sabendo que não cumpririam o prometido. A multidão queimava-se de raiva contra eles e me pedia para deixá-los castigar a quem tinha ousado tais coisas.

264. De todo jeito procurei convencê-los a poupar os homens. Porque estava ciente de que toda revolução havida prejudica ao bem comum.

A multidão não modificou a fúria que tinha contra eles e todos partiram para a casa em que estavam aquartelados os companheiros de Jônatas.

265. Quanto a mim, vendo que a fúria deles era incoercível, saltei sobre o cavalo e pedi à turba que me seguisse para a aldeia de Sogana, que distava vinte estádios de Gábara. E, com essa estratégia, consegui não parecer estar chefiando uma guerra fratricida.

266. Quando chegamos perto de Sogana, exortei a multidão a que não se deixasse levar pela fúria. Principalmente porque os castigos produziriam resultados irreversíveis.

Roguei, em seguida, aos já bem vividos em idade e a cem dos homens principais entre eles para que se preparassem para a jornada à cidade de Jerusalém, onde profligariam, perante o povo, os que semeavam a discórdia no país.

267. “E se se inclinarem” — eu disse — “a vossas palavras, pedi à comunidade que me escreva ordenando-me de ficar na Galiléia e aos companheiros de Jônatas para saírem de lá”.

268. Depois de lhes dar essas instruções, apressaram-se logo eles. No terceiro dia após a assembléia, dei ordem para a partida, enviando com eles quinhentos hoplitas.

269. E escrevi aos amigos na Samaria para que lhes providenciassem segurança durante a caminhada, pois já a Samaria estava sob domínio romano e era absolutamente necessário, caso se quisesse andar depressa, passar por ela. Por esse caminho, em três dias, sai-se da Galiléia e chega-se a Jerusalém.

270. Ao mesmo tempo, eu e os embaixadores fomos até as fronteiras da Galiléia, tendo colocado antes sentinelas nas estradas para que não se pudesse saber logo que estávamos partindo. E, depois disso, passei a viver em Jafa.

271. Os companheiros de Jônatas, tendo falhado naquela armadilha contra mim, liberaram João para que fosse até Giscala.

Quanto a eles mesmos, foram até a cidade de Tiberíades pensando tomá-la à força, enquanto que também Jesus, que naquela ocasião

era o arconte deles, escrevera-lhes informando que se esforçava para conseguir que a multidão os recebesse e ficasse a seu favor.

272. Silas me contou isso por meio de cartas. O tal Silas de quem eu já disse que havia encarregado de cuidar de Tiberíades. Ele pedia que me apressasse.

Atendi logo, fui e acabei correndo perigo de vida, pelos motivos que passo a expor.

273. Os amigos de Jônatas chegaram a Tiberíades e conseguiram que muitos, dissentindo, me abandonassem. Por isso, logo que ouviram notícias de minha chegada, ficaram tremendo de medo e vieram me procurar. E, tendo-me saudado, disseram que me felicitavam porque eu transformara a Galiléia e alegravam-se pelas honras em que eu estava.

274. Disseram mais que era honra deles a minha glória, pois, sendo eu o professor deles e eles, meus concidadãos, com mais acerto que à de João, submetiam-se à minha amizade, e que logo voltariam para casa, esperando ocasião de entregarem João ao meu poder.

275. Dizendo isso, expressavam-se com os mais terríveis juramentos para comigo de maneira que eu não fosse levado a descrer deles sem pensar estar cometendo injustiça. E pediam-me que pusesse o acampamento alhures porque o dia seguinte era sábado e não convinha, conforme diziam, que a cidade de Tiberíades fosse perturbada exatamente nele.

276. Eu, sem suspeitas, parti para Tāriquéia, deixando na cidade, porém, meus espiões para saberem o que seria dito a meu respeito.

Por toda a estrada que vai de Tariquéia a Tiberíades distribuí muitos deles a fim de que dessem sinais uns aos outros sobre o que conjecturavam os que tinham sido deixados na cidade.

277. Já no dia seguinte encaminharam-se todos para a Sinagoga, edifício enorme e capaz de conter grande multidão.

Aí, Jônatas entrando, não teve coragem de falar abertamente sobre a insurreição. Disse apenas que a cidade deles andava precisando de um general melhor.

278. O arconte Jesus, no entanto, sem a pretensão de esconder nada, disse alto e bom som: "Cidadãos, é melhor obedecer a quatro homens que a um, principalmente se esses quatro são de origem brilhante e não sem glórias quanto à inteligência". E, ao dizer isso, apontava para os que estavam com Jônatas.

279. Justo, chegando, aplaudiu a Jesus porque estava dizendo tais coisas e conquistou a simpatia de alguns populares.

Mas, o grosso da multidão não gostou dos discursos e quase ia havendo uma tremenda confusão se não houvesse chegado a hora sexta e, com isso, a multidão não se dispersasse. Pois, é regra entre nós jantar no sábado a essa hora.

Os que estavam com Jônatas, adiaram a reunião para o dia seguinte e se retiraram sem resultados práticos.

280. Logo que fui avisado de tais acontecimentos, pensei em ir para Tiberíades bem cedo. No dia seguinte, à primeira hora, saí de Tariquéia para já encontrar a multidão reunida na Sinagoga. Os presentes ignoravam para que era a reunião.

281. A turma de Jônatas, logo que me viu assim tão de inopino, assustou-se. Porque preparava-se para espalhar pela cidade a falsa notícia de que a cavalaria romana tinha sido avistada num lugar chamado Homonéia, na fronteira, a cerca de trinta estádios da cidade.

282. Espalhando essas coisas de sua invenção, o pessoal do Jônatas suplicava que não permitissem que a terra deles fosse saqueada por inimigos.

Sob o pretexto de uma precipitada expedição, tinham em mente afastar-me e transformar a cidade em inimiga minha.

283. Eu, embora tenha percebido logo sua artimanha, atendi, para não formar nos tiberiadenses a opinião de que eu não pensava na segurança deles. Por isso, saindo e chegando ao referido lugar, como não havia inimigo de espécie alguma,

284. voltei em marcha forçada e encontrei toda a assembléia formalmente reunida com a população e a súcia de Jônatas pronta a fazer-me as maiores acusações, entre elas a de descuidar-me de aliviá-los do peso da guerra, vivendo na maior libertinagem.

285. Dizendo isso, apresentaram quatro cartas como se tivessem sido remetidas pelos que estavam na fronteira da Galiléia suplicando-lhes que fossem em expedição de socorro porque a tropa dos romanos, tanto de infantaria como de cavalaria, estava saqueando terra deles havia já três dias e não viam ninguém se apressar a defendê-los.

286. Os tiberiadenses, ouvindo isso, crendo que eles falavam a verdade, começaram a gritar que

não deviam ficar falando sentados, mas ir em socorro dos compatriotas.

287. A isso, eu, que já descobrira a trama do grupo de Jônatas, disse que estava pronto para obedecer e jurei ir logo para o local dos combates. Ao mesmo tempo, no entanto, aconselhava-os, já que os romanos atacavam em quatro pontos, a dividir o exército em cinco corpos e à frente de cada um colocar Jônatas e seus amigos aderentes.

288. Porque o correto para homens corretos não seria apenas aconselhar, mas em caso de urgência, comandar uma tropa de socorro, já que eu não poderia comandar mais de um dos corpos.

289. Meu conselho agradou muito à turba que queria obrigá-los a partir para a guerra. Aí, confundiram-se-lhes desmesuradamente os pensamentos, já que não poderiam executar o que haviam planejado, porque eu os surpreendera com um anti-estratagema.

290. Um certo deles chamado Ananias, homem mau e perigoso, começou a por na cabeça da massa a idéia de um jejum oferecido a Deus até o dia seguinte e pedia que então voltassem desarmados na mesma hora e ao mesmo lugar mostrando assim a Deus que se não conseguissem socorro dele, consideravam ser inútil qualquer arma.

291. Dizia isso não por espírito piedoso, mas, para pegar a eles e a mim sem armas. E o pior era que eu tinha de obedecer para não parecer estar desprezando uma sugestão ditada pela piedade.

292. Logo que nos dirigimos cada um para sua casa, Jônatas e os seus escreveram a João pedindo que viesse até eles com quantos soldados pudesse. E que nessa ocasião eu seria deixado por eles imediatamente à sua mercê e ele poderia logo fazer o que quisesse. Tendo ele recebido a carta, começou a preparar-se para atender.

293. No dia seguinte, mandei que dois de meus guarda-costas, dos mais corajosos e mais firmes na fidelidade, me acompanhassem depois de esconderem punhais sob as vestes para o caso em que eu fosse ameaçado por inimigos. E eu mesmo vestindo a couraça e cingindo uma espada do modo mais escondido possível, fui para a reunião.

294. O arconte Jesus deu ordens para que todos os meus guardas ficassem trancados. Ele mesmo ficou de guarda junto às portas e deixou que eu entrasse só com uns amigos.

295. Já estávamos a realizar o ritual de costume e a fazer as preces quando, levantando-se, Jesus perguntou a mim com quem por acaso se encontravam as alfaias e a prata não marcada salvadas do palácio real.¹³ Dizia isso querendo dar tempo para que João chegasse.

296. Aí, eu respondi que Capela e os dez principais de Tiberíades ficaram com tudo. — “Pergunte você mesmo — eu disse — “não estou mentindo”.

E, perguntados, eles responderam que tudo estava com eles. — “Mas” — disse ele — “e os vinte lingotes de ouro não marcado que você pegou e vendeu, que aconteceu com eles?”.

13. *Autobiografia*, 66 a 69.

297. “Quanto a esses”, — disse — “eu os dei aos sacerdotes emissários enviados a Jerusalém, para despesas de viagem”.

A isso os acólitos de Jônatas objetaram que eu não agira bem dando aos emissários um bem da comunidade.

298. Com isso, a multidão se irritou, pois já conhecia a ruindade daqueles homens. Sentindo eu a iminência de irromper um tumulto e querendo atizar mais o povo contra aqueles homens, falei:

“Mas, se eu não agi corretamente dando a comissão da comunidade aos nossos emissários, parai de reclamar. Devolverei de meu bolso as vinte peças de ouro”.

299. Tendo eu dito isso, os amigos de Jônatas ficaram calados e o povo mais se irritou contra eles quando, pelos fatos, ficou patente a maldade deles desencadeada contra mim.

300. Vendo Jesus a mudança deles, pediu ao povo para voltar para casa e ao Conselho queria que ficasse, pois não poderia fazer um exame dessas coisas com tumulto.

301. Estando o povo a gritar que não me deixaria sozinho com eles, chegou alguém para avisar secretamente a Jesus que João estava chegando com os soldados. Aí, a corja de Jônatas entusiasmou-se, tendo, no entanto, Deus providenciado rapidamente a respeito de minha salvação. Do contrário, diante disso, eu teria sido morto por João.

302. “Acalmai-vos, ó tiberiadenses”, ... “foi ele dizendo — “deixai de lado a questão das vinte peças de ouro. Não é por elas que José é digno de morrer, mas porque pretendia ser um

tirano e vem enganando com palavras as multidões galiléias para tomar o poder para si mesmo". Dizendo ele isso, foram eles logo tentando me pegar para matar.

303. Quando meus guardas viram o que estava acontecendo, arrancaram das espadas¹⁴ e ameaçaram atacar se me fizessem violência. Ao mesmo tempo, o povo começou a apanhar pedras para atirar em Jônatas subtraindo-me à sanha de meus inimigos.

304. Quando eu me afastei um pouco, quase dei de cara com João que vinha com os soldados. Com medo dele, afastei-me. E conseguindo escapar por um caminho estreito, dirigi-me para o lago, onde tomando um barco, nele atravessei para Tariquéia, fugindo inesperadamente ao perigo.

305. Aí, convoco logo os principais dentre os galileus. E conto o fato de como, violadas as promessas, quase eu ia sendo morto pelo bando de João e pelos tiberiadenses.

306. Irritou-se com essas coisas a multidão dos galileus e me pediu para preparar-lhes uma guerra sem demora e deixá-los marchar contra João para o matarem bem como à malta de Jônatas.

307. Embora estivessem muito irritados, eu os contive mandando que sossegassem até que soubéssemos o que contariam os que havia enviado a Jerusalém, para aí, então, eles poderem agir de acordo com a opinião do Sinédrio.

14. Não confere com *Autobiografia*, 293, onde se fala de punhais e não, de espadas.

308. Com isso, convenci-os. Nessa ocasião, João, não tendo tido êxito em sua cilada, voltava também para Giscala.

309. Poucos dias depois, chegaram de volta os nossos emissários e contaram que o povo estava muito irritado com os partidários de Anano e de Simão, filho de Gamaliel, porque, sem o parecer da comunidade, haviam enviado um grupo à Galiléia e tentado depor-me.

310. Disseram os emissários que o povo ameaçava queimar as casas deles. E trouxeram cartas nas quais os líderes de Jerusalém, sob a pressão dos pedidos do povo, confirmavam meu comando na Galiléia e mandavam aos que estavam com Jônatas que se preparassem para voltar para casa o mais depressa possível.

311. Lendo eu tais cartas, afastei-me para Arbelas e ali, tendo reunido um Conselho dos Galileus, pedi aos emissários que fizessem uma exposição sobre a raiva e ódio aos vícios e feitos dos colegas de Jônatas.

312. E, considerando que já estava ratificado para mim o poder sobre o país deles, e havia ordem escrita para retirada da turma do Jônatas, logo lhe mandei uma carta, recomendando ao portador que indagasse dele o que pretendia fazer.

313. Ele recebeu a carta e ficou muito espantado. Mandou convocar João, os da reunião de Tiberíades e os chefes de Gábara e reuniu um conselho para consultá-los sobre o que deveria fazer.

314. Pareceu aos tiberiadenses que eles o que deveriam fazer era continuar no poder. Não

convinha — diziam — deixar a cidade deles, que uma vez lhes obedecera. Quanto mais que eu não estava com disposição de deixá-los afastarem-se. (Atribuir-me tal ameaça era mentira).

315. João, não somente compartilhou da opinião deles, como aconselhou-os no sentido de que dois deles viajassem para me acusar perante a multidão de que não tinha administrado bem a Galiléia. Disse mais que isso era fácil de ser feito em razão da dignidade dos emissários e porque toda multidão é mutável.

316. Parecendo que o pensamento de João era o melhor de todos mandaram que dois fossem até Jerusalém (João e Ananias) e deixassem os outros dois em Tiberíades. Para segurança deles reuniram um corpo de cem hoplitas.

317. Quanto aos tiberiadenses, tinham resolvido fortificar as muralhas e pediram aos habitantes que pegassem em armas. Mandaram não poucos soldados com João para guardá-lo, se precisasse, contra mim. E eis João em Giscala.

318. A turma de Jônatas, saindo de Tiberíades, chegou a Dabarita, aldeia que ficava nos confins da Galiléia, na grande planície, e lá pela meia noite caiu nas mãos de meus guardas. Sob as ordens destes, entregaram as armas e ficaram presos nas cadeias locais, como eu havia ordenado.

319. Levi, a quem eu confiara a guarda, me escreveu contando tudo. Deixando passar dois dias e fingindo nada saber, remeti aos tiberiadenses uma carta em que os aconselhava a deporem as armas e fazerem voltar os homens para as casas deles.

320. Eles, como pensavam que os amigos de Jônatas já haviam chegado a Jerusalém, mandaram-me respostas injuriosas. Mas, eu, não me sentindo injuriado, resolvi lançar mão de um estratagema contra eles.

321. Iniciar uma guerra contra meus concidadãos não me parecia correto. Querendo afastá-los dos tiberiadenses, escolhi dez mil entre meus melhores soldados, dividi-os em três corpos e ocultamente os coloquei de emboscada em Adoma.

322. Coloquei também mil numa outra aldeia igualmente montanhosa, afastada quatro estádios de Tiberíades, com ordens de descerem tão logo recebessem um sinal.

Eu mesmo, depois de avançar contra a aldeia, acampe numa elevação.

323. Vendo-me, os tiberiadenses corriam às portas e diziam uma porção de coisas. A falta de controle tinha tomado conta deles a tal ponto que tinham até construído um catafalco bem à vista e, em redor dele, faziam lamentações a meu respeito com piadas e risos.

Quanto a mim, espairecia o espírito agradavelmente observando a loucura deles.

324. Querendo lançar uma armadilha para Simon e Jozar, mandei convidá-los a sair um pouco da cidade com muitos amigos dentre seus guarda-costas. Pois, disse, eu gostaria de descer e estabelecer um trato com eles para partilharmos a chefia da Galiléia.

325. Simon, meio atarantado por causa de sua pouca idade, como pela esperança de lucro, não hesitou em ir. Jozar, suspeitando de uma armadilha, ficou. Logo que Simão subiu levando uma

guarda de amigos para o defenderem, cumprimentei-o amigavelmente e agradei a ele o ter subido desse modo.

326. Logo em seguida, eu fui andando ao lado dele, como se lhe quisesse dizer algo a sós e, assim, o conduzi para longe dos amigos. Aí eu o agarrei pelo meio do corpo e mandei que meus amigos o conduzissem para a aldeia. Depois, mandei os hoplitas descerem e me lancei com eles contra Tiberíades.

327. Travou-se, de ambos os lados, violenta batalha e os tiberiadenses quase iam ganhando porque nossos hoplitas começaram a fugir. Mas ao ver o que estava acontecendo, chamei à atenção os que estavam comigo e fiz retrocederem até a cidade os quase vencedores tiberiadenses. Mandeí outra força através do lago, com ordens de incendiar a primeira casa que tomasse.

328. Os tiberiadenses, logo que perceberam, pensaram que a cidade deles estava sendo tomada de assalto. De medo depuseram as armas e, com as mulheres e filhos, começaram a suplicar que eu lhes poupasse a cidade.

329. Vencido por suas súplicas, abrandei a fúria dos soldados, e, como havia caído a noite, fui, com os soldados, cuidar de meu corpo.

330. Convidei Simon para jantar e procurei consolá-lo dos acontecimentos e prometi a ele e a seus companheiros enviá-los para Jerusalém com toda segurança.

331. No dia seguinte, comandando dez mil soldados, parti para Tiberíades e conduzindo para o estádio os principais moradores exigi que a

multidão dissesse quais tinham sido os provocadores da sublevação.

332. Indicados os homens, mandei-os acorrentados para a cidade de Jotapata. Da prisão mandei retirar os companheiros de Jônatas e Ananias, como também a Simon e Jozar e lhes dei suprimentos, quinhentos soldados que os protegessem e os mandei para Jerusalém.

333. Os tiberiadenses, saindo de novo, pediam que os perdoasse pelo que haviam feito dizendo que corrigiriam os erros e, depois disso, manteriam fidelidade a minha pessoa. Pediam também para salvar da pilhagem o que restava, para os que tinham sofrido prejuízo.

334. Aí, eu mandei que quem tivesse apanhado alguma coisa trouxesse tudo que tinha. Como demorassem muito, tendo visto um de meus soldados vestido com uma túnica mais distinta que o habitual, perguntei-lhe como a obtivera.

335. Como respondeu que fora do saque da cidade, mandei chicoteá-lo. Aos outros todos ameacei de maior castigo se não devolvessem tudo que haviam tomado. Das muitas coisas trazidas, devolvi aos tiberiadenses o que cada um reconhecia como seu.

336. Chegado a este ponto da narração quero, a respeito de Justo — já que ele também escreveu a história dessas coisas — e com relação a todos os outros que pensam em escrevê-la, parques no que toca à verdade, por ódio ou por preconceito, não preocupados em mentir, adiantar umas pequenas coisas.

337. Agem como os falsários que forjam documentos falsos, e como não se dá a eles o mesmo castigo que a esses, zombam da verdade.

338. Daí Justo ter empreendido escrever os fatos sobre a guerra. Para ser considerado prudente, mentiu a meu respeito e não disse nada sobre sua terra natal. É por isso que, agora que tenho necessidade de me defender, pois foi levantado falso testemunho contra mim, direi as coisas que aconteceram e sobre as quais silencieei até agora.

339. E não fique ninguém admirado de eu não ter mostrado essas coisas há mais tempo; ao que escreve história é necessário dizer a verdade, mas é necessário igualmente não narrar as maldades dos outros com agressividade, não por favor a eles, mas por senso de medida.

340. “Como então, ó Justo” — permitam-me que fale como se ele estivesse presente — “ó escritor tão perito que por isso te vanglorias a respeito de ti mesmo, eu e os galileus somos os incitadores da rebelião contra os romanos e contra o rei na tua terra?”

341. Antes que eu fosse promovido a comandante da Galiléia pela Comunidade de Jerusalém tu e todos os tiberiadenses não somente pegastes em armas mas guerreastes efetivamente as dez cidades da Síria. Tu mesmo incendiaste as cidades deles. E até um criado teu morreu naquela empresa.

342. E essas coisas eu não digo sozinho, mas está escrito também nas memórias do imperador Vespasiano. Uma vez, na Ptolomaida, os habitantes das dez cidades gritaram a Vespasiano pedindo castigo para ti a quem consideravam culpado.

343. E, dependendo de Vespasiano, receberias a pena se o rei Agripa que tinha o poder de te

executar, em vez de te executar, não tivesse te mantido acorrentado por longo tempo, depois de muito pedido da princesa Berenice.

344. E, além disso, tua conduta mostra à evidência pelo restante de tua vida que foste tu quem sublevou tua terra contra os romanos. Daqui a pouco, mostrarei as provas.

345. Quero falar também aos outros tiberienses, aproveitando a ocasião que me dás, e aos outros que por acaso lerem essas histórias, que tu não eras amigo de Roma nem amigo do Rei.

346. As maiores cidades dentre as que estão na Galiléia são Séforis e Tiberíades, tua terra, ó Justo. Mas, Séforis que fica no centro da Galiléia tendo muitas aldeias em redor, poderia, se quisesse, erguer facilmente forças contra os romanos. Tendo resolvido ficar na fidelidade a seus senhores, fechou-se até para mim e impediu que qualquer de seus cidadãos marchasse junto com os judeus.

347. E até para estarem seguros enganaram-me, obrigando-me a fortificar a cidades deles com muralhas. E por Céstio Galo, que era o controlador da ordem romana na Síria, de boa vontade foi-lhes designada uma guarnição. Isso era um insulto para mim que dispunha de grande poder e o impunha a todos.

348. Cercada Jerusalém, a maior de nossas cidades, com o templo comum de todos correndo o risco de se tornar propriedade do inimigo, não mandaram socorro para não parecerem estar em armas contra os romanos.

349. Quanto à tua pátria, ó Justo, que fica no lago de Genesaré e afastada de Hipos uns trinta

estádios, uns sessenta de Gádara e cento e vinte de Citópolis, dócil ao Rei, vizinha de nenhuma cidade dos judeus, se quisesse guardar a fidelidade aos romanos, poderia fazê-lo facilmente.

350. Porque éreis um povo muito numeroso e muito poderoso em armas. Mas, como tu mesmo o dizes, eu fui a causa então. Depois disso, quem, ó Justo? Bem sabes que antes do assédio a Jerusalém eu caí sob o poder dos romanos e Jotapata foi tomada pela força assim como muitas outras fortalezas, tendo morrido uma multidão de galileus.

351. Nessa ocasião, afastado qualquer receio de mim, devias lançar fora as armas e apresentar-te ao Rei e aos romanos dizendo que não voluntariamente, mas forçado por mim havias movido guerra contra eles.

352. No entanto, esperaste a Vespasiano e logo que ele chegou e, com toda a força encaminhou-se para as muralhas, aí então é que, por medo, lançaste fora as armas. E, sem dúvida, tua cidade seria tomada de assalto, se a pedido do Rei, Vespasiano não tivesse perdoado tua loucura. Logo, não fui eu o causador, mas tu, ó forjador de guerras!

353. Ou estás esquecido de que, tantas vezes, tendo-me assenhoreado de ti, não mandei matar a ninguém, revoltando-vos vós mesmos uns contra os outros? E não por amor aos romanos ou ao Rei, mas por vossa própria ruindade, e mataste 85 cidadãos, enquanto, naquela ocasião, eu estava em Jotapata cercado pelos romanos.

354. Não é verdade que, por ocasião do cerco de Jerusalém, dois mil dos tiberiadenses foram encontrados lá, uns mortos e outros aprisio-

nados? Mas tu dizes que não és de guerra, e que até naquela ocasião te refugiaste junto ao Rei e na verdade, eu o digo, fazias isso por medo de mim.

355. E, no entanto, eu é que sou um perverso, como tu o dizes. O Rei Agripa que te salvou a vida, a ti que estavas condenado à morte por Vespasiano, que te havia tantas vezes agraciado com presentes, por quê, a seguir te mandou pôr a ferros duas vezes? E por que te impediu tantas vezes de ir à tua terra natal e uma vez até te mandou matar e só te concedeu a graça da salvação mediante muitos pedidos de Berenice?

356. E depois de todos esses teus malfeitos, tendo ele te confiado o posto de escriba, notou logo que também nessa função eras desonesto, ele te expulsou de sua presença. Mas vou fazer minuciosamente a prova disso tudo.

357. Causa sobretudo admiração tua impudência quando ousas afirmar que de todos os que escreveram sobre esse assunto tu és o que melhor se expressou. Se nem sabes nada sobre os acontecimentos da Galiléia, já que, na ocasião, estavas em Beirute, junto ao Rei, nem seguiste o que os romanos sofreram e nos infligiram no cerco de Jotapata, nem deves saber tudo que fiz quando sitiado. Pois os que podiam contar morreram naquele confronto.

358. Mas, igualmente dizes, quanto aos acontecimentos de Jerusalém, tê-los descrito com exatidão. Mas, como é possível? Nem estavas, casualmente, na batalha, nem conheces as memórias de César ¹⁵ E maior prova de todas: nas

15. Tito? Ver item 342.

memórias de César, o que está escrito, está ao contrário de tuas afirmações.

359. Se ousas afirmar que escreveste melhor que os outros todos, por que é que, quando vivos, Vespasiano e Tito, os imperadores que conduziram a guerra, o Rei Agripa e os da família dele, homens grandemente imbuídos da *paideia* grega, não trouxeste à baila essa história?

360. Há cerca de vinte anos escreveste e então não cuidaste de obter de conhecedores o testemunho da exatidão. Agora, porém, quando eles não mais estão entre nós, e pensas não ser desmentido, tu te mostras ousado.

361. Não temi, como aconteceu contigo, até o teor de meu escrito, mas ofereci os livros aos próprios imperadores à vista ainda dos acontecimentos. Para mim, que observara a transmissão da verdade, obter o testemunho deles aconteceu sem eu o pedir, sem enganar.

362. E a muitos outros ofereci logo a história, sendo que muitos deles haviam tomado parte na guerra, como o Rei Agripa e alguns dos parentes dele.

363. O próprio imperador Tito quis que só através desse livro fosse dado aos homens conhecimento dos fatos, mandando-o distribuir ao povo, depois de tê-lo chancelado com sua própria mão.

364. O Rei Agripa escreveu sessenta e duas cartas para dar testemunho da verdade. Delas estão duas aqui para o caso em que desejes conhecer-lhes o teor.

365. “O Rei Agripa saúda ao caríssimo Joseph. Com prazer li seus livros. E a mim muito mais

exato parecem que os dos que trataram dos mesmos assuntos. Envie-me também os restantes. Saúde”.

366. “O Rei Agripa saúda ao caríssimo Joseph. Do que escreveste está visto que não precisas de nenhum ensinamento sobre o como comunicar-nos o que houve desde o início. Quando acaso te encontrares comigo, também eu te contarei algo que não sabes”.

367. Aí está como ele me testemunhou a verdade, logo que completei a história. De modo sincero, sem adulação — coisa que não ocorreria a ele — sem ironias, como dizes, distante que estava de tal malícia, como, aliás, todos os que lêem essas histórias”.

Mas abandonarei aqui essa necessária digressão sobre Justo.

368. Depois de organizar um relatório sobre Tiberíades, durante uma reunião de um conselho de amigos, eu quis discutir sobre João.

Pareceu correto a todos os galileus de pegarem em armas e marcharem contra João para castigá-lo na condição de instigador de toda a agitação.

369. Não concordei porque prefiro resolver os problemas sem mortes. Assim, convidei-os a que se esforçassem em investigar os nomes dos comparsas de João.

370. Tendo eles tornado conhecidos os tais homens, lancei uma proclamação através da qual eu estendia a estes a mão direita para o caso em que quisessem mudar de opinião e lhes dava um prazo de vinte dias para pensarem nos seus interesses. Ameacei, se não depusessem as

armas, incendiar suas casas e confiscar seus bens.

371. Ouvindo isso, eles ficaram terrivelmente amedrontados, abandonaram João e, alijando as armas, acorreram, em número de quatro mil.

372. Ficaram com João somente os cidadãos e uns mil e quinhentos estrangeiros da metrópole dos tírios. João, assim derrotado por mim, ficou em sua terra tremendo de medo.

373. Por essa ocasião, os atrevidos seforitas, vendo-me ocupado com outros assuntos, confiados na segurança de seus muros levantaram-se em armas. Em consequência disso, enviaram um emissário a Céstio Galo, que estava perto da Síria, pedindo para ou ele mesmo ir logo proteger a cidade deles ou mandar guardas para fazê-lo.

374. Galo prometeu ir, mas não disse quando. Eu, ao saber disso, levei os soldados que estavam comigo, ataquei os seforitas e tomei sua cidade à força.

375. Aproveitando a ocasião, os galileus, que tinham ódio dessa cidade, quiseram desaçar as iras e atacaram a todos, inclusive aos estrangeiros, com intenção de matá-los.

376. Invadiram e queimaram as casas que encontravam vazias, pois os homens, com medo, haviam fugido para a acrópole. Pilharam tudo e não pouparam aos compatriotas nenhuma espécie de devastação.

377. Tendo presenciado isso, fiquei muito aflito e pedi a eles que parassem, lembrando-lhes que agir dessa maneira não era correto.

378. Quando, não atenderam nem aos meus pedidos nem aos meus conselhos, com o ódio superando os conselhos, mandei que os de mais confiança em meu redor espalhassem boatos de que os romanos, com grande força, haviam invadido a cidade pelo outro lado.

379. Fiz isso para conseguir que, com essa súbita notícia, diminuísse a fúria dos galileus e assim se salvasse a cidade dos seforitas. E, finalmente, o estratagema funcionou.

380. Pois ouvindo as notícias amendrontaram-se abandonando o saque e fugiram, principalmente quando viram a mim, um general, fazendo o mesmo. E eu fingia acreditar nos boatos partilhando igualmente de suas inquietações. Os seforitas, contra o que seria de esperar-se, salvaram-se por causa de meu estratagema.

381. Também Tiberíades por pouco teria sido saqueada pelos galileus, sobrevindo a seguinte causa: os líderes do Conselho escreveram ao rei pedindo-lhe que fosse tomar conta da cidade deles.

382. O rei respondeu que iria. Mas a carta-resposta foi enviada por meio de um de seus camérxrios de nome Crispo, de raça judaica, que a deveria entregar aos tiberiadenses.

383. Os galileus descobriram o portador da carta. Pegaram-no e conduziram-no a mim. A multidão compacta, logo que soube, pegou em armas.

384. Muitos, aflitos, no dia seguinte, acorrem de toda a parte para a cidade de Assóquis onde eu descansava. Gritavam a plenos pulmões

chamando Tiberíades de traidora e amiga do Rei e pediam permissão para descerem e arrasarem-na. E manifestavam seu ódio tanto contra os tiberiadenses como contra os seforitas.

385. Tomando conhecimento dos incidentes, fiquei perplexo tentando encontrar um meio de livrar Tiberíades da fúria dos galileus. Pois, não podia negar terem os tiberiadenses escrito chamando o Rei. Já que a resposta dele a eles confirmava a verdade.

386. Depois de pensar demoradamente, eu disse: “Que os tiberiadenses erraram, eu sei. Não vos posso impedir de destruir a cidade deles. Deve-se, em situação semelhante, no entanto, só praticar coisas importantes depois de demorado raciocínio. Até porque nem só os tiberiadenses se tornaram traidores de nossa liberdade, mas também muitos dos mais ilustres da Galiléia.

387. Acalmai-vos, pois, até que eu, criteriosamente, descubra os cabeças e então podereis ter os que eu tiver prendido e aqueles que por conta própria puderdes agarrar”.

388. Dito isso, convenci a multidão que, acalmada, dispersou-se. Mandei prender o emissário real. E, depois de alguns dias, alegando que um negócio particularmente urgente me obrigava a sair do território do Rei, chamei em particular a Crispo e sugeri-lhe de embriagar a sentinela e fugir, pois de minha parte não seria perseguido.

389. E ele, atendendo às instruções, fugiu. Tiberíades, pela segunda vez a pique de ser destruída, por meu ardil e bom senso usados a favor dela pôde fugir ao perigo iminente.

390. Por essa ocasião, Justo, filho de Pisto, a instância minhas, escondeu-se junto do rei. Eis por que assim procedeu:

391. Tendo a guerra contra os romanos tomado conta dos judeus, os tiberiadenses resolveram obedecer ao Rei e não se afastar dos romanos.¹⁶ Justo, que tramava uma revolução, tratou de convencê-los a pegar em armas com a esperança de se apoderar dos galileus e de sua própria terra natal.

392. Mas, o que ele esperava não aconteceu. Porque os galileus, portando-se hostilmente em relação aos tiberiadenses, por causa daquele mês de sofrimentos durante o qual estiveram em seu poder, durante a guerra, não aceitaram Justo como general deles.

393. E eu, desde que me fora confiado o primeiro posto na Galiléia pela Sinagoga de Jerusalém, muitas vezes fiquei com tanta raiva que estive por pouco para matar Justo, por não poder suportar sua desonestidade. Com medo de que minha raiva uma vez se transformasse em ação, mandou Crispo ao Rei para conseguir junto dele um lugar de maior segurança.

394. Os seforitas, paradoxalmente, evitado o primeiro perigo, enviaram a Céstio Galo um emissário¹⁷ pedindo que fosse tomar conta deles e da cidade, ou mandasse uma força que cortasse as incursões dos inimigos sobre eles. E, a final, conseguiram convencer Galo a lhes mandar uma tropa numerosa de cavalaria e infantaria que eles receberam de noite quando chegou.

16. Ver item 46 e segs. *Autobiografia*.

17. Ver item 23. *Autobiografia*.

395. Mas porque o território em redor tinha sido maltratado pela tropa romana, retirei-me com os soldados que estavam comigo e cheguei à aldeia de Gáris.¹⁸ Aí, construí uma paliçada a uma distância de vinte estádios da cidade dos seforitas e, ainda nessa mesma noite, ataquei lançando as tropas contra as muralhas.

396. E, tendo feito subir pelas escadas multidões de soldados, assenhoreei-me da maior parte da cidade. Depois de não muito, no entanto, por desconhecimento dos lugares, tivemos de bater em retirada, matando doze soldados de infantaria, alguns cidadãos seforitas e, eles, por sua vez, matando um dos nossos.

397. Depois, havendo contra nós uma batalha na planície contra a cavalaria, por muito tempo expusemo-nos valentemente ao perigo. Mas, fomos vencidos. Porque os que estavam comigo, temiam os romanos em volta e fugiram para trás. Acontece que, naquela batalha, um dos meus fiéis guarda-costas, de nome Justo, que já exercera a mesma função junto ao Rei, foi morto.

398. Em seguida, chega a tropa real de infantaria e cavalaria tendo como comandante Silas, o chefe da guarda pessoal. Este, tendo lançado acampamento a cinco estádios de Júlia, colocou guardas nas estradas. Na que conduz à Selêucia e na que leva à fortaleza de Gamala para cortar o socorro que os da Galiléia enviassem aos habitantes.

399. Quando eu soube disso, enviei dois mil hoplitas e seu chefe Jeremias que plantaram

18. Ver item 412. *Autobiografia*.

acampamento a um estádio de Júlia, junto do rio Jordão. Daí não fizeram mais que escaramuças até que eu, levando três mil soldados, cheguei até eles.

400. No dia seguinte, tendo colocado, numa ravina, uma companhia não longe da trincheira deles, mandei provocar a combate as tropas reais, depois de dar ordens aos soldados que estavam comigo para recuarem até que obrigassem o inimigo a avançar. E isso aconteceu.

401. Pois, Silas, pensando que os meus realmente fugiam, avançando, se dispôs a caçá-los.. Aí, os da emboscada o pegaram pelos flancos e confundiram a todos de maneira terrível.

402. Eu, logo, por uma rápida meia-volta, avançando com a tropa, lancei as tropas reais em desabalada fuga. Tudo teria sido correto naquele dia se não houvesse, nascido de um demônio qualquer, um contratempo.

403. O cavalo sobre o qual eu combatia tropeçou num lugar cheio de pedras e derrubou-me no chão. Uma fratura na articulação do tarso da mão fez com que eu fosse levado para a cidade de Cafarnaum.

404. Os meus, ouvindo sobre isso e temendo que eu sofresse coisa pior, cessaram a perseguição aos inimigos e voltaram, cheios de preocupação por minha causa.

Mandei buscar médicos e, depois de atendido por eles, naquele dia fiquei deitado com febre, e, de noite, por conselho dos médicos, fui transportado para Táriquéia.

405. Silas e seus companheiros, sabedores do que acontecera comigo, ficaram audaciosos de

novo e cientes de que a guarda do acampamento se relaxara, postaram de noite um esquadrão de cavalaria à margem do rio Jordão e, quando chegou o dia, provocaram minha gente para o combate.

406. Aceito o repto, quando essa avançou para a planície, os cavalarianos de tocaia apareceram e assustando-a, colocaram em desordenada fuga, ocasião em que mataram seis dos nossos, mas não conseguiram a vitória final. E porque souberam que alguns hoplitas atravessavam de Tariquéia até Júlia, com medo, retiraram-se.

407. Pouco tempo depois, Vespasiano chegou a Tiro e, com ele, o Rei Agripa. E os tírios insultaram o Rei chamando-o de inimigo dos tírios e dos romanos. Diziam mais que Filipe,¹⁹ seu general-em-chefe, havia abandonado o palácio real e as forças dos romanos em Jerusalém por ordem dele.

408. Ao ouvir isso, Vespasiano mandou castigar os tírios porque insultavam um homem que era rei e era amigo dos romanos. Mas, ao Rei ordenou que enviasse Filipe para Roma, a fim de prestar contas a Nero a respeito dos atos a ele atribuídos.

409. Filipe, mandado, não chegou à presença de Nero que se encontrava em situação muito difícil com a situação criada pela guerra civil. Assim, Filipe voltou para o Rei.

410. Quando Vespasiano chegou à Ptolomaida, os principais entre os da Decápole Síria acusaram, aos gritos, Justo de Tiberíades de haver queimado as casas deles. Vespasiano, então, o

19. Itens 46 e segs., 179 e segs. *Autobiografia*.

entregou ao Rei para ser castigado pelos súditos dele. O Rei mandou prendê-lo, por ordem de Vespasiano, como expliquei em outra parte.

411. Os seforitas, indo ao encontro de Vespasiano e saudando-o, receberam uma força comandada pelo general Plácido e subiram com ele. Enquanto isso, eu os ia seguindo de perto até a chegada de Vespasiano à Galiléia.

412. Nos livros sobre a *Guerra dos Judens* descrevi com clareza como Vespasiano chegou lá e como, perto da cidade de Gáris, travou o primeiro combate comigo, como dali passei para Jotapata e meus feitos durante o assédio dessa cidadela e como fui feito prisioneiro e deixado com vida e como fui libertado. Afinal, todos os meus feitos durante a guerra judaica e o cerco de Jerusalém.

413. É necessário, segundo penso, que além do que escrevi na *Guerra dos Judeus*, eu acrescente alguns fatos sobre minha vida que deixei de consignar naquele livro.

414. Terminara o cerco de Jotapata. Caí em poder dos romanos. Posto sob forte guarda, era, no entanto, tratado com muido cuidado já que Vespasiano por muitos modos me demonstrava seu respeito. E foi por ordem dele que eu desposei uma certa virgem, dentre as escravas presas em Cesaréia.

415. Ela não ficou muito tempo comigo. Morreu quando eu, libertado, estava com Vespasiano que ia para Alexandria.

416. Mandado dali para o cerco de Jerusalém com Tito, muitas vezes estive em perigo de morte, com os judeus querendo me apanhar para

se vingarem e, por seu lado, os romanos julgando, após cada derrota, que ela era devida a alguma traição de minha parte. Havia sempre reclamações chegando ao imperador pedindo meu castigo como traidor deles.

417. O César Tito, não ignorando as sortes da guerra, em silêncio desencorajava as objurgatórias dos soldados contra mim.

Quando a cidade de Jerusalém foi tomada de assalto, o César Tito muitas vezes aí me autorizou a pegar o que eu quisesse dos despojos de minha pátria. Dizia que ele mesmo me autorizava.

418. Eu, no entanto, caída minha terra natal, não tendo nada de mais precioso que eu pudesse guardar para alívio de minhas desgraças, pedi a Tito apenas a liberdade de alguns cativos e apanhei do templo,²⁰ por doação de Tito, apenas alguns livros sagrados.

419. Pouco depois, tendo pedido a libertação de um irmão e de cinquenta amigos meus, não fiquei decepcionado. Indo para o templo, com autorização de Tito, lá estava presa uma grande quantidade de mulheres e de crianças das quais libertei as que reconheci como de amigos e parentes, em número de 190.

E com outra, libertei-os sem que pagassem resgate, restituindo-os à sua situação anterior.

420. Enviado pelo César Tito, com Cereal e mil cavaleiros para uma certa aldeia chamada Técoa, para verificar se o lugar era bom para edificação de uma trincheira, dali voltando, eu vi muitos prisioneiros crucificados e reconheci

20. Há uma lacuna no original.

entre eles três parentes. Doeui-me a alma e com lágrimas, dirigi-me a Tito e supliquei por eles.

421. Ele logo mandou dispensar-lhes cuidados e limpá-los cuidadosamente. Dois deles morreram enquanto eram cuidados. O terceiro sobreviveu.

422. Quando Tito acalmou as perturbações na Judéia, ao descobrir que os campos que eu possuía em Jerusalém seriam inúteis para mim porque ali ia ser construída uma fortaleza dos romanos,²¹ deu-me outras terras na planície. Quando embarcou para Roma, levou-me consigo e dispensou-me toda a consideração.

423. Quando chegamos a Roma, recebi muita atenção por parte de Vespasiano que até me alojou na casa que era dele antes do generalato. Honrou-me com a cidadania dos romanos, concedeu-me uma pensão em dinheiro e cumulou-me de honras até o fim da vida, em nada mudando em relação a mim. Isso gerou para mim perigos por causa da inveja.

424. Pois, um certo judeu chamado Jônatas provocou uma sublevação em Cirene, armou dois mil dos habitantes e acabou sendo, para eles, causa de perdição. Ele, preso pelo governador da região, e enviado ao imperador, achou de declarar que fora eu quem lhe enviara as armas e o dinheiro.

425. Com tal mentira, não convenceu a Vespasiano que lhe ordenou a morte. E ele foi morto depois de entregue ao carrasco. Muitas vezes depois disso desfiz acusações reunidas contra

21. Sobre o relacionamento de Tito e Vespasiano com José, *Contra Apion*, I, 48, 50, 51.

mim por caluniadores e invejosos de minha boa fortuna, mas, pela graça de Deus, escapei de todas. Até mesmo recebi de Vespasiano uma área não pequena na Judéia.

426. Por essa ocasião, descontente com os costumes dela, mandei embora minha mulher que se tornara mãe de três filhos dos quais dois morreram e um, a quem denominei Hircano, sobrevive.

427. Depois disso, tomei por mulher uma moradora de Creta, de raça judia, de pais nobilísimos e dos mais notáveis em seu país. Tinha hábitos que diferiam dos de inúmeras mulheres, como a vida mostraria depois disso.

Dela nasceram-me dois filhos. O mais velho foi o Justo. O que veio depois dele, Simônides, apelidado Agripa.

428. Essas são as coisas que dizem respeito a minha vida doméstica. Para mim tudo permaneceu igual junto aos imperadores. Logo que Vespasiano morreu, Tito, assumindo o poder, demonstrou-me a mesma consideração que o pai e não acreditou, nas muitas vezes em que fui acusado.

429. Domiciano, sucedendo a Tito, até aumentou minhas honrarias. Aos judeus meus acusadores ele castigou. Até a um escravo eunuco pedagogo de meu filho, que me acusou, mandou castigar. Deu-me isenção de impostos de minhas terras na Judéia, o que é uma honra imensa para quem a obtém. E, em muito, Domícia, a mulher de César, transformou-se em minha benfeitora.

430. Esses foram meus atos durante toda minha vida. Os outros que os julguem a seu modo como o queiram.

A ti, ó Epafrodito, o melhor dos homens, te enviei todo o texto das *Antigüidades* e, por agora, aqui encerro minha explicação.

RELAÇÃO DE OBRAS CONSULTADAS:

JOSEPHUS, Flavius. *Opera Omnia*. Texto estabelecido, comentado e traduzido por B. Niese. Berlim, Weidman, 1887 — 1895.

JOSEPHUS, Flavius. *Opera Omnia*. Texto estabelecido, comentado e traduzido por G. Dürdorf Didol, Paris, 1865-1867.

THACKERAY, H. St. J. *Josephus With an English Translation*. Londres, 1961-1965.

REINACH, Théodore. *Contre Apion*. Paris, Belles Letres, 1935.

LAQUEUR, R. *Der Jüdische Historiker Flavius Josephus*. Giesen, 1920.

BAUERNFEIND O. et alius. *Jüdische Krieg*. Ed. Bad. Homburg. Gentner, Berlin, 1959-1960.

TACITUS, P. Cornelius. *Historiarum Liber IV* Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris, Belles Lettres, 1965.

AILLOUD, Henri. *Suetonius, Vie Des Douze Césars*. Paris, Belles Lettres, 1964.

SMITH, George et alii. *The Legacy of Israel*. Oxford, 1969.

RINGGREN, H. *La Religion D'Israel*. Trad. L. Jospin. Payot, Paris, 1966.

RICCIOTTI, Giuseppe. *História de Israel*. Trad. Xavier Zubiri. Luis Miracle, Barcelona, 1947.

DE VAUX, R. et alii. *La Bible de Jerusalem*. Ed. du Cerf, Paris, 1973.

Enciclopédia de La Bíblia. Ed. Garriga SA. Barcelona, 2ª ed., 1969.

DHEILLY, J. *Dictionnaire Biblique*. Ed. Desclée, Paris, 1964.

LAVEDAN, Pierre. *Dictionnaire Illustré de La Mythologie et des Antiquités Grecques et Romanes*. 3^e ed., Paris, Hachette.

BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique et Critique*. Paris, Desoer Librairie, 1820.

PEREIRA, Gabriel Victor do Monte et alli. *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*. Soc. Internacional, Lisboa, sd.

WESTPHAL, Alexandre et alli. *Dictionnaire Encyclopedique de la Bible*. Valence, Imprimeries Reunies, 1973.

DAREMBERG, C. H. et alli. *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romanes* Paris, Hachette, 1900.

ESTRUTURA MÉTRICA
EM HORÁCIO E EM
RICARDO REIS

THE
JOURNAL OF
THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE
OF GREAT BRITAIN AND IRELAND
PUBLISHED BY THE
CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS

ESTRUTURA MÉTRICA EM HORÁCIO E EM RICARDO REIS

OSCARINO DA SILVA IVO

Trabalho apresentado na Semana de Estudos Portugueses, em setembro de 1980, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da FALEL.

Convidado pela Senhora Professora Diretora do Centro de Estudos Portugueses para falar sobre Ricardo Reis e Horácio, não tive como fugir ao convite em si mesmo tão honroso.

Não vou abordar nesta exposição problemas como o da temática de Ricardo Reis, ou o das razões da criação por Fernando Pessoa de uma outra individualidade para expressar uma das faces da sua formação cultural, ou o da escolha de uma filosofia de vida que, em última análise, poderia ter validade como outra qualquer.

Diante do fato real de que existe um Fernando Pessoa encarnado em Ricardo Reis, formado com todos os ingredientes de uma cultura clássica greco-romana, preferi fazer um rápido confronto da estrutura métrica de Ricardo Reis com a de Horácio. O tempo que me foi concedido não permitirá, é certo, uma comparação mais ampla e profunda, todavia espero deixar clara a preocupação de Ricardo Reis em seguir o seu modelo ou, talvez, em, partindo desse modelo, dar uma certa originalidade a uma forma de expressão que, embora antiga, nunca dei-

ará de ser nova. Seria a imitação no sentido clássico de recriação de um tema, dentro do princípio de que a originalidade não está obrigatoriamente na “invenção” mas no tratamento pessoal do tema. Ricardo Reis não teria voltado ao passado. Teria, isto sim, vivificado com a sua “criação” temas do passado.

E Horácio não vivificou também em Roma uma forma já tão conhecida dos gregos?

Na verdade, conquanto já estivesse em moda em Roma, com os “poetae noui”, a poesia de caráter alexandrinista, Horácio vai buscar suas fontes além de Alexandria, na velha literatura grega, e a poesia monódica de Safo e de Alceu, pela sua pouca extensão, pelo ritmo das estrofes, pela maior condição de harmonização dos metros, pelos temas e pela inspiração é que vai tornar-se o modelo de Horácio.

Não é que Catulo, por exemplo, representante máximo dos “novos” em Roma, não tivesse usado o verso sáfico; mas nesse poeta o uso da métrica eólia, assim chamada porque praticada principalmente pelos poetas do dialeto eólio, especialmente Alceu e Safo, tem um caráter muito mais incidental. O próprio Horácio considera-se “o primeiro a compor um poema eólio em cadência italiana”: “*dicar (...) princeps Aeolium carmen ad Italos / deduxisse modos.*” (I, 30, 13-14).

De fato, o metro das odes de Horácio é todo um sistema eólio, com base, pois, no coreu e no jambo, principalmente na forma do coriambo, metro composto de um pé coreu e de um jâmbico: - - -, possuindo, portanto, seis tempos na sua estrutura, ou seja, uma seqüência de uma sílaba longa, duas breves e outra longa. Só uma vez nessas composições, Horácio foge

aos metros eólicos, empregando o jônico menor, sequência de duas sílabas breves e de duas longas: - - - -.

É claro que, sendo o coriambo o elemento primordial da métrica eólia, os versos logaédicos formam um sistema que permite ao poeta um jogo de sonoridades que outros esquemas não proporcionariam.

Vejam os alguns versos, mesmo isolados, e teremos uma idéia do processo.

Verso adônico:

iānŭă | līmĕn

Verso aristofaneu ou pequeno sáfico:

Lŷdĭă | dĭc | pĕr | ōmnĭs

Verso ferecrácio:

mātrēm | nōn | sĭnĕ | uānō

Verso glicônico:

laesā | praeñtĕāt | fĭdĕ

Verso asclepiadeu menor:

Albĭ | nĕ | dŏlĕās | plŭs | nĭmĭŏ | mĕmŏr

Verso sáfico:

Pārcĭŭs | iŭnctās | quātĭŭnt | fĕnĕstrās

Verso hendecassílabo alcaico:

Ō | mātĕrĕ | pŭlchrā | filĭā | pŭlchrĭŏr

Isolaremos, agora, os esquemas e mais clara ainda será a visão. Não nos esqueçamos de que o coriambo é o elemento básico, presente na constituição de todos os outros metros.

- u u - u	adônico
- u u - u - -	aristofaneu ou pequeno sáfico
- - - u u - u	ferecrácio
- - - u u - u u	glicônico
- - - u u - - u u - u u	asclepiadeu menor
- u - - - u u - u - u	sáfico
u - u - - - u u - u -	hendecassílabo alcaico

O adônico é o menor verso eólio. Acrescente-se ao seu elemento coriâmbo um dímeter jâmbico catalético (último pé quebrado) e teremos um aristofaneu ou pequeno sáfico. Acrescente-se ao mesmo adônico uma base e surgirá o ferecrácio. Complete-se o último pé do ferecrácio e nascerá o glicônico. Repita-se o elemento coriâmbo do glicônico e o verso será o asclepiadeu menor. Acrescentem-se duas bases ao aristofaneu ou pequeno sáfico e ele tornar-se-á um sáfico de onze sílabas. E que diferença há entre o sáfico e o hendecassílabo senão a transposição da última sílaba do sáfico para o primeiro lugar em forma de anacrusa?

São várias as combinações estróficas dos versos eólicos. Nas odes de Horácio encontramos as seguintes:

a *estrofe sáfica*, formada de três sáficos de onze sílabas e de um verso adônico;

a *estrofe alcaica*, composta de dois versos alcaicos de onze sílabas, de um verso de nove sílabas e de um de dez sílabas;

a *estrofe asclepiadéia A*, em que os três primeiros versos são asclepiadeus menores de doze sílabas e o quarto um glicônico;

a *estrofe asclepiadéia B*, que só se distingue da primeira porque o terceiro verso é um ferecrácio;

seis *dísticos* diferentes:

1. um glicônico seguido de um asclepiadeu menor;

2. um aristofaneu ou pequeno sáfico (sete sílabas) seguido de um sáfico maior (quinze sílabas);

3. um hexâmetro seguido de um quaternário dactílico;

4. um hexâmetro seguido de um ternário dactílico catalético;

5. um arquiloqueu (quatro dáctilos mais quatro troqueus) seguido de um senário jâmbico catalético;

6. um quaternário trocaico catalético seguido de um senário jâmbico.

Além dessas estrofes, Horácio usa versos isolados: o asclepiadeu menor e o asclepiadeu maior.

Transpor simplesmente para o português tais estruturas não seria possível porque o verso português tem uma cadência silábica com base no acento de intensidade, quando a poesia latina estrutura o seu verso numa cadência de longas e breves em que o artificialismo é, muitas vezes, predominante, como é o caso de sílaba

alongada por posição em fim de palavra. Tal processo cria vocábulos fonéticos que na maioria dos casos nada têm a ver com a estrutura sintática.

Mas se não é possível uma cópia, é possível uma adaptação.

Uma simples comparação visual das odes de Ricardo Reis com as de Horácio já é suficiente para mostrar a clara intenção do poeta português de seguir os processos estéticos adotados pelo escritor latino. Poder-se-ia argumentar que na literatura ocidental já há uma tradição clássica nascida da cultura greco-romana e que Fernando Pessoa não teria necessidade de retomar diretamente aqueles modelos. Mas há uma tal similitude formal no corpo de toda a produção de Ricardo Reis e uma tal afinidade nos temas e outros elementos das suas odes com as de Horácio que se torna um imperativo a comparação. Voltamos a afirmar que tal semelhança em nada prejudica ou ofusca o vigor da obra de Fernando Pessoa.

Transcrevamos, simplesmente, algumas estrofes.

Estrofe Sáfica

Horácio, I, 25, 1-8:

Parcius iunctas quatiunt fenestras
iactibus crebris iuvenes proterui
nec tibi somnos adimunt amatque
ianua limen,
quae prius multum facilis mouebat
cardines. Audis minus et minus iam:
"me tuo longas pereunte noctes,
Lydia, dormis?"

.....

Em Ricardo Reis, Edição Nova Aguilar
S.A., pág. 114

Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.

Tudo quanto me ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
Sem renovar

.....

Estrofe Asclepiadéia A

Em Horácio, I, 33, 1-4:

Albi, ne doleas plus nimio memor
immitis Glycerae neu miserabilis
decantes elegos, cur tibi iunior
laesa praeniteat fide.

Em Ricardo Reis, pág. 127:

Solene passa sobre a fértil terra
A branca, inútil nuvem fugidia,
Que um negro instante de entre os campos ergue
Um sopro arrefecido.

Estrofe Asclepiadéia B

Em Horácio I, 23, 1-4:

Vitas inuleo me similis, Chloe,
quaerenti pauidam montibus auis
matrem non sine uano
aurarum et siluae metu.

Em Ricardo Reis, pág. 126:

Quanta tristeza e amargura afoga
Em confusão a 'estreita vida! Quanto
Infortúnio mesquinho
Nos oprime supremo!

Analisado cada verso, podemos descobrir, pouco a pouco, novas semelhanças.

Submetamos a estrofe horaciana à divisão em pés.

Vejamos esta estrofe sáfica:

Pārciūs iūctās quātiūnt fēnēstrās
iāctībūs crēbris iūuēnēs prōtēruī
nēc tībī sōmnōs ādīmūnt āmātquē
iānūā līmēn.

Os três primeiros versos têm onze sílabas, mas a última tônica está na décima sílaba, que no sáfico é sempre o tempo forte do penúltimo pé. A última sílaba, mesmo sendo longa, está além da tônica da palavra. Além disso, como já foi dito, a cadência métrica desloca a tônica da palavra semântica para o vocábulo fonético, surgindo acentuações como: *parciūs iunctās; quatiūnt; adīmūnt*. E, com isso, todo o verso adquire uma cadência ascendente com as tônicas na 1ª, 3ª, 5ª, 8ª e 10ª sílabas:

Parciūs iunctas quātiūnt fēnēstras
iactībūs crebris iūuēnes prōtēruī
nec tībī somnos ādīmunt āmātquē
ianūā linēn.

Também o verso de Ricardo Reis tem onze sílabas. Apenas não se conta a sílaba que está depois da última tônica, na escansão portuguesa.

Mas se tentarmos dividir o seu decassílabo em pés, numa maioria incontestável aparecerá uma estrutura quase idêntica à do hendecassílabo sáfico. E chamamos a atenção para o fato de que o grupo coriambo é quase o mesmo:

— | — — | — — | — — |
 Sofrô, Lídía, do mēdô do dēstino.
 A lēvê pēdra que um mōmentô erguē
 — | — — | — — | — — |
 As lisas rōdas dō mēu cāro, atērrā
 — — | — — |
 Meu cōrção. ~

Se fizermos abstração de que o verso latino é composto de vocábulos fonéticos em que o acento pertence ao grupo e não a cada palavra isolada e lermos o verso de Horácio e o de Ricardo Reis com uma cadência baseada na sílaba intensiva de cada palavra, a semelhança torna-se indiscutível.

Já vimos que a cadência do troqueu e do jambo leva o verso sáfico a ter o tempo forte na 1ª, na 3ª, na 5ª, na 8ª e na 10ª sílabas, mas a tônica da palavra isolada coincide normalmente com a 1ª sílaba, a 4ª, a 6ª e a 10ª.

Ricardo Reis, seguindo o seu modelo, constrói a primeira parte do seu verso decassilábico numa cadência jâmbica ou trocaica que normalmente vai até a 4ª sílaba, iniciando-se aí uma segunda parte de ritmo coriâmbico, com acento na 8ª sílaba, que é a tônica ascendente do coriambo do verso sáfico. Às vezes, a 6ª sílaba é que é acentuada e o ritmo coriâmbico

avança um pouco, ficando esta cadência mais próxima do verso latino lido com acento intensivo.

Vejamos:

Párcius iúnc^{/'}tas quátiunt^{/'} fenéstras

quae prius múl^{/'}tum fáci^{/'}lis mouébat

Sófro, Lídiã, do médo do destíno.

Á leve pédra que um mométo érgue

Ás lisas rôdas do meu cârro, atérra

O recurso da escansão da sílaba ancípite como longa ou como breve, tão comum na poesia latina, não está ausente da poesia de Ricardo Reis. A palavra 'vólucres', por exemplo, além de constituir claro latinismo, foi empregada como paroxítona no verso que se segue, como está, aliás, na edição que citamos, embora outras a registrem como proparoxítona:

Ás rósas amô dôs jãrdins dê Adônís,
Essãs vólucres âmô, Lídiã, rosãs

.....

Versos mais longos, Ricardo Reis emprega principalmente com quatorze sílabas, normalmente em combinação com versos menores, segundo o modelo dos dísticos horacianos.

Com relação ao verso adônico, não há o que discutir. Já que no verso português a contagem vai apenas até a última tônica, é dispensável a última sílaba.

Em Horácio:

iănŭă līmēn
.....
Lydiă, dōrmīs?

Em Ricardo Reis:

mēu cōrăção
.....
sēm rēnōvār
Mēstrē são plācīdās
.....
tōdās às hōras
.....

Como Horácio, Ricardo Reis constrói poemas com o mesmo verso repetido. É o caso do poema cuja amostra se segue, construído em adônicos, em que os raros acentos na 2ª sílaba não devem, ao que parece, ser levados em conta, mas transpostos para a primeira sílaba:

Mēstrē, são plācīdās
Tōdās às hōras
Quē nós pērdēmos,

Sé nǒ pĕrdē-lās,
 Quāl nŭmă jāră,
 Nós pǒmǒs flōrēs.

Não há tristēzās
 Nēm ālēgrīās
 Nā nǒssă vīdă.
 Assim sāibāmǒs,
 Sábīos incāūtǒs
 Não ā vīver,

Mas dēcōrrē-lă,
 Tranquīlǒs, plácīdǒs,
 Tendo as criānças
 Por nǒssās mestrās,
 E os ōlhǒs cheiǒs
 De nătŭrēză...

O verso asclepiadeu tem obrigatoriamente a décima primeira sílaba breve. Nessas condições, o verso somente poderá terminar em palavra proparoxítone ou em dissílabo com a penúltima sílaba breve. Tal estrutura cria uma exata correspondência com o hendecassílabo sáfico, pois em ambos a décima sílaba é obriga-

toriamente longa e, conseqüentemente, acentuada. Ê, pois, lógico que, em Ricardo Reis, o verso de dez sílabas corresponda também ao asclepiadeu menor.

Dentro do mesmo raciocínio, o ferecrácio, terceiro verso da estrofe asclepiadéia B, e o glicônico, quarto verso das estrofes A e B, correspondem, em Ricardo Reis, a um mesmo verso de seis sílabas.

De novo traz as aparentes novas

Flores o verão novo, e novamente

$\frac{/}{\text{V}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{r}} \frac{/_}{\text{d}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{s}} \frac{/_}{\text{c}} \frac{/_}{\text{e}}$ a cõr $\frac{/_}{\text{ã}} \frac{/_}{\text{n}} \frac{/_}{\text{t}} \frac{/_}{\text{i}} \frac{/_}{\text{g}} \frac{/_}{\text{ã}}$

$\frac{/_}{\text{D}} \frac{/_}{\text{a}} \frac{/_}{\text{s}}$ $\frac{/_}{\text{f}} \frac{/_}{\text{o}} \frac{/_}{\text{l}} \frac{/_}{\text{h}} \frac{/_}{\text{a}} \frac{/_}{\text{s}}$ $\frac{/_}{\text{r}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{d}} \frac{/_}{\text{i}} \frac{/_}{\text{v}} \frac{/_}{\text{i}} \frac{/_}{\text{v}} \frac{/_}{\text{ã}} \frac{/_}{\text{s}}$.

Vossa formosa juventude leda,

Vossa felicidade pensativa,

Vosso modo de olhar a quem vos olha,

$\frac{/_}{\text{V}} \frac{/_}{\text{o}} \frac{/_}{\text{s}} \frac{/_}{\text{s}} \frac{/_}{\text{o}}$ $\frac{/_}{\text{n}} \frac{/_}{\text{ã}} \frac{/_}{\text{o}}$ $\frac{/_}{\text{c}} \frac{/_}{\text{o}} \frac{/_}{\text{n}} \frac{/_}{\text{h}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{c}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{r}}$ -vos

.....

São inúmeras as composições em dístico e prevalece entre estas a estrutura correspondente ao glicônico seguido de um asclepiadeu. Ê o verso de seis sílabas seguido de um de dez sílabas. Talvez sob a influência dos dísticos horacianos em que o verso maior é o segundo, Ricardo Reis inverte freqüentemente o dístico.

$\frac{/_}{\text{P}} \frac{/_}{\text{r}} \frac{/_}{\text{a}} \frac{/_}{\text{z}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{r}}$, mas $\frac{/_}{\text{d}} \frac{/_}{\text{e}} \frac{/_}{\text{v}} \frac{/_}{\text{ã}} \frac{/_}{\text{g}} \frac{/_}{\text{a}} \frac{/_}{\text{r}}$,

Lídia, que a sorte àqueles não é grata

Qũe l̄he d̄as m̄ãos ãrrancam.

Furtivos retiremos do horto mundo

Os dēprēdāndōs pōmōs.

.....

Outras composições poderiam ser estudadas e verificadas novas semelhanças, mas o tempo não seria suficiente. Fica, contudo, uma pequena amostra da presença da estética de Horácio na poética de Ricardo Reis.

BIBLIOGRAFIA

HORACE. *Odes et épodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Cinquième édition revue et corrigée. Société d'Édition «Les Belles Lettres», Paris, 1954.

NOUGARET, L. *Traité de métrique latine classique*. 3^{ème} édition corrigée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1963.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio /2: Odes de Ricardo Reis. /3: Para além do outro oceano de C|oelho| Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

OS MOTIVOS DA LÍRICA
HORACIANA E A POESIA
DE RICARDO REIS

1. The first part of the paper discusses the importance of the
2. second part of the paper discusses the importance of the
3. third part of the paper discusses the importance of the
4. fourth part of the paper discusses the importance of the
5. fifth part of the paper discusses the importance of the

OS MOTIVOS DA LÍRICA HORACIANA E A POESIA DE RICARDO REIS

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Estudo apresentado no *Simpósio sobre Fernando Pessoa*, promovido pelo Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, em 16 de setembro de 1980.

1. Introdução

Propôs-me a Senhora Diretora do Centro de Estudos Portugueses, Prof^a Lélia Parreira Duarte, falar a respeito de Ricardo Reis e Horácio. Parece-me que são claras as razões do tema. Fernando Pessoa, pelo seu heterônimo Ricardo Reis, reflete a filosofia de vida haurida do poeta latino, além de repetir, em grande parte, o seu estilo e a sua temática. Em Horácio, Pessoa encontrou a teoria epicurista, e a filosofia dos estoicos,²

1. Os princípios do epicurismo, resumidamente, são estes:

«a) O homem tem em si condições para atingir a felicidade, a eudaimonia.

b) A felicidade identifica-se com o prazer.

c) Uma vez que o prazer físico é instável, porquanto implica o desejo, que, uma vez satisfeito, provoca novo desejo, a nossa felicidade não deve ser procurar o prazer positivo, mas limitar o desejo, para obter a libertação do sofrimento.

d) São preferíveis as pequenas alegrias da vida simples aos prazeres complexos.

e) O epicurismo é quietista, utilitarista, individualista.» (Maria Helena da Rocha Pereira. *Estudos de História e Cultura Clássica — Cultura Grega*. 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 400 - 401).

2. Os princípios do estoicismo, resumidamente, são:

«1) A verdadeira moralidade assenta no saber.

e ao mesmo tempo a forma ou o veículo para divulgação dessa teoria e dessa filosofia.

Não fossem as severas restrições impostas por Eliot em seu trabalho *Que é um clássico?* ao conceito de autor clássico,³ não fosse a situação no tempo e no meio cultural, eu não resistiria à tentação de afirmar que Ricardo Reis é um poeta clássico. Na verdade, a primeira leitura das suas odes parece pôr-nos em contato com a poesia latina, tanto no que diz respeito à temática quanto no que toca à forma dos versos. O leitor de Horácio sente, ao ler o poeta português, que o mundo romano

2) Ser virtuoso identifica-se com ser sábio, e filosofia é o saber do humano e do divino.

3) Tudo no mundo é obra da razão.

4) Todos os objetos corpóreos são a única realidade. Todas as substâncias, sem excetuar a alma humana e a divindade, são corpóreas, e até as qualidades o são.

5) A alma do homem é de fogo, e parte do Sopro Igneo Universal, Divina Razão, Providência ou Deus, que tudo determina no universo.

6) Tudo obedece a leis universais, que o homem está apto a conhecer, graças à razão.

7) O sábio o que vive de acordo com a razão é com Deus, ou de acordo com a natureza que lhe equivale neste sistema panteísta.

8) O homem é como o cão levado à trela pelo seu dono; pode segui-lo alegremente ou ser penosamente arrastado, se quiser resistir-lhe; mas, de qualquer modo, tem de o seguir. É o que exprime a frase latina: *volentem fata ducunt; nolentem trahunt*.

9) O homem tem as condições necessárias à felicidade, que consegue atingir por meio da vontade, orientada pela inteligência.

10) O homem que for sábio está livre de paixões e afetos, basta-se a si mesmo e é temente a Deus, aspira ao bem e ao justo e é capaz de atuar segundo a natureza.» (Idem, *ibidem*, p. 397 - 400).

3. Segundo Eliot, estas são as qualidades de uma obra clássica: «1) maturidade de espírito; 2) maturidade de costumes; 3) maturidade da língua; 4) perfeição do estilo comum; e 5) universalidade.» (T. S. Eliot. *Qu'est-ce qu'un classique?* In: *Essais Choisis*. Traduit de l'anglais par Henri Fluchere. Editions de Seuil, Paris, 1950).

está presente, com seu estilo, sua filosofia, seus deuses, seus amores, sua pedagogia.

O gosto da cultura clássica representa uma das faces de Fernando Pessoa, que, de certo modo, brinca de preceptor latino a ensinar o seu discípulo e criação sua Ricardo Reis. Por sua vez, Ricardo Reis, como bom aluno e admirador de seu mestre, apresenta-lhe sua produção, reflexo das teorias ensinadas, verdadeiros exercícios escolares de classicismo.

Dispensa-me este trabalho de comentar fatos já conhecidos, como a personalidade de Fernando Pessoa, seus heterônimos, a formação clássica de Ricardo Reis. Não importa tanto conhecer Ricardo Reis, mas sobretudo o seu modelo.

A propósito de Ricardo Reis e Horácio existem bons estudos, dentre os quais posso citar Jacinto do Prado Coelho, no livro *Unidade e Diversidade em Fernando Pessoa*, o artigo *Fernando Pessoa*, em *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, e Maria Helena da Rocha Pereira, no livro *Reflexos horacianos nas odes de Correia Garção e Fernando Pessoa*. Em seu estudo, fazem os autores um levantamento da temática de Ricardo Reis e um confronto com a temática horaciana.

2. *Motivos horacianos*

Estão ligados ao nome de Horácio motivos universais que a lírica grega já consagrara e que enformam a temática de outros poetas, entre os quais se coloca Ricardo Reis. São motivos mais comuns a brevidade da vida, a inanidade dos bens terrenos, os enganos da Fortuna, a morte, a incerteza do futuro, a moderação nos desejos e nos prazeres, as delícias da vida campestre, o gosto do vinho, o espetáculo das flores.

Apreciemos a ode 38 do Livro I:

Persicos odi, puer, apparatus,
 Displacent nexae philyra coronae;
 Mitte sectari rosa quo locorum
 Sera moretur.

Simplici myrto nihil allabores
 Sedulus, curo; neque te ministrum
 Dedecet myrtus, neque me sub arta
 Vite bibentem.

Moço, não aprecio o luxo persa,
 nem as coroas de trançada tília;
 deixa de procurar tardia rosa,
 onde abra ainda.

Não juntes coisa alguma, laborioso,
 ao simples mirto: este não fica mal
 a ti que serves nem a mim que bebo
 sob a acanhada vide.

(Trad. de Péricles E. S. Ramos. *Poesia Grega e Latina*. São Paulo, Cultrix)

Abrindo ao acaso a antologia de Ricardo Reis, encontramos igual simplicidade e igual inspiração. O poeta deverá estar despojado de qualquer aparato quando chegar o seu momento derradeiro:

Não tenhas nada nas mãos
 Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
 Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
 Nada te cairá.

Que trono te querem dar
 Que Atropos to não tire?

Que louros que não fanem
 Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.

Colhe as rosas mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.⁴

Para a compreensão da obra de Ricardo Reis, é necessário conhecer bem o poeta latino Quintus Horatius Flaccus.

Horácio forma, com Virgílio e Ovídio, o grande trio da época de Augusto. Era de origem humilde, mas recebeu educação esmerada, tendo conhecido na própria Grécia as fontes do lirismo que adotou e divulgou. Era homem de relações numerosas, mas, ao mesmo tempo que freqüentava a corte, privando com a alta nobreza, como membro do círculo de Augusto e Mecenas, gostava de levar sua vida mais ou menos livre, com seus amores, seus amigos e sempre com um bom vinho. Sentiu de perto a decadência da sociedade romana, lutou nos campos de batalha, teve amores clandestinos, viveu junto de poetas célebres, experimentou as doçuras de uma vida simples no campo. Para todas essas circunstâncias teve uma idéia especial que imortalizou numa de suas odes.

Esse é o poeta Horácio, a quem se liga por educação, cultura e simpatia Ricardo Reis. Pela educação e cultura, porque Pessoa foi formado no conhecimento dos clássicos greco-latinos; pela simpatia, porque Horácio ocupava o lugar do mestre e criador de Ricardo Reis, Alberto Caeiro.

4. PESSOA, Fernando. *Ficções do Interlúdio / 2 - 3 / Odes de Ricardo Reis / Para além do outro oceano de Oselho Pacheco*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1976. p. 85.

O obra de Horácio é imortal, não só pela força criadora do poeta, como sobretudo pela mensagem de que é portadora. Poeta epicurista e, às vezes, também, estóico, suas poesias eram quase sempre providas de finalidade. Quando menos, pretendia honrar uma divindade ou prestar uma homenagem a um amigo.

Podemos admitir que Horácio praticou uma *poesia engajada*, quando, nas seis primeiras odes do Livro III, juntamente com Virgílio, se anuncia colaborador de Augusto na obra de saneamento e reconstrução do Império Romano. Vemo-lo recomendar à juventude as virtudes morais, guerreiras e religiosas dos antepassados, repelindo os costumes contemporâneos. Na bela ode 1ª do Livro III (*Carmina non prius audita* — versos não antes ouvidos), canta a igualdade de todos os homens, de que é prova incontestável a morte, que não escolhe a quem chamar:

Omne capax movet urna nomen.

a urna ampla agita todo nome.

O ideal patriótico aparece na ode 2ª do Livro III, em que o poeta recomenda aos jovens as mais belas virtudes guerreiras, depois de censurar a juventude enfraquecida e sem entusiasmo. O esplendor de Roma, o aproveitamento da vida, os amores atraíam mais do que a manutenção da grandeza do império. Movido por essa decadência da força guerreira dos jovens, Horácio escreve este verso que é dos mais belos de toda a sua obra, dos mais significativos, dos que mais refletem seu ideal de patriotismo:

Dulce et decorum est pro patria mori. (III, 2, 13).

é doce e belo morrer pela pátria.

A moral epicurista pode ser resumida em poucas idéias: o poeta considera a brevidade da vida, a fatalidade, a necessidade de gozar moderadamente os prazeres

e de aproveitar o momento, que é passageiro. Encontram-se esses motivos em numerosas odes que quero citar pelo menos em parte:

1. Sobre a moderação nos prazeres (II, 3, 1-4):

Aequam memento rebus in arduis
Servare mentem, non secus in bonis
Ab insolenti temperatam
Laetitiam, moriture Delli.

Ó Délio, tu que hás de morrer
lembra-te de conservar um ânimo igual,
na adversidade como na prosperidade,
comedido da excessiva alegria.

2. A brevidade da vida e a igualdade de todos perante a morte estão nestes versos da ode 4ª do Livro I:

Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres. O beate Sesti,
Vitae summa brevis spem nos vetat inchoare longam.

A pálida morte toca com o pé igualmente as casas dos pobres e os palácios dos reis. O feliz Séstio, a brevidade da vida impede-nos de construir uma longa esperança!

3. A vida é breve, aproveitamos a vida! Esse é um motivo universal que a literatura consagrou na frase de Horácio "Carpe diem". Encontramo-lo na ode 11 do Livro I. Encontramo-lo também em outras odes de Horácio, representado na fragilidade da vida das rosas. Ricardo Reis explora esse motivo ao qual volta a todo momento. A ode de Horácio deve ser conhecida inteira:

Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi,
Finem di dederint, Leuconoe, nec Babylonios
Tentaris numeros. Ut melius quidquid erit pati!
Seu plures hiemes, seu tribuit Jupiter ultimam,
Quae nunc oppositis debilitat pumicibus mare
Tyrrhenum, sapias, vina liques et spatio brevi
Spem longam reseces. Dum loquimur, fugerit invida
Aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.

Não indagues, Leucónoe, ímpio é saber
a duração da vida
que os deuses decidiram conceder-nos,
melhor é suportar
tudo o que acontecer.
Quer Júpiter te dê muitos invernos,
quer seja o derradeiro
este que vem fazendo o Mar Tirreno
cansar-se contra as rochas,
mostra-te sábia, clarifica os vinhos,
corta a longa esperança,
que é breve o nosso prazo de existência.
Enquanto conversamos,
foge o tempo invejoso.
Desfruta o dia de hoje, acreditando
o mínimo possível no amanhã.

(Trad. de Péricles E. E. Ramos) 5

4. *Carpe diem* é o símbolo da moral horaciana, mas não o é menos a *aurea mediocritas*, que serviu de motivo a Ricardo Reis e que se encontra na ode 10ª do Livro II do vate latino:

Auream quisquis mediocritatem
Diligít, tutus caret obsoleti
Sordibus tecti, caret invidenda
Sobrius aula.

Todo aquele que escolhe a justa medida,
preciosa como o ouro, vive seguro das torpezas
de uma casa pobre; vive na moderação,
longe dos palácios que o vulgo inveja.

5. O motivo do amor envolve toda a lírica horaciana. A leitura das odes mostra-nos que Horácio não teve amor, mas amores. Não amou uma mulher; amou as mulheres. Outros poetas de sua época celebraram em sua poesia uma única mulher, de tal modo que os conhecemos pelas duplas: Catulo e Lésbia, Tibulo e Délia,

5. Cf. *Poesia Grega e Latina*. S. Paulo, Editora Cultrix.

Propércio e Cíntia. Horácio, porém, consagrou várias mulheres: Lídia, Cloé, Pirra, Leucónoe, Lálage, Glicera, Neera e muitas outras. Mas, apesar de tantos amores, parecia descrever das mulheres e delas, na verdade, só esperava o prazer.

6. A obra de Horácio é inesgotável. É uma obra imortal. O poeta tem consciência disso e, cheio de orgulho, faz o seu próprio elogio. Se a obra de Horácio é um monumento no conjunto da literatura latina, a ode 30 do Livro III é um monumento no conjunto da obra:

Exegi monumentum aere perennius,
Regalique situ pyramidum altius,
Quod non imber edax, non Aquillo impotens
Possit diruere aut innumerabilis
Annorum series et fuga temporum.
Non omnis moriar, multaque pars mei
Vitabit Libitinam. Usque ego postera
Crescam laude recens, dum Capitolium
Scandet cum tacita virgine pontifex.
Dicar, qua violens obstrepit Aufidus,
Et qua pauper aquae Daunus agrestium
Regnavit populorum, ex humili potens
Princeps Aeolium carmen ad Italos
Deduxisse modos. Sume superbiam
Quaesitam meritis et mihi Delphica
Lauro cinge volens, Melpomene, comam.

Ergui um monumento
mais duradouro do que o bronze, mais soberbo
que o régio vulto das pirâmides, alheio
ao vento, à chuva, à sucessão sem fim dos anos,
ao tempo em fuga.

Não morrerel de todo:
parte de mim há de evadir-se aos ritos fúnebres.
Crescerel, sempre novo, com o louvor futuro,
enquanto ao Capitólio ascendam o pontífice
e a virgem silenciosa.

Eu que de pais humildes
nasci onde violento o Aúlio estrondeia
e o Dauno sobre povoações de agricultores
reinou escasso de águas, eu serei famoso:
sim, hão de celebrar-me

por ter sido o primeiro
a usar o metro eólio na poesia itálica.
Não escondas, ó Musa, o orgulho que te cabe
por teu merecimento, e cinge minha fronte
com os louros de Delfos.

(Trad. de Péricles E. S. Ramos)

3. *Projeções horacianas em Ricardo Reis*

Interrompo os comentários sobre Horácio e pretendo ter mostrado o modelo do poeta português. Pretendo ter levantado os principais motivos que aparecem nos exercícios clássicos de Ricardo Reis, exercícios que deviam deixar plenamente realizado o mestre Caeiro.

Convém observar agora algumas projeções da temática horaciana na obra de Ricardo Reis. Tomemos os costumes pedagógicos greco-romanos e observemos como conviveram Caeiro e Ricardo Reis.

Na verdade, Alberto Caeiro é um simpatizante do classicismo, se não um profundo conhecedor da cultura greco-romana. A imitação clássica não passaria de um motivo poético de Pessoa, e o poeta o faz em todos os sentidos. À maneira das célebres duplas de preceptor/discípulo da civilização grega ou latina, encontramos aqui a dupla Caeiro/Ricardo Reis. Conhecemos já traços da personalidade de Pessoa, que, como se lê em Jacinto do Prado Coelho, era “retraído, com vocação para viver isolado, sem compromissos, sempre disponível para as aventuras do espírito...”. E ainda: “Subtil conversador de café, parece inepto para a vida sentimental; apenas se lhe conhece o namoro burguês de poucos meses com

uma datilógrafa".⁶ Esse caráter permitiu uma autoafirmação afetiva com o desenvolvimento de um amor narcisista. Ricardo Reis é uma projeção de Caeiro, que nele se contempla e se compraz.

Esse aspecto de Ricardo Reis é uma projeção horaciana. Muitos são os poemas em que Horácio retrata a pedagogia ainda vigente à sua época: a iniciação do jovem pelo convívio mestre/discípulo. Diz-nos Marrou que não se trata de inversão erótica, pois tanto os gregos quanto os romanos a abominavam. "Para o homem grego, a educação residia essencialmente nas relações profundas e estreitas que uniam, pessoalmente, um espírito jovem a um mais velho — que era, ao mesmo tempo, seu modelo, seu guia e seu iniciador..."⁷

Pretendo que o aspecto homossexual da obra de Caeiro e Ricardo Reis seja apenas um exercício de pedagogia clássica, isto é, não vá além de motivo poético.

É notável o poema didático de Alberto Caeiro *O Guardador de Rebanhos*,⁸ em que o poeta é um pedagogo, à maneira dos gregos ou dos latinos. Seu estilo aproxima-se do das sátiras de Horácio. Nele encontramos, na teoria, o que mais tarde Ricardo Reis aproveitará em suas odes. Fala de Deus e fala de Cristo. Nesse poema, Jesus é o *puer delicatus* dos latinos, mas, no fundo, o *puer delicatus* é Ricardo Reis, que Caeiro educa como um preceptor latino. Esse aspecto de Pessoa é também uma imitação de Horácio, que mostra aqui e ali, em suas odes, a existência de companheiros mais

6. COELHO, J. C. Fernando Pessoa. In: *Dicionário de Literatura Brasileira, Portuguesa, Galega e de Estilística Literária*. 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978.

7. MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antigüidade*. 4ª reimpressão, São Paulo, E.P.U. — Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1975. p. 59.

8. PESSOA, Fernando. *O Eu profundo e os outros eus: seleção poética*. Seleção e nota editorial / de / Afrânio Coutinho. 6ª ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1978. p. 135.

jovens a quem deveria oferecer a sua tutela e dos quais sentia ciúme, como se pode ver na ode 8ª do Livro I. O poeta repreende Lídia, porque esta afastara Síbaris dos exercícios honestos, envolvendo-o num amor pernicioso. Na ode 4ª do Livro I, exorta o seu amigo Séstio sobre a brevidade da vida e diz-lhe que não mais admirará o terno Lícidas: "nec tenerum Lycidam mirabere...". A relação mestre/discípulo de Caeiro/Ricardo Reis aparece no poema-resposta, de teoria epicurista sobre a brevidade da vida, em que Ricardo Reis se dirige a seu preceptor:

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Já encontramos em Horácio a presença das flores como símbolo da brevidade da vida. Ricardo Reis faz desse motivo um refrão, no conjunto de sua poesia. O motivo aparece no poema-resposta e especialmente nesta ode que vale a pena ler:

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas —
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

Marca o estilo de Ricardo Reis o verso ou a frase "Colhamos flores", que o poeta busca à poesia latina. Embora inspirado na ode horaciana, tudo indica que essa expressão foi tomada por Ricardo Reis ao poeta latino Ausônio, que, no poema *De Rosis Nascentibus*,

celebra o espetáculo do nascimento das rosas e termina com este dístico monumental:

Collige, virgo, rosas, dum flos novus et nova pubes

Et memor esto aevum sic properare tuum. (v. 49-50)

Colhe, virgem, as rosas, enquanto a flor está nova e nova a tua mocidade, e lembra-te de que tua vida tem a duração não menos curta. (Trad. de Paulo Rónal)

Nem sempre o poeta Ricardo Reis espelha as teorias do mestre latino. Pelo menos duas vezes, em dois aspectos, o poeta português diverge de Horácio. A bela ode horaciana *Exegi monumentum aere perennius* “encontra uma réplica numa ode de Reis, em que este pondera que é o próprio mundo que, projetando-se na mente do poeta, cristaliza na obra e lhe assegura a perenidade”.⁹

Seguro assento na coluna firme
Dos versos em que fico,
Nem temo o influxo inúmero futuro
Dos tempos e do olvido;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
Os reflexos do mundo,
Deles se plasma torna, e à arte o mundo
Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
Seu ser, durando nela.

Por outro lado, Reis “em coisa alguma faz lembrar o Horácio violento e libertino, que troça, injúria, pragueja, o Horácio realista das sátiras, o Horácio das odes cívicas interessado na expedição de Augusto contra os Bretões ou na campanha contra a dissolução dos

9. COELHO, J. P. *Unidade e Diversidade em Fernando Pessoa*. 5ª ed., São Paulo, Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p. 45.

costumes em Roma" (J.P.C.).¹⁰ Ao verso horaciano *dulce et decorum est pro patria mori*, Ricardo Reis replica com

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que a glória e a virtude.

4. Conclusão

Essas reflexões permitem-me voltar às palavras iniciais para resolver a questão do enquadramento de Reis na galeria dos clássicos. Fernando Pessoa é um modernista que brinca de clássico e, para se expressar, cria um poeta clássico, Ricardo Reis, mas um clássico rebelde, que, ao grito "é doce e belo morrer pela pátria", responde

«Prefiro rosas, meu amor, à pátria».

Segundo Jacinto do Prado Coelho, o classicismo de Reis não passa de "divertimento estético ou figuração simbólica, horacianismo intencional (op. cit. p. 46).¹¹

Para terminar, confesso que ao leitor das obras latinas agradam as odes de Ricardo Reis mais do que o conjunto da obra dos outros heterônimos de Fernando Pessoa, exatamente porque em Ricardo Reis está uma projeção de Horácio que é um dos poetas mais conhecidos e mais apreciados da antiguidade.

10. *Idem.* p. 46.

11. *Idem.* p. 46.

PORQUE, SEGUNDO ELIOT,
CAMÕES NÃO É UM CLÁSSICO

PORQUE, SEGUNDO ELIOT, CAMÕES NÃO É UM CLASSICO

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Debate com o Prof. Hénrio Morgan Birchall, a propósito de sua palestra intitulada *Camões e o conceito de «clássico» de T.S. Eliot*, na III Semana de Estudos Camonianos realizada pelo Centro de Estudos Portugueses da FALFE, em maio de 1980.

Estudamos hoje uma questão que não é nova, pois nos foi legada pela antigüidade latina: o significado de *classicus*. Nos primitivos tempos de Roma, a palavra designava a primeira das cinco partes em que Sêrvio Túlio dividira a população da cidade. Ao significado sociológico e político do vocábulo juntou-se a idéia de excelência e prestígio. Mais tarde, no século II d. C., *classicus* aparece em *Noctes Atticae* de Aulo Gêlio, na expressão *classicus scriptor*, utilizada para exprimir o conceito de escritor excelente e modelar (Cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1967. p. 351).

Aplicado à literatura, o termo *clássico* designa a época compreendida pelos séculos XVI, XVII e XVIII, quer dizer, os períodos do Renascimento, do Barroco e do Neoclassicismo (cf. Jacinto do Prado Coelho. *Classicismo*. In: *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega, Brasileira e de Estilística Literária*. 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1978), época que pode definir-se “por um ideal de clareza, de sobriedade,

de nobreza, de calmo equilíbrio, de harmonioso acabamento..." (idem, ibidem).

No desenvolver da crítica literária, acompanhamos a evolução do conceito de clássico. Ora designa os escritores que atingiram a maturidade, ora os autores modelares, ora simplesmente os escritores da literatura latina ou grega, ora os autores adotados nas classes das instituições escolares, ora ainda a antítese *clássico/romântico*. Não são poucos os autores que se ocupam da definição de clássico, bastando lembrar o excelente capítulo de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura*, que nos leva a *De l'Allemagne*, de Mme. de Staël, a *Qu'est-ce que le classicisme?* de Henri Peyre. Basta lembrar *Le Génie du Christianisme* de Chateaubriand, bem como os livros ou artigos do Prof. Hernâni Cidade, um dos maiores estudiosos do classicismo e particularmente de Camões.

Faltava-me um contato com o excelente e revolucionário trabalho (excelente porque revolucionário) de T.S. Eliot *What is a classic?* Tive-o, na leitura e exame da palestra do meu mestre e amigo Prof. Hênnio Morgan Birchall, que agora acabamos de ouvir e que se intitula *Camões e o conceito de "clássico" de T.S. Eliot*. Tive-o na leitura direta do artigo de Eliot, em tradução francesa de Henri Fluchere.

Em seu trabalho, o Prof. Hênnio arrola todos os passos que julga necessários e bastantes para a análise de *clássico* que pretende fazer. Nesses passos facilmente encontra a colocação do poeta Virgílio. Mas estranha a "maneira omissiva" do ensaísta inglês, "de excluir Ovídio e Horácio". Enquanto defende o enquadramento dos dois poetas latinos no conceito eliotiano de

clássico, esquece-se de que Eliot é também “omissivo” quanto ao poeta português. Talvez o faça de propósito o meu prezado professor, porque quer ele próprio aplicar ao autor d’Os Lusíadas as idéias que Eliot aplicou a Virgílio.

Muito acertado andou o professor e admirável foi o seu trabalho, quando levantou as idéias essenciais de *clássico* contidas no ensaio e as aplicou a Camões, quer lírico, quer épico. Tais conceitos, diz ele, constam das páginas 9-10 e 19-21 da edição que consultou. Atesto ainda a referência e a citação das páginas 22 e 25.

Ocorreu-me ler terceira ou quarta vez o ensaio e observar que não basta o que consta dessas páginas, porque, nas intermediárias, o poeta inglês ou aplica a Virgílio os conceitos emitidos ou os nega a autores ingleses, franceses e italianos. Diante disso, quero acrescentar à excelente análise apresentada pelo Prof. Hênnio alguns dados tirados das páginas intermediárias, o que me autoriza a desejar para Camões o título de *clássico*, sim, de *clássico*, mas não de *clássico universal* como pretendeu o conferencista na página 6 de seu trabalho.

A partir deste momento, mencionarei a versão francesa de Henri Fluchere, *Qu’est-ce qu’un classique?* In: *Essais choisis*. Paris, Editions du Seuil, 1950. p. 339-363.

Eliot admite a existência de dois tipos de clássico, quando diz: “Distinguirei entre o clássico universal, como Virgílio, e aquele que só é clássico em relação a outra expressão literária em sua própria língua, ou segundo a visão que tem da vida num período particular” (p. 342). Tal distinção só nos permite considerar Camões um clássico relativo, como volta o poeta a dizer em nova classificação na página 357.

Mas vejamos em resumo as qualidades de uma obra clássica mencionadas por Eliot: 1) Maturidade de espírito; 2) maturidade de costumes; 3) maturidade da língua; 4) perfeição do estilo comum. Além disso, o clássico deve ser *universal*.

Procedendo por partes, o Prof. Hênnio analisa a obra de Camões das *Redondilhas* a *Os Lusíadas*, para concluir que o grande vate português é um clássico universal. Não parece provável, de acordo com as entrelinhas de Eliot. Mas o autor de *What is a classic?* não fala de Camões, nem apenas menciona seu nome, o que é lamentável. É lamentável que o ensaísta desconheça *Os Lusíadas* ou é lamentável que ele menospreze a literatura portuguesa. De qualquer maneira, partamos desta realidade: Eliot não fala de Camões. Mas, se falasse, diria que não é um clássico, como o disse claramente de Milton, de Shakespeare, de Racine e de Dante.

Vejamos, quanto ao amadurecimento do espírito, o que diz Eliot na página 343: “A maturidade de uma literatura é o reflexo da maturidade da sociedade em que essa literatura se formou: um autor individualmente — Shakespeare e Virgílio sobretudo — pode fazer muito para desenvolver sua língua, mas não pode levar esta língua à maturidade, a menos que o trabalho de seus predecessores tenha preparado o terreno para que ele ajunte seu toque final. Uma literatura madura tem então uma história atrás de si: história que não é apenas cronologia, acumulação de manuscritos e escritos de toda espécie, mas progresso ordenado, embora inconsciente, progresso de uma língua para realizar as virtualidades que estão nela, no interior de seus próprios limites”. Ora, a língua latina, estili-

zada na Eneida, possui uma história que ultrapassa os limites dos primeiros textos. Desses limites até Virgílio decorreram mais de dois séculos,¹ durante os quais a floração épica foi ponto de destaque. Inicialmente a tradução latina da *Odisséia*. Em seguida, o poema épico *Bellum Punicum*, do poeta Névio, ainda escrito no rude, desconhecido e inculto verso itálico, o *saturnino*. Como coroamento, a grande epopéia de Ênio, *Annales*, em métrica grega. Esse período conheceu a tragédia e a comédia grega. O período seguinte, ainda antes de Virgílio, desenvolveu a oratória e celebrizou o nome de Marco Túlio Cícero. Este mesmo período conheceu a lírica didática de Lucrécio e a poesia amorosa dos *neóteroi* ou poetas novos, de que é representante máximo Catulo, autor de um carme de apenas um dístico sobre as contradições do amor: "Odi et amo. (...)" Odeio e amo. Toda essa história de grandes poetas prepara a Eneida de Virgílio.

Os *Lusíadas* não têm essa história que Eliot considera necessária. Não confundamos história com fontes. Os predecessores não são obrigatoriamente fontes, mas etapas no amadurecimento de um poeta. A propósito, reporto-me à belíssima página de Teófilo Braga no livro *Camões e o Sentimento Nacional*, p. 64, e leio que "em volta dos *Lusíadas* agrupou Camões como episódios as mais belas tradições da história portuguesa, que são a parte viva e característica

1. No texto original, lido perante a platéia e, posteriormente, publicado no Suplemento Literário do Minas Gerais de 14-6-80, lê-se *quase quatro séculos*. O Prof. Hênrio Birchal advertiu para a impropriedade, lembrando que, de 240 a.C. até Virgílio, há pouco mais de 200 anos. Diga-se, então, corretamente, *mais de dois séculos*.

da feição nacional: as lendas de D. Affonso Henriques, como a visão de Ourique, a fidelidade do seu aio Egas Moniz, a praga de D. Thereza sua mãe, a palma sobre a sepultura do cavalleiro Henrique...". E o autor continua lembrando fatos de igual teor. Mas nenhum desses fatos foi tratado em grandes obras anteriormente a Camões. A literatura portuguesa celebra e com razão a belíssima obra dos Cancioneiros Medievais. Mas podemos observar que há um salto desses cancioneiros para a obra camoniana, mormente para *Os Lusíadas*. Acredito que a língua dos *Lusíadas*, que passa a ser modelar, é mais uma imitação do estilo virgiliano, introduzido pelo Renascimento, do que um amadurecimento do português em evolução. Há muita distância entre a língua dos cancioneiros ou de Gil Vicente, e a d'*Os Lusíadas*. Camões fixou padrões lingüísticos buscados nos clássicos latinos e não nos precursores da própria língua. Podemos lembrar a tragédia *Castro* de Antônio Ferreira, mas com a objeção de que é a única obra poética que consta das fontes dos *Lusíadas* (cf. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto Editora, 1975). Por outro lado, Fidelino de Figueiredo, em *A Épica Portuguesa no século XVI*, p. 10, dá-nos um elenco das epopéias portuguesas, das quais a mais antiga data de 157?. Nenhum registro épico, em português, relativo ao período anterior a Camões. Concluímos que a obra é uma criação renascentista imitada de Virgílio, e não amadurecida no cadinho da língua portuguesa.

Ainda sobre a maturidade, na p. 350 lemos: "maturidade de espírito: exige uma história e um sentido de história. O sentido de história só pode ser despertado se há uma outra história

diferente da do povo do poeta..." Neste passo, surpreende-nos ainda o poeta de *O Crime na Catedral* com um dado novo: história de um povo diferente. Aqui remonto ao trecho em que o Prof. Hênnio, na p. 9, coloca *Os Lusíadas* como obra universal, por "consubstanciar uma tradição não apenas nacional". E continua: "A Eneida concretiza uma cultura de mil anos — tantos os que vão da guerra de Tróia ao século I a. C. *Os Lusíadas* os absorvem e somam-lhes os mil e quinhentos outros de cultura cristã." Muito bem. Muito bonito e muito impressionante, mas não parece muito convincente. Vejamos: o assunto da *Eneida* é de fato a história de Roma, desde a guerra de Tróia até Augusto, enquanto o assunto d'*Os Lusíadas* é de fato a história de Portugal, mas que não se inicia na guerra de Tróia, nem no império de Augusto. Ao invés de Camões absorver os 2.500 anos, o que me parece mais claro é a sobrevivência de Virgílio. Tudo indica que a influência de Virgílio é que se projeta sobre os anos subsequentes, até a época de Camões ou até nossos dias. Na verdade, após a época de Virgílio, a cultura latina perdeu seu vigor, de tal modo que mal podemos apontar alguns grandes autores. A epopéia de Lucano, *Bellum Civile*, ou *Pharsalia*, longe está da perfeição do mantuano. Sêneca, o filósofo, reelabora os temas da tragédia grega e se projeta sobre o futuro, sobrevivendo no teatro elizabetano. Com o Renascimento, voltam os autores do século I a.C., sobretudo Cícero, Virgílio, Horácio, Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio e Tito Lívio. Do século I d.C., revive o teatro de Sêneca. Mas a obra de Camões não contém esses anos de cultura. Contém, isso é certo, a cultura de um momento mais próximo

do poeta, à imitação de Virgílio. O que traz de Horácio e Ovídio é-lhe apenas modelar, porque a sua história é a história de seus dias.

Quando Eliot define o que é *estilo comum*, só podemos confirmar que Camões se enquadra em sua definição: "Entendo por estilo comum não o que nos faz dizer: 'eis um homem de gênio que se serve da linguagem', mas: "eis quem realiza o gênio da língua".

Dispensso-me de discorrer sobre a maturidade e perfeição da língua, porquanto sinto que os conceitos de Eliot facilmente se aplicam à língua e estilo de nosso poeta. Mas não me furto a um comentário sobre a *universalidade*, pois é com esse conceito que Eliot nega a Camões o título de clássico e é também com ele que lho podemos atribuir.

Recapitulemos o que está na página 357: há um clássico relativo, que diz respeito apenas à língua em que o poeta escreveu, e há um clássico absoluto, que se relaciona com algumas outras línguas. Eliot exemplifica com a diferença que separa um clássico como Pope de um clássico como Virgílio. Camões é clássico na literatura portuguesa, mas não é um clássico universal. Virgílio é um clássico universal, porque se projeta sobre Camões, Petrarca, Milton, Shakespeare, Dante² etc., enquanto nenhum desses se projeta um sobre o outro. Nenhum desses é universal.

2. Na página 350, fica claro que Eliot considera clássico também a Dante, quando diz: «se o clássico é realmente um ideal digno, deve ser capaz de exibir uma amplitude, uma universalidade (...), plenamente presentes no espírito medieval de Dante». Tal opinião é retomada por Ernest Robert Curtius em *Literatura Européia e Idade Média Latina*. R. Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1957. p. 364.

Diante de uma comunidade de cultura inglesa, em que existe uma consciência de classicismo, Eliot teve a coragem de afirmar que Milton não é clássico, e o provou sem desmerecer da grande obra, orgulho dos ingleses. Semelhante ousadia tenho eu para, diante de um auditório de camonistas e camonófilos, dizer que, pelas mesmas razões por que Eliot diz que não são clássicos Rabelais, Racine e Molière, também não é clássico Camões. Minha conclusão não entra no mérito do autor de "Sôbolos rios..." ou de "Alma minha gentil que te partiste", não diminui em nada a grandiosidade do episódio de *Inês de Castro* ou do *Velho do Restelo*.

Parece-me que Eliot quer dizer que ainda não temos uma cultura portuguesa, ou inglesa, ou francesa etc., mas uma grande cultura europeia, de 2.500 anos, da qual é figura mais importante Públio Virgílio Marão.

Caro Prof. Hênrio, pode parecer impossível, mas é verdade: lançamos mãos, ambos, da mesma fonte e chegamos a conclusões contrárias. Diz o senhor que "o testemunho escrito de Thomas Stearns Eliot concluirá (...) que, ao lado de Virgílio, de quem é o maior discípulo, *Luís Vaz de Camões* é um *clássico universal*". De minha parte, declaro que o testemunho do mesmo Eliot concluirá que Camões *não é um clássico universal*. Mas não deixa de ser um clássico, um clássico relativo, na conceituação do próprio Eliot.

Quero concluir, com um abonamento de Jacinto do Prado Coelho (Classicismo. In: *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega e de Estilística Literária*): "E só depois de empreendido o esforço humanístico de re-

fundição da língua na escola da latinidade é que a expressão poética (cerca de 1560: Camões) e a expressão em prosa (cerca de 1620: R. Lobo, Fr. Luís de Sousa) atingiram a maturidade, a segurança, a plenitude que tornam esses autores *modelos*, logo, *em certo sentido*, autores clássicos (i. é: de primeira plana, dignos de estudo e de imitação)".

ÍNDICE

<i>APRESENTAÇÃO</i>	7
<i>AUTOBIOGRAFIA DE FLAVIUS JOSEPHUS</i>	
Rubens dos Santos.....	9
<i>ESTRUTURA MÉTRICA EM HORÁCIO E EM RICARDO REIS</i>	
Oscarino da Silva Ivo	121
<i>OS MOTIVOS DA LÍRICA HORACIANA E A POESIA DE RICARDO REIS</i>	
Johnny José Mafra.....	137
<i>PORQUE, SEGUNDO ELIOT, CAMÕES NÃO É UM CLASSICO</i>	
Johnny José Mafra.....	153

INDEX

7		THE NEW YORK
		NEW YORK, NEW YORK, NEW YORK
10		NEW YORK, NEW YORK
		NEW YORK, NEW YORK, NEW YORK
124		NEW YORK, NEW YORK
		NEW YORK, NEW YORK, NEW YORK
137		NEW YORK, NEW YORK
		NEW YORK, NEW YORK, NEW YORK
157		NEW YORK, NEW YORK

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG



PUBLICAÇÃO Nº 041

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

Edição da

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

